

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



**O ESPAÇO PSÍQUICO NA PSICOSE:
SUA EXPRESSÃO NO RORSCHACH**

Nome do Autor

Joana G. Fernandes

N ° de Aluno

9765

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Psicologia

Especialidade em Clínica

2008

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

O ESPAÇO PSÍQUICO NA PSICOSE: SUA EXPRESSÃO NO RORSCHACH

Joana G. Fernandes

Dissertação orientada por Professora Doutora Maria Emília Marques

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia

Especialidade em Clínica

2008

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professora Doutora Maria Emília Marques, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Clínica conforme o despacho da DGES, nº19673/2006 publicado em Diário da Republica 2ª série de 26 Setembro, 2006.

À Professora Doutora Maria Emília Marques por me ter orientado através de um percurso que nem sempre foi fácil. Pelas correcções e sugestões que me possibilitaram chegar a novos pensamentos e conclusões. Pelo dito e o não dito, pela presença e partilha de ideias. Mas, sobretudo, pela descoberta do Rorschach, e de uma linguagem da Psicologia que agora sinto que me pertence, que me estrutura e onde desejo crescer.

A todos aqueles professores que, de alguma forma ou de outra, me marcaram ao longo do curso, que me levaram a novas ideias, novas formas de ver o mundo, em especial ao Dr. Pedro Aleixo que me deu a conhecer as teorias e os autores que constituem as bases teóricas deste trabalho.

Às colegas que se transformaram em amigas de intensas e apaixonadas discussões sobre as coisas que o mundo nos vai mostrando e que nós vamos mostrando ao mundo, à Andreia, à Joana...

Aos amigos de sempre...à Ana, à Andreia, à Carolina e ao Diogo, ao David, ao Hugo, à Marta, ao P.T. e ao Ricardo...

Ao Alexandre que me conheceu no meio do “caos” e que sempre acreditou que dele eu conseguiria criar ordem...aqui está.

À minha família por me ter dado espaço para crescer...

RESUMO

Este trabalho visa aceder às manifestações do espaço psíquico na patologia psicótica através do Rorschach.

Neste sentido, procedeu-se a uma análise de um protocolo Rorschach de um adulto com patologia psicótica de 28 anos de idade. A revisão de literatura constituiu-se como a base para a criação de procedimentos que permitiram a definição e o enquadramento do objecto de estudo.

O Rorschach, quando utilizado para além do seu potencial diagnóstico, possibilita uma compreensão das características e qualidades da mente, permitindo, por isso, o estudo das manifestações do espaço psíquico.

Partindo da teoria revista foram criados parâmetros de análise que nos pareceram pertinentes e adequados para uma análise do que pretendíamos estudar: a *incapacidade de diferenciação*, a *incapacidade de conter* e a *incapacidade de representação*. Através destes eixos de análise tentámos integrar os movimentos e processos subjacentes ao nosso objecto de estudo que nos pareceram mais relevantes, sendo que todos eles são passíveis de uma expressão no Rorschach.

Ao longo do protocolo somos confrontados com a expressão de uma indiferenciação, uma confusão eu / não-eu, com grandes dificuldades em conter a frustração e a angústia inerentes à prova que não vão permitir a formação de símbolos. Perante estas condições a experiência do espaço psíquico sofre grandes alterações. No seu lugar, encontramos um *não espaço*, um verdadeiro *buraco negro* onde não há pensamento, nem crescimento.

Palavras-chave: Dimensionalidade, Espaço Psíquico, Psicose, Rorschach

ABSTRACT

In this work we intend to study the manifestations of the inner space in psychosis and its expression on the Rorschach.

Thus, it was made an analysis of a Rorschach protocol of an adult with psychotic pathology aged 28. Based on a literature review a group of proceedings were created which allowed us to define and structure our study object.

The Rorschach, when used beyond its diagnostic possibilities, enables us to understand the characteristics and qualities of the mind, therefore it becomes possible to study the manifestations of the inner space.

Using the review of literature as a starting point we came to three major concepts that seem to be central to the impossibility of experiencing inner space in psychotic pathology: the *incapacity of differentiation*, the *incapacity to contain* and the *incapacity of representation*. Through these concepts we tried to integrate the movements and processes underlying our study object and to study its expression on the Rorschach.

All through the protocol we are confronted with a confusion between the *i / not-i* and with great difficulties to contain the frustration and anxiety caused by the situation, which are not going to allow the emergence of a symbol formation. So, the experience of inner space suffers severe alterations. Instead of a true inner space we found a *non space*, a *black hole* where there is no thinking activity and no growth.

Key-words: Dimensionality, Inner space, Psychosis, Rorschach

ÍNDICE

1.INTRODUÇÃO.....	1
2.O ESPAÇO PSÍQUICO NA PSICOSE.....	7
2.1.O Espaço – Breve História do Conceito.....	7
2.2.O Espaço Psíquico.....	13
2.2.1.O Nascer de um Novo Conceito.....	13
2.2.2.A Geografia da Mente.....	16
2.2.3.A Ontogénese da Dimensionalidade Psíquica.....	17
2.2.4.O Espaço (e o Tempo) Como Reflexos da Relação.....	21
2.3.O Inconsciente, o Infinito e as Múltiplas Dimensões.....	24
2.3.1.O Inconsciente.....	24
2.3.2.O Infinito.....	27
2.3.3.As Múltiplas Dimensões.....	28
2.4.O Espaço Psíquico na Psicose.....	30
2.4.1.A Psicose.....	30
2.4.2.O Espaço Psíquico na Psicose.....	35
2.5.Considerações Teóricas Finais.....	39
3.FORMULAÇÃO DO PROBLEMA.....	43
4.METODOLOGIA.....	47
4.1.O Rorschach.....	47
4.2.Procedimentos.....	54
4.2.1.A Incapacidade de Diferenciação.....	58
4.2.2.A Incapacidade de Conter.....	63
4.2.3.A Incapacidade de Representação.....	66
4.3.Apresentação do Sujeito.....	69
4.4.Análise e Interpretação do Protocolo.....	70
4.4.1.Análise Cartão a Cartão.....	70
4.4.2.Análise do Psicograma.....	80
4.4.3.Análise Global do Protocolo.....	84
4.5.Discussão do Protocolo.....	86
5.CONCLUSÕES.....	97

6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	103
7.ANEXOS	
7.1.Anexo A: O Protocolo de Rorschach.....	109
7.2.Anexo B: O Psicograma.....	112

1.INTRODUÇÃO

Como os homens que partiram em busca de novas terras também nós tivemos a curiosidade de conhecer mais. Com os pés assentes nas bases dos conhecimentos que fomos apreendendo decidimos ir em busca de novas fontes, novas ideias, novos mundos. Ficámos perdidos na imensidade do novo, fascinados por vezes, cheios de dúvidas e angústias por outras. Não foram poucas as vezes em que nos afastámos com medo, do fosso entre a frustração e a idealização, mas continuámos e seguimos à procura das coordenadas deste novo mundo e com a coragem suficiente para enfrentar os *Adamastores* que lá poderíamos encontrar.

O conceito de espaço psíquico, mais propriamente a forma como este espaço é vivido na patologia psicótica, surgiu-nos como esse novo mundo a explorar. Através do Rorschach, instrumento que nos fascina pelas possibilidades infinitas de múltiplos olhares, pretendemos então, com este trabalho, pensar a forma como o espaço psíquico é vivido na psicose.

Optámos por seguir, essencialmente, as concepções psicanalíticas, já que foi por elas que entrámos em contacto com ambos os conceitos, espaço psíquico e psicose. Tivemos então a vontade e a oportunidade de aprofundar o conhecimento que já trazíamos connosco e de lhe dar uso, isto é, de o tentar aplicar neste estudo de carácter teórico-prático.

O espaço psíquico foi-se então, pouco a pouco, transformando no nosso objecto de estudo. O que significa este conceito e qual a sua importância para o sujeito psicológico foram as questões que primeiro nos guiaram. A noção de alterações ao sentido de espaço, tão patentes nos sintomas clínicos de claustrofobia ou de agorafobia, levaram-nos a considerar este conceito como um de importância central para a vivência que o sujeito tem consigo e com o mundo e contribuíram para suscitar a curiosidade para este estudo, num primeiro momento.

A psicose, por sua vez, aparece aqui como a patologia na qual vamos tentar compreender a forma como este espaço psíquico se manifesta. Escolhemo-la, talvez, porque foi através dela, dos estudos realizados sobre esta patologia, que compreendemos de forma mais clara qual a importância das bases que formam o nosso psiquismo e o que acontece quando não estão presentes ou bem estabelecidas. Escolhemo-la também porque aquilo que temos vindo a aprender sobre esta patologia nos permitiu olhar para aquilo que nos assusta com outros olhos,

tentar ir para lá da loucura e da doença mental, tentar compreender o que parecia incompreensível.

Assim sendo, à medida que íamos lendo e procurando as bases teóricas do nosso trabalho sobre o espaço psíquico, a psicose pareceu-nos mais e mais a patologia que deveríamos escolher. Por um lado, constituía-se como uma das mais citadas nos estudos relacionados com a problemática do espaço e, por isso, teríamos bases teóricas para sustentar o nosso trabalho prático. Por outro, o que líamos sobre a relação entre o espaço e a psicose transformava-se cada vez mais num ponto de interesse e suscitava uma nova forma de olhar para o espaço psíquico.

Desde modo, antes de mais, impôs-se a conceptualização daquele que é o nosso objecto de estudo, o espaço psíquico, uma procura de compreensão deste conceito para, num segundo momento, percebermos a forma como é vivido na patologia psicótica. Impôs-se então uma pesquisa teórica que nos permita, na parte prática deste estudo, operacionalizar o conceito e estudar as suas manifestações num protocolo Rorschach.

Logo, primeiramente, fomos à procura dos conhecimentos que contribuíram para a construção deste conceito. Antes de olharmos para o espaço psíquico, partimos em busca de conhecimentos que nos ajudassem a entender o que é o espaço para melhor compreendermos os pensamentos que deram origem ao nosso objecto de estudo. Os registos dos primeiros pensadores, a evolução dos pensamentos a que a história deu origem, aparecem aqui então como as bases e as contribuições às quais a Psicanálise foi beber na construção do conceito de espaço psíquico.

Filosofia, Cosmologia, Física e Matemática, vão assim abrir as portas ao nosso trabalho já que se constituem como influências de peso no pensamento dos psicanalistas a que vamos recorrer. Procurámos cingir-nos às contribuições mais significativas para o nosso estudo, com a noção de que ao fazê-lo poderíamos não transmitir a completude da teorização sobre o espaço defendida pelos autores. Assim sendo, optámos por deixar de lado a relação do conceito de espaço com questões religiosas já que, apesar do papel central que estas assumem no pensamento dos primeiros filósofos, nos afastariam dos nossos objectivos. Esta primeira parte do nosso trabalho organiza-se então, fundamentalmente, à volta de duas grandes questões.

O que é o espaço? Na(s) resposta(s) a esta questão as várias ciências, as diferentes formas de pensar o que nos rodeia e o que somos vão-se interligar ao longo da história da construção deste conceito. O espaço exterior e a forma como este pode ser medido vai dar origem ao conceito de dimensões espaciais que a Psicanálise vai posteriormente utilizar para

pensar o espaço da mente. Nesta primeira aproximação ao nosso objecto de estudo, o conceito de dimensionalidade e a sua evolução ao longo dos tempos vai-se constituir como um dos eixos centrais deste trabalho.

Qual a relação entre o espaço exterior e o conceito de espaço pensado e criado pelo Homem? Será o espaço absoluto ou relativo? Será totalmente idêntico à estrutura do espaço real do Universo ou será um conceito totalmente fundado no sujeito? Esta relação transforma-se assim na segunda questão que vamos pensar nesta abordagem ao conceito de espaço e vai servir de base às concepções psicanalíticas. Nestas será então transposta para as relações entre o interno e o externo, o sujeito psicológico e o mundo que o rodeia, fantasia e realidade e vai também constituir outro conceito central para este trabalho, o conceito de relação.

No segundo capítulo debruçamo-nos então sobre o conceito de espaço psíquico, tentamos, também aqui, traçar a história do seu aparecimento na Psicanálise e justificar a sua relevância enquanto conceito e enquanto razão de ser o nosso objecto de estudo. As concepções de Meltzer, Grotstein e Bion, apoiadas na teoria das relações de objecto e nos trabalhos de Melanie Klein, guiam-nos neste capítulo em que as questões relacionadas com o desenvolvimento do espaço psíquico, a maturidade dimensional e a aquisição da identidade espacial ocupam um papel central.

O terceiro capítulo deste trabalho, por sua vez, é dedicado aos trabalhos sobre o espaço psíquico e sobre a dimensionalidade espacial desenvolvidos por Matte-Blanco. Os conceitos de infinito, de Inconsciente e de dimensões múltiplas, ao serem trabalhados através das lógicas postuladas por Matte-Blanco e pensados através dos princípios de simetria e assimetria, vão proporcionar uma outra visão sobre o conceito de espaço psíquico e da forma como este se manifesta, constituindo-se como contributos importantes para a parte prática do nosso trabalho.

No quarto capítulo da parte teórica procuramos, primeiramente, compreender a psicose, baseados também nas concepções psicanalíticas pós-kleinianas para, num segundo momento, abordamos as teorias sobre a psicose e o espaço psíquico. Os trabalhos desenvolvidos por Bion, Grinberg, Benedetti e Grotstein encontram-se destaque. Do mundo psicótico, ou do mundo da parte psicótica da personalidade, como postulado por Bion, emergem então as características de uma patologia regressiva, com relações objectais perturbadas e confusionais, onde o ódio à realidade e à relação e a intolerância à frustração são dominantes. Neste estado mental, onde não há lugar para a emergência do símbolo e do pensamento, o espaço psíquico encontra-se também perturbado, transformado. Deste modo, na segunda parte deste capítulo

procuramos pensar esta vivência através dos conceitos de *não espaço*, *claustrum* e *buraco negro* postulados pelos diferentes autores.

O quinto e último capítulo do parte teórica tem então como objectivo ligar e relacionar as questões centrais dos primeiros quatro capítulos. Está organizado em dois eixos essenciais, por um lado, o desenvolvimento do espaço psíquico, a experiência dimensional e a aquisição da tridimensionalidade, centrando-se nas condições necessárias para que este desenvolvimento ocorra. E, por outro, o que acontece ao espaço psíquico na psicose e quais as características que estão presentes nesta alteração na vivência do espaço.

Desta forma, após a constituição da nossa pesquisa teórica partiremos para a formulação do problema, onde, a partir dos dados da revisão de literatura, vamos pensar as questões que vão guiar a parte prática do trabalho. Aqui será então pensada a forma como esperamos que a experiência do espaço psíquico se vá expressar no sujeito escolhido para este estudo, de acordo com os dados teóricos de que dispomos.

Este capítulo irá assim dar lugar à parte metodológica do trabalho. Nesta começaremos por introduzir e definir a metodologia na qual o nosso trabalho se insere, ou seja, por uma explicitação do estudo qualitativo e da pertinência da nossa escolha. É na mesma linha de pensamento que vamos, num segundo momento, descrever o instrumento, o Rorschach, para delinear a forma como vamos proceder perante esta prova para estudarmos o espaço psíquico na psicose.

Mediante um protocolo Rorschach propomo-nos assim a pensar a forma como o espaço psíquico é vivido na patologia psicótica. Privilegiamos deste modo, a qualidade em relação à quantidade, bem como o subjectivo em relação ao objectivo. Longe de ambicionarmos qualquer generalização, este trabalho está a ser realizado numa lógica diferente da psicométrica, não sendo por isso relevante a significância da amostra em termos de uma quantidade que nos permitisse ampliá-la à população geral. Centramo-nos, por outro lado, numa lógica próxima do estudo de caso, não o sendo também verdadeiramente, já que se trata mais de um estudo de protocolo, um momento específico através do qual vamos tentar compreender uma característica específica.

O Rorschach irá servir-nos como o meio onde se vai expressar o espaço psíquico. Entendemo-lo como um instrumento auxiliar que nos permite aceder aos processos dinâmicos de funcionamento mental concebidos a partir dos modelos de relação, de crescimento e de pensamento sustentados nas concepções de ligação e transformação (Marques, 1999).

Instrumento privilegiado na avaliação psicológica em Psicologia Clínica, o Rorschach, como nos diz Marques (1998), estabeleceu-se ao longo dos tempos à volta de dois paradigmas,

um psicométrico e um fundado na interpretação. É por este último que vamos seguir, o paradigma interpretativo, no qual os elementos de análise estão apoiados nos pressupostos teóricos da Psicanálise.

Partindo da nossa pesquisa teórica teremos então de criar procedimentos que nos permitam pensar o nosso objecto de estudo no Rorschach. Dotá-lo de novos meios que nos permitam ir além da análise clássica e nos possibilitem pensar e trabalhar o nosso conceito. Procedimentos esses que devem ser apoiados e submetidos, clara e inequivocamente, a princípios de clareza e simplicidade e de coerência e convergência entre os pressupostos teóricos e os princípios metodológicos (Marques, 1999). Só assim poderemos atingir os nossos objectivos e justificar a razão de ser do nosso estudo, para não cair no risco de “quanto menos percebermos mais interpretarmos”. As nossas bases teóricas em coerência com o método escolhido servem-nos então simultaneamente como fontes e limites, são os guias e mapas do espaço-tempo deste trabalho.

Assim, será a partir dos conceitos extraídos da parte teórica e formulados em questões centrais de pesquisa na formulação do problema que vamos constituir os parâmetros de análise para o Rorschach. Os conceitos de incapacidade de diferenciação, incapacidade de conter e incapacidade de representação destacados como características da psicose que vão impossibilitar a vivência do espaço psíquico são aqui utilizados como eixos de análise e operacionalizados de forma a serem estudados no Rorschach.

Na fase seguinte iremos então “olhar” para o nosso sujeito através da lupa do Rorschach e analisar o protocolo. Através de uma análise cartão a cartão, momento a momento, através de uma análise dos movimentos que ocorrem ao longo da situação projectiva, vamos procurar construir um outro texto, a partir do texto criado pelo sujeito, que nos permita compreender a narrativa que este protocolo nos conta.

No Rorschach vai ser posta à prova a capacidade do sujeito se ver simultaneamente como diferente e como igual ao outro, de tolerar a angústia e a perda de objecto, de vivenciar a ausência e de, a partir desta, criar um novo objecto, numa actividade de transformação, ligação e simbolização. São, desta forma, os reflexos, as sombras projectadas por este espaço mental interno sob a tela da situação projectiva que vamos tentar captar.

Uma das questões centrais deste trabalho será então, *O que acontece ao espaço psíquico na psicose?* Partimos do pressuposto de que sendo a psicose uma patologia na qual a relação com a realidade se encontra perturbada também iremos encontrar uma vivência perturbada do espaço psíquico. Como é que essa vivência se irá revelar, qual a experiência dimensional do sujeito? Terá ou não possibilidades de aceder ao mundo tridimensional? O que iremos

encontrar no lugar onde deveria estar o espaço, o espaço para pensar e para criar, o espaço que delimita o que somos e nos mostra o Outro? São estas as principais questões que iremos abordar na revisão de literatura e as quais, num segundo momento, vamos tentar compreender à luz do Rorschach.

Chegaremos então às últimas etapas deste trabalho, a discussão, parte final do capítulo da metodologia, onde iremos pensar os dados obtidos na análise do protocolo mediante os parâmetros de análise estabelecidos anteriormente.

Iremos assim analisar as possibilidades de estabelecer uma diferenciação, de exercer uma função de continência e de formar símbolos expressa pelo sujeito no Rorschach. Será a partir da ausência ou da presença, mais ou menos acentuadas, destas características, que poderemos então pensar a vivência do espaço psíquico e a experiência da dimensionalidade no sujeito deste estudo e que poderemos procurar responder às questões do nosso trabalho.

Por último, chegados ao capítulo final deste trabalho, a conclusão, iremos pensar o ponto de partida e o ponto de chegada do nosso trabalho. Aqui procuraremos pensar se, de facto, conseguimos aceder à expressão do espaço psíquico através do Rorschach e se encontrámos as alterações à experiência espacial esperadas.

Ao sujeito escolhido para este estudo tentaremos então uma aproximação à forma como este vive o seu espaço psíquico, à forma como este vive a sua relação com o mundo, tentaremos lançar uma luz nesse espaço-tempo único e singular, nessa relação estabelecida mediante a técnica projectiva Rorschach. Luz essa que esperamos e acreditamos que nos possa ajudar a pensar algumas das nossas perguntas.

2.O ESPAÇO PSÍQUICO NA PSICOSE

2.1.O Espaço - Breve História do Conceito

As primeiras referências que encontramos sobre o conceito de espaço remontam à Antiguidade Grega, mais especificamente, chegam-nos através dos registos dos primeiros filósofos.

A noção clássica do conceito de espaço surge com Platão (427-347 a.c.) que o denomina de *khora* (intervalo, lugar, receptáculo). Este filósofo não atribui qualquer realidade ideal ao espaço abstracto, mas talvez pelo contacto com os pitagóricos, atribui-lhe as propriedades do espaço geométrico (Legrand, 1983). O conceito de espaço é aqui definido como princípio de ser, o receptáculo potencial ou matriz universal para receber as formas ideais dos corpos (Alves, 1990).

Já para Aristóteles (384-322 a.c.), o espaço é um lugar ou um sítio, o “lugar” de um corpo é entendido como o limite interno de um outro corpo que o contém. A esfera das estrelas fixas assinala os limites do universo, para além dos quais não há espaços. Nenhum volume pode ser maior do que esta esfera, nenhum limite pode prolongar-se para lá do seu diâmetro. O mundo físico, possuidor de todas as três dimensões possíveis (altura, largura e profundidade), seria perfeito e finito, porque nada lhe faltaria (Abbagnano, 1976). O espaço, para este autor, não é uma substância mas um sistema de sítios definidos pela relação contido-continente entre os corpos (Ghins, 1990).

Até à Idade Média o pensamento de Aristóteles vai dominar as principais correntes do pensamento filosófico e científico. Nicolau de Cusa (1401-1464), um filósofo do Séc. XV, que ficou conhecido por ser um dos primeiros a questionar o modelo geocêntrico do mundo, vai-se destacar ao rejeitar a teoria aristotélica e ao caracterizar o universo como indeterminado. Afirma ainda que não podendo o universo ser objecto de uma ciência total e precisa, apenas podemos ter um saber parcial e relativo sobre ele (Koyré, 1961).

Copérnico (1473-1573), por sua vez, faz também uma crítica a Aristóteles e à sua teoria de que “fora do mundo não há nem corpo, nem lugar, nem espaço vazio, de facto nada aí existe”, por lhe parecer verdadeiramente estranho que alguma coisa possa estar contida no nada (Koyré, 1961, p.38).

E, Giordano Bruno (1548-1600) vai ficar para a história ao afirmar a infinidade do universo, onde existiriam outros planetas para além da Terra, contribuindo assim largamente para uma nova concepção acerca do espaço (Koyré, 1961).

Na Renascença vemos então uma substituição da concepção aristotélica de espaço pelo espaço da geometria euclidiana – extensão homogênea e necessariamente infinita – daqui em diante considerada como idêntica, na sua estrutura, ao espaço real do universo (Koyré, 1961).

Com Descartes (1596-1650) o papel central da geometria mantém-se, e o mundo, tal como o espaço euclidiano, não tem limite, é *indefinido*. Porém, as suas concepções do espaço não são muito diferentes das defendidas por Aristóteles. Para Descartes, o mundo é composto por matéria e movimento e esta matéria é idêntica ao espaço ou extensão, logo o mundo apenas contém extensão e movimento: “A natureza de um corpo tomado em geral não consiste em ele ser uma coisa dura, ou pesada, ou colorida, ou que nos toca os sentidos de qualquer outro modo, mas em ele ser uma substância alongada em comprimento, largura e profundidade.” (cit por Koyré, 1961, p.102).

Nesta perspectiva, a própria existência do espaço enquanto entidade distinta da matéria que o preenche é negada. Para Descartes os corpos não se encontram no espaço, mas sim entre outros corpos (Koyré, 1961).

Henry More (1614-1687), um filósofo profundamente influenciado pelo atomismo rejeita a identificação cartesiana da extensão e da matéria. Numa concepção muito vinculada à religião, pretende evitar a geometrização cartesiana do ser e salvaguardar a distinção entre o espaço e as coisas que se encontram no espaço, que se movem no espaço e não apenas umas em relação às outras. Segundo More (cit por Koyré, 1961, p.128), “o espaço sem matéria é uma ideia não só aceitável, mas até mesmo necessária ao nosso espírito”. Para este autor, a ausência de matéria e o infinito são conceitos indissociáveis do conceito de espaço:

O espaço não é apenas eterno, simples e uno. Ele é também completo (...) Ele é além disso não somente eterno, mas também independente, não somente da nossa imaginação (...) mas também de qualquer outra coisa, e não está ligado a nenhuma outra coisa, nem suportado por nenhuma, mas ele é quem recebe e sustenta tudo como sítio e seu lugar (cit. por Koyré, p.149).

Ainda assim, a teoria cartesiana vai continuar a ter uma maior influência, Espinosa (1632-1677) é um dos filósofos que a sustentam, mas acrescenta a distinção entre a extensão tal

como ela se apresenta aos sentidos e é representada pela imaginação daquela que é percebida pelo entendimento (Koyré, 1961).

Contudo, Newton (1642-1727) parece interessar-se pela concepção de espaço defendida por More. Afirma que o espaço e o tempo são verdadeiros e matemáticos e que são, de certa forma, opostos ao tempo e ao espaço do senso comum. Seriam o espaço e o tempo inteligíveis por oposição ao espaço e ao tempo sensíveis. Daqui resulta a distinção entre o espaço e o tempo relativos (do senso comum) e o espaço e o tempo absolutos, verdadeiros e matemáticos. Estes últimos seriam absolutos na sua natureza, isto é, sem relação com o exterior, manter-se-iam sempre semelhantes e imóveis, não possuindo outros lugares que não eles próprios (Koyré, 1961).

Berkeley (1685-1753), por sua vez, critica o conceito de espaço e tempo absolutos de Newton por ser impensável, para este autor, uma realidade não susceptível de percepção. “O exame fisiológico do movimento não implica a existência de um espaço absoluto distinto daquele que é percebido pelos sentidos e se refere aos corpos.” (cit. por Koyré, 1961, p.214).

Leibniz (1646-1716) também não concorda com o conceito de espaço absoluto de Newton, mas ao contrário de Berkeley, numa lógica próxima do pensamento cartesiano. No seu entender, o espaço é uniforme e tem a ver com a ordem dos corpos. É uma função dos corpos e onde não há corpos também não há espaço, o espaço é uma relação. Para este autor, o espaço é, em si mesmo, uma coisa ideal, tal como o tempo (Mora, 1991).

Ainda assim, apesar dos movimentos críticos à teoria de Newton é esta que vai dominar no final do séc. XVII. O mundo da matéria apresenta-se então como “uma máquina cujas operações se podem determinar exactamente por meio de leis físicas e matemáticas, um mundo estático e eterno a flutuar num espaço vazio (...)” (Santos, 1987, p.17).

Os conceitos de vazio e de infinito pareciam estar definitivamente associados aos conceitos de espaço e de universo. E, aos poucos e poucos, a igualdade que até então se observava entre os conceitos de espaço e de universo tendia a desaparecer. Cada vez mais o conceito de universo se aproximava da Física e das investigações experimentais. Por outro lado, o conceito de espaço começava a ser estudado sobre ângulos diferentes consoante o objecto de estudo da disciplina em questão e a teoria defendida pelos seus autores.

Na Filosofia, as questões relacionadas com a relação entre o Homem e o espaço tornavam-se cada vez mais centrais. Kant (1724-1804) ao pensar sobre os conceitos de espaço e tempo vai considerá-los como formas *apriori* da nossa intuição sensível, que conferem unidade à pura diversidade dos dados sensoriais (Barraquin & Lafitte, 2000). O espaço e o tempo aparecem aqui, não como propriedades das coisas nem conceitos formados

por abstracção, mas como os quadros necessários de toda a intuição sensível, pertencendo a uma idealidade transcendental.

De acordo com Legrand (1983), é a partir de Kant que a realidade do espaço, isto é a identidade entre o espaço dos géometras e o da intuição, que desde as primeiras teorias acerca do espaço era dominante, começa a ser posta em dúvida. As teorias realistas acerca do espaço começam a dar lugar às teorias idealistas. Estas últimas defendem, grosso-modo, que o espaço é uma forma pura ou ser ideal que só pode existir no sujeito e que está fundido psicologicamente nele (Alves, 1990).

A par com estas concepções teóricas, os desenvolvimentos da geometria vêm mostrar que a geometria euclidiana não é a única possível. Durante o séc. XIX, os desenvolvimentos da geometria não euclidiana (Lobatchevski-Bolyai, Riemann) demonstraram a possibilidade de diferentes espaços matemáticos (com mais de três dimensões). A partir desta altura, a concepção de um espaço exclusivamente euclidiano torna-se insustentável, este passa a ser mais um sistema entre os outros (Ghins, 1990).

Albert Einstein (1879-1955) vem confirmar as ideias de diferentes espaços acima referidas e introduzir uma verdadeira revolução no paradigma científico até então dominante (Santos, 1987). Através da teoria da relatividade, Einstein defende que não havendo simultaneidade universal (relatividade do tempo), o tempo e o espaço absolutos de Newton deixam de existir. O tempo e o espaço deixam de ser invariantes com a mudança do sistema de referência, passando a ser dependentes das velocidades relativas dos sistemas de referência dos observadores. Logo, dois acontecimentos simultâneos num sistema de referência não são simultâneos noutra sistema de referência.

Deste modo, o tempo, que até ao momento era estudado como uma entidade próxima e relacionada com o espaço, mas independente deste, passa a ser considerado como a quarta dimensão. De acordo com Einstein, o tempo não existe antes dos acontecimentos, é gerado por eles e, dado que os acontecimentos ocorrem no espaço, o espaço e o tempo são solidários (Jacquard, 1997). O espaço e o tempo tornam-se assim indissociáveis, formando um todo, o espaço-tempo.

A partir de Einstein, a Física e a ciência em geral vão sofrer enormes modificações e avanços. O estudo dos sistemas físicos ao nível da escala atómica, a Física Quântica e os desenvolvimentos da astrofísica tornam-se cada vez mais complexos. Aumenta também a descoberta de fenómenos relacionados com o espaço e com o tempo e com o funcionamento do universo, como é, por exemplo, o fenómeno do buraco negro, conceito que também irá ser utilizado pela Psicanálise e a que vamos recorrer mais à frente, neste trabalho.

Mais recentemente, Heisenberg (1901-1976), um físico muito influenciado pelas teorias kantianas, vai afirmar que os conceitos de espaço e de tempo são aquisições. Contudo, estas devido à sua estabilidade e ao seu papel essencial no domínio dos fenómenos pelos homens, bastam para lhes conferir atributos semelhantes, na prática, aos do *apriori* kantianos. Este autor acrescenta ainda que estes conceitos “amadurecidos no decurso de um longo debate” formam hoje a própria armadura da linguagem e que, até em ciência, é somente através deles que se pode obter informações provenientes do que quer que seja, do que se fez e do que se aprendeu (D’Espagnat, 1993, p.45).

No decurso desta pequena história acerca do espaço que aqui traçámos observamos várias modificações, um desenvolvimento que nada tem de linear ou fácil de perceber. Podemos olhar, actualmente, para o espaço e, mais propriamente, para o conceito de espaço, que é aqui o nosso objecto de estudo, de diferentes ângulos, mas nem sempre foi assim.

Desde a Antiguidade Grega, o conceito de espaço não se mostra muito distante do conceito de universo, como podemos ver na revisão que em cima fizemos e a forma como este espaço / universo é constituído parece ser a maior preocupação dos filósofos.

O espaço aparece, deste muito cedo, em estreita relação com o espaço geométrico, pode ser medido e compreendido através das três dimensões. O espaço é aqui o espaço físico real, que não vai para lá daquilo que os nossos olhos alcançam e daquilo que podemos medir. E, para além da possibilidade de “matematizar” o real, a única ideia que parecia também estar presente nestas concepções era a do espaço enquanto continente para receber os corpos, que em Aristóteles tinha o seu limite máximo na esfera das estrelas fixas.

Os desenvolvimentos da ciência vão, poderíamos dizer, aumentar este espaço até ao infinito e este ganha definitivamente as propriedades do espaço geométrico euclidiano. Com Descartes, esta atitude mantêm-se e este chega mesmo a negar a existência do espaço enquanto tal.

Ainda assim, a diversidade de pensamentos dá os seus frutos. More dá ao espaço um lugar primordial, de facto para More o espaço *é o lugar* e na concepção de Espinosa vemos uma importante mudança em relação ao pensamento até então. Para Espinosa, há várias formas de pensar a extensão de Descartes, uma da imaginação e da sensação e outra do entendimento, a necessidade de diferenciar os espaços começa assim a acentuar-se.

Com Newton, o espaço torna-se absoluto, sem qualquer relação com os corpos, sem qualquer relação com a forma como é percebido, torna-se uma verdade matemática. Tanto Leibniz como Berkeley não concordam com este espaço sem relações e, cada um à sua

maneira, tentam trazer o espaço de volta aos corpos e às mentes. Mas é Einstein, algum tempo mais tarde, que vai enfim destronar o absolutismo do espaço e colocá-lo em relação aos acontecimentos e em conjunto com o tempo.

O espaço da Física, onde acontecem os fenómenos, começa a diferenciar-se do espaço da Filosofia onde as teorias idealistas começam a ser predominantes. Nestas últimas, o espaço está fundado no sujeito, sendo para Kant uma categoria *apriori* da mente, necessária e indispensável para perceber o mundo.

Actualmente uma visão do espaço como algo que é totalmente entendido através das três dimensões parece ser inconcebível. O espaço ganhou o infinito no contacto e desenvolvimento a par com os avanços da Matemática e da Física e, também através destes, parece ter perdido o absoluto.

Tanto para a Física como para a Filosofia, o espaço (tal como o tempo) parece estar ligado aos acontecimentos e àqueles que neles participam. Como nos diz Matte-Blanco (cit. por Pereira, 1998, p.139), “a noção Newtoniana de espaço absoluto, foi substituída pelo conceito originado por Leibniz e expresso na Física por Einstein, do espaço enquanto sistema de relações”. Na Filosofia, a posição mais satisfatória, na actualidade, é aquela que entende a concepção de espaço como o resultado de uma actividade de nossa mente, que tem por base o mundo externo e transcendente. O espaço é a forma na qual a mente traduz certas relações, é uma indicação ou pista do mundo externo que passou para a rede da nossa mente: uma pista da correspondência entre algo do nosso pensamento e algo do mundo externo (Matte-Blanco, 1975).

O conceito de espaço não parece assim, poder ser definido, actualmente, nem como algo totalmente diferenciado do corpos que o constituem, independente do sujeito, nem algo totalmente dependente deste como defendem as teorias idealistas. Será algo que está fundado na relação entre ambos.

E será, de acordo com esta visão actual, através desta relação, através dos acontecimentos que geram pensamentos e vice-versa que se irá construir este conceito de enorme importância para perceber o mundo que nos rodeia e a forma como o apreendemos.

Partindo daqui, vamos agora estreitar o nosso objecto de estudo, do conceito de espaço da Antiguidade Grega, ao espaço da Cosmologia, ao espaço da Física e, por último, da Filosofia, vamos agora para o conceito de espaço psíquico. Noção psicanalítica que se funda na mesma razão de todos estes espaços, o desejo de conhecer mais e a indiscutível importância deste conceito para a compreensão do mundo, dos seres que nele habitam e das ideias que nele se formam.

2.2.O Espaço Psíquico

2.2.1. *O Nascer de um Novo Conceito*

Na Psicanálise o conceito de espaço psíquico ou espaço mental, como também é designado, não foi um dos primeiros a surgir. Tal como na história que traçamos no primeiro capítulo, a ideia sobre o espaço psíquico foi aparecendo aos poucos, à medida que o caminho se apresentava aberto e favorável ao seu desenvolvimento.

Segundo Meltzer (1974), Freud nunca concebeu a mente como um sítio ou um espaço, por ter dificuldades em conceptualizar algo de muito concreto, o dentro da mente como um espaço / sítio onde as coisas podem realmente acontecer e não apenas ser imaginadas. Ainda assim, o conceito de espaço não deixou de ser mencionado pelo pai da Psicanálise. Freud, em 1938, faz uma referência ao conceito de espaço, na qual afirma que o espaço resultaria da projecção do próprio aparelho psíquico (Dias, 1983).

O tema do espaço mental ganha um maior interesse a partir do desenvolvimento do trabalho psicanalítico com crianças. O trabalho de Melanie Klein veio mostrar que as crianças, em particular as que sofriam de psicoses, falavam de espaços, mais especificamente, de um espaço muito especial sentido de uma forma muito concreta, o espaço dentro de si próprios, nos seus corpos e dentro dos corpos das suas mães (Meltzer, 1974).

Com Klein e com os autores que vão seguir as suas linhas de pensamento, começa-se a pensar o sujeito em termos das relações fantasmáticas com os objectos internos e externos, começa-se a pensar em termos daquilo que ficou conhecido como as *relações de objecto*. O mundo interno, povoado de objectos que têm por base o mundo externo e as relações da criança, torna-se um dos principais focos de atenção. Esta relação entre o interno e o externo, e entre a fantasia e a realidade, centrada em todos os processos que aí se podem observar, tem então um enorme desenvolvimento.

De acordo com Meltzer (1974), a partir das descobertas sobre o mundo de fantasia da criança feitas por Melanie Klein, a história psicanalítica que se veio então a desenvolver também poderia ser chamada como a história da identificação projectiva e dos processos de clivagem.

A identificação projectiva, mecanismo inicialmente descrito por Klein em 1930, num artigo denominado “A importância dos símbolos no desenvolvimento do ego” foi descrito como um dos primeiros mecanismos de defesa do ego. Consiste num processo de fantasia

omnipotente de uma clivagem (separação) e projecção de uma parte do self num objecto externo ou interno, donde resulta uma identificação ao objecto de uma forma imediata e de certa forma alucinatória (Meltzer, 1974).

Estes mecanismo revelou-se, de facto, de enorme utilidade para compreender o funcionamento mental. Primeiro pensado como um processo unicamente psicótico ou como um mecanismo essencialmente utilizado nos primeiros meses de vida, naquilo que foi descrito por Klein como a posição esquizo-paranóide, veio a ser-lhe também atribuído um sentido mais positivo, enquanto responsável pela capacidade de introspecção e de empatia (Grotstein, 1985). É, por isso, considerado essencial para perceber os estados de espírito do outro, um mecanismo central na comunicação mãe-bebé e na comunicação em geral.

A clivagem, por sua vez, pode ser definida como a actividade através da qual o ego distingue as diferenças entre o self e os seus objectos ou entre si próprio e os objectos. Tal como a identificação projectiva é um mecanismo de defesa fundamental e primário no desenvolvimento. Implica uma fantasia inconsciente através da qual o ego se pode separar / clivar da percepção de um aspecto indesejado de si próprio ou então clivar o objecto em dois ou mais objectos de forma a polarizar qualidades que não podem ser misturadas (o bom e o mau, por exemplo) (Grotstein, 1985).

Através do trabalho feito com base nestes mecanismos os trabalhos sobre o pensamento, normal e patológico, são imensamente desenvolvidos. É também a partir desta noção de identificação, do estudo das relações entre o interno e o externo e da análise dos processos que aí decorrem que a atenção se vai voltar para as questões do espaço psíquico e para forma como este se desenvolve e manifesta.

A propósito do tema do espaço psíquico, Meltzer (1974) escreve um artigo no qual começa por afirmar que no seu trabalho psicanalítico, as interpretações feitas com base na identificação projectiva em certos pacientes pareciam não estar a surtir qualquer efeito, nomeadamente naqueles que sofriam de autismo.

No seu trabalho com crianças autistas, Meltzer e Bick, uma psicanalista que dedicou grande parte do seu trabalho ao autismo, puseram como hipótese a existência de outro tipo de identificação, algo que estaria relacionado com a imitação. Após algum tempo de estudo com estas crianças, estes autores começaram a pensar estes fenómenos em termos de dimensionalidade e em termos de espaço, de relações espaciais e do seu efeito temporal nas relações. Perceberam então que estas crianças funcionavam como se não existissem espaços, havia uma colagem ao exterior, como se existissem apenas superfícies, duas dimensões (Meltzer, 1974).

Chegaram assim à conclusão de que nestas crianças a identificação projectiva não poderia ocorrer, pois não existia um espaço para o qual se pudesse projectar, nem um onde se pudesse colocar algo. Não existia uma relação com o espaço tridimensional. Existia apenas uma espécie de relação superficial na qual outro tipo de identificação estaria a ocorrer, chamaram-lhe *identificação adesiva* (Meltzer, 1974).

Ao olhar para o conceito de espaço e para as relações do sujeito com o espaço, estes autores começaram a compreender a forma como o usavam habitualmente e como isso poderia ser limitativo para a compreensão dos fenómenos mentais. A aquisição da tridimensionalidade e o desenvolvimento daquilo que se considera o espaço mental tornava-se um ponto de interesse.

No entender de Ignacio Matte-blanco, até ao momento em que se começou a despertar para o conceito de espaço psíquico, este tinha vindo sempre a ser utilizado de forma metafórica pela Psicanálise. O autor destaca alguns conceitos que nos remetem para uma utilização indirecta deste conceito, tais como os de “inconsciente profundo”, “superfície do aparelho mental”, “barreira”, “manter longe da consciência”, “retorno do recaiado”, “objecto interno”, “objecto externo”, “continente”, “explodir”, “fragmentar”, entre outros (Matte-blanco, 1975).

Contudo, ainda que a presença do conceito de espaço, desta metáfora espacial seja bem visível na utilização de diversos termos psicanalíticos, foi só quando se pensou nele especificamente que se pôde compreender a sua relevância clínica. Acresce ainda o facto de que todas as metáforas acima referidas manifestam a utilização mais habitual do conceito espacial, o espaço a três dimensões. Sendo, no entanto, altamente improvável, como nos diz Matte-Blanco (1975) e como Meltzer e Bick também pareciam ter constatado, que todos os fenómenos psíquicos possam ser explicados apenas em termos das três dimensões.

Com este acordar para o estudo do desenvolvimento do espaço mental, é introduzido um novo “vertex” na compreensão da vida mental, a *dimensionalidade psíquica* (Dias, 1983). Começa a poder falar-se de uma verdadeira identidade espacial, ou seja, o reconhecimento do Outro e do espaço psíquico na sua tridimensionalidade, tentando estabelecer a genética da sua aquisição.

Amaral Dias (1983) considera este tipo de identidade (a identidade espacial), que se funda no reconhecimento entre o dentro e o fora, como uma das primeiras a ser adquiridas e a identidade do Eu, no sentido de Erikson, uma identidade de síntese entre duas realidades, interna e externa.

Actualmente, considera-se então que o espaço psíquico compreende todo o conteúdo psíquico, que inclui, para além dos objectos internos, a representação dos acontecimentos e relacionamentos (Grotstein, 2000/2003). Pode ser pensado como uma metáfora da mente, como o plano de fundo de onde se destacam as figuras, os objectos e as relações entre eles. Como diz Grotstein (2000/2003), se percebermos a figura de fundo como o continente que emoldura a figura do primeiro plano e que ao fazê-lo, a define, podemos compreender como as características do espaço são importantes para o conteúdo mental.

Utilizando o modelo bioniano, o espaço psíquico pode ser percebido como composto pelo continente e o conteúdo (Grotstein, 2000/2003). Na perspectiva de Bion, os pensamentos, anteriores do ponto de vista evolutivo ao pensador, irão necessitar que a mente seja criada de modo a pensá-los. A mente aparece assim como o “continente” e o pensamento aquilo que é “contido” (Grotstein, 2000/2003).

Os “pensamentos à procura de um pensador” vão então gerar a necessidade de uma mente para pensá-los, dar-lhes significado e correlacioná-los criando assim, à semelhança do que os Homens fizeram à medida que iam descobrindo o mundo, um mapa que os organize e que, ao mesmo tempo, os ajude a encontrar os caminhos.

2.2.2.A Geografia da Mente

Deste modo, também os “Homens da Psicanálise”, quando em contacto com o espaço da mente, sentiram a necessidade de a “cartografar”. É a partir das descobertas que realçamos nos parágrafos anteriores que Meltzer (1975) vai desenhar a sua teoria sobre aquilo que chama de espaço vital da mente e a geografia da fantasia inconsciente. Num segundo momento, vai traçar o desenvolvimento da dimensão espacial partindo das fontes da emoção na percepção e na experiência e acompanhar também a relação com a dimensão temporal.

A geografia da mente proposta por Meltzer (1975) está organizada em quatro compartimentos: dentro do Self, fora do Self, dentro dos objectos internos e dentro dos objectos externos. A estes poderá por vezes, ou talvez sempre, ser ainda acrescentado o “lugar nenhum” do sistema de ilusões, que se encontra fora do campo gravitacional dos bons objectos.

Os primeiros quatro compartimentos são dimensões da realidade psíquica, enquanto que o quinto, o lugar nenhum não o é e não mantém nenhum vínculo dinâmico ou estrutural com os outros quatro (Meltzer, 1975). O autor denomina também este quinto compartimento como o mundo da esquizofrenia (Melzer, 1970).

O segundo compartimento, fora do self ou o mundo externo como também é chamado pelo autor, para além de ter uma realidade psíquica tem também uma realidade concreta que lida com processos de adaptação, fundamentalmente sem sentido (Meltzer, 1992).

Já o quinto compartimento é também sem sentido, mas de uma maneira diferente, sendo ilusório nos seus significados e bizarro nos seus objectos. É construído, peça por peça, em paralelo com a construção dos mundos da realidade psíquica. Contudo, enquanto os primeiros quatro mundos são construídos através da formação de símbolos bem sucedida e por introjecção dos símbolos recebidos, o sistema de ilusão é construído pela falha da formação do símbolo, aquilo que Bion chamou de “elementos beta com traços de ego e superego”, o reverso da função alfa (Meltzer, 1992).

A construção destes mundos é acompanhada pelo desenvolvimento das dimensões espacial e temporal. De seguida vamos abordar as teorias acerca do desenvolvimento destas dimensões, com especial à atenção à dimensão espacial.

2.2.3.A Ontogénese da Dimensionalidade Psíquica

*“É claro que estamos todos ali- disse o velho Qfwfq,
- senão, onde podia ser?
- Ainda ninguém sabia que poderia haver o espaço.
- E o tempo, idem: o que querem que fizéssemos do tempo,
- estando ali todos apertados que nem sardinhas em lata?
Eu disse “apertados que nem sardinhas em lata”
só para usar uma imagem literária:
na realidade não havia nem sequer espaço para estarmos apertados.
Cada ponto de um de nós coincidia com todos os pontos
de cada um dos outros num ponto único
que era aquele em que estávamos todos.”*

Calvino (1990, p.55)

De acordo com Grotstein (2000/2003), “a mente pode ser pensada como sendo caracterizada por dimensões ou coordenadas espaciais assim como as temporais, e estas dimensões ou coordenadas podem ser assinaladas num gráfico de coordenadas polares” (p.145).

Desta forma, para estudar a evolução e a ontogénese da dimensionalidade psíquica, tanto Meltzer (1975) como Grotstein (2000/2003) recorrem às noções da geometria, partindo do princípio de que nos movemos num espaço tridimensional e de que há uma evolução até esta

etapa, bem como falhas no processo evolutivo que resultam em regressões a momentos anteriores.

No “início da história” do desenvolvimento temos então o feto, num estado de equilíbrio ou harmonia com o seu ambiente circundante. Um estado de total simetria matemática, que graficamente pode ser representado pelo **ponto** (Grotstein, 2000/ 2003).

Esta é a dimensão nula da experiência espacial, ou a dimensão zero, que se caracteriza pela infinitude e eternidade espaciais. Não há aqui qualquer diferenciação entre o self e o objecto, na linguagem bioniana, o continente e o conteúdo são idênticos (Grotstein, 2000/2003).

De acordo com Grotstein (2000/2003), as expressões clínicas que remetem para esta dimensão são o pensamento solipsístico, concreto, sincrético, narcísico, o pensamento em processo primário, a fusão / confusão e a psicose.

À medida que o recém-nascido é exposto à experiência, o fenómeno da assimetria inicia o seu desenvolvimento. Segundo Grotstein (2000/2003), parecem então ocorrer duas vicissitudes no desenvolvimento das fronteiras da pele. Por um lado, temos a diferenciação sofisticada do aparelho sensorial perceptivo, por outro, a desdiferenciação por meio da identificação projectiva, que resulta na eliminação da percepção de fronteiras.

Há como que uma luta contra a percepção da separação, e é através do desenvolvimento da consciencialização e da tolerância do intervalo, no espaço e distância no tempo, entre as partidas e retornos da mãe, que se vai constituir o *baptismo da percepção do espaço* (Grotstein, 2000/2003).

Quando os bebés começam a aceitar a percepção da separação, a experiência do seu universo expande-se a partir do ponto de total simetria inicial. Porém, o desenvolvimento da consciencialização do recém-nascido, que é estimulada pelo crescimento e pela experiência, é irregular (Grotstein, 2000/2003).

Geometricamente, esta expansão assimétrica faz com que o ponto se transforme numa **linha**. Este universo da linha não deixa margem para ambiguidades, existe polarização da experiência espacial. A mãe ou se está a aproximar ou a afastar, e o afastamento da mãe boa é equivalente à aproximação da mãe má. É o domínio das fantasias inconscientes descritas por Klein (Grotstein, 2000/2003).

Estamos agora na primeira dimensão, onde o espaço é polarizado e o tempo intensamente específico. O estágio no desenvolvimento corresponde ao da percepção e aceitação da experiência por parte da criança e ao domínio polarizado da simbiose (Grotstein, 2000/2003).

Clinicamente esta dimensão transparece na ansiedade persecutória da posição esquizo-paranóide Kleiniana, no medo de ter sentimentos, na percepção aguda do tempo e a “urdidura temporal” do evento traumático.

Como nos diz Grotstein (2000/2003), a experiência de estar na primeira dimensão é a de não ter margens no comprimento ou na profundidade. É como estar preso numa armadilha, com uma visão do mundo onde só existe a escolha de um ou de outro. Não existem gradações de cinza, tudo é absoluto. Se a criança tem fome e está vazia então o seio é considerado cheio e vice-versa, predispondo o bebé a sentimentos de inveja. É um sistema fechado, semelhante ao hidráulico, que enfatiza as considerações quantitativas e não qualitativas.

Meltzer (1975), por sua vez, considera também que esta primeira dimensão não é um mundo favorável à emoção, excepto aquelas que se podem reduzir à simples polarização. A gratificação e a fusão com o objecto são ainda indiferenciadas.

Aos poucos e poucos inicia-se a diferenciação entre o self e o objecto. Este início de diferenciação determina a expansão da linha para o universo do **plano**. De acordo com Grotstein (2000/2003), este é o mundo do herói e da heroína dos livros de histórias e das personagens dos desenhos animados.

Deste modo, assim que a significação dos objectos é experimentada como inseparável das qualidades sensíveis que podemos receber das suas superfícies, uma concepção do self está necessariamente limitada e também o self será experimentado como uma superfície sensível (Meltzer, 1975).

A segunda dimensão da experiência é então caracterizada pelo achatamento do espaço e por um tempo rítmico e cíclico. Por sua vez, o estágio no desenvolvimento é o da diferenciação entre o self e os objectos (Grotstein, 2000/2003).

Os fenómenos psíquicos que remetem para esta etapa são as experiências e os objectos sentidos como planos, a personalidade e os relacionamentos “superficiais” (convencionais, estéreis), o achatamento afectivo e a apatia regressiva depressiva. Grotstein (2000/2003) afirma que quando os sujeitos que vivem nesta dimensão “escorregam do plano” dá-se uma catástrofe psíquica.

Utilizando as palavras de Meltzer (1975), esta superfície sensível pode ser maravilhosamente inteligente na percepção e na apreciação das qualidades de superfície dos

objectos, mas não tem os meios necessários para construir um pensamento sobre os objectos ou os acontecimentos diferentes daqueles que são experimentados por ela. A razão de tal limitação do pensamento e da imaginação reside na falta de um espaço interno no interior do psiquismo no qual o fantasma enquanto acção de ensaio, e por consequência o pensamento experimental, possa tomar lugar.

O self que vive num mundo bidimensional teria então um handicap na capacidade de memória, no desejo, na capacidade de prever e uma relação com o tempo circular, pois será incapaz de imaginar uma mudança durável e consequentemente um desenvolvimento ou uma paragem.

Caminhamos agora para a terceira dimensão. Segundo Meltzer (1975), uma vez a prova feita da resistência do objecto à penetração e desde que os problemas emocionais já não se situem de um lado ou do outro do objecto como uma folha de papel, a cena está montada para que apareça a ideia de orifícios dentro do objecto e do self.

A luta pode começar pela abertura ou fecho desses orifícios que são conhecidos de forma natural pela aplicação de força ou pela relaxação. A representação do mundo passa então a ter um novo grau de complexidade, uma representação tridimensional dos objectos e do self, um e outro contêm agora espaços potenciais (Meltzer, 1975).

Esta potencialidade de um espaço e logo a possibilidade de um continente não ser conhecido vai ser responsável pelo aparecimento de uma efectiva função esfíncter. Meltzer (1975) afirma que a capacidade do objecto para proteger e logo para controlar os seus próprios orifícios é uma condição indispensável para que o self avance para uma função de continência, tal como para a resistência à penetração agressiva.

É, pois, o desenvolvimento de um espaço potencial ou transicional (Winnicott, 1971/1975) que vai substituir a luta contra a percepção do tempo e do espaço, tão intensa anteriormente, e permitir à criança experimentar ou “brincar com” o espaço e o tempo com o objectivo de os controlar. E, quando o desenvolvimento prossegue para a posição depressiva kleiniana, o continente espacial da mente alcança uma vista em profundidade e com profundidade dos seus objectos (conteúdos), estamos então no domínio da terceira dimensão (Grotstein, 2000/2003).

A terceira dimensão é, portanto, a da profundidade e corresponde à realidade como normalmente a definimos. Geometricamente corresponde ao espaço tridimensional (**volume**). O estágio no desenvolvimento, por sua vez, corresponde à posição depressiva kleiniana na qual os objectos parciais se tornam objectos totais e os objectos internos se tornam representação de objecto.

As expressões clínicas que remetem para esta dimensão são a profundidade dos objectos, o pensamento simbólico e a identificação projectiva já na forma de deslocamento (Grotstein, 2000/2003).

O tempo, que inicialmente era indistinguível da distância na unidimensionalidade, sem vida mental e que, a pouco e pouco, começa a ter uma certa continuidade ou vaga circularidade, começa agora a ter uma tendência de direcção própria, que não está à mercê do interior vs o exterior do objecto (Meltzer, 1975).

Contudo, segundo Meltzer (1975), o exercício da onipotência continua devido à persistência da identificação projectiva e o tempo aparece como oscilatório nas concepções psíquicas do mundo. Para que este se modifique deve então atender ao movimento doloroso, e jamais totalmente atingido, de renunciar à identificação projectiva para se tornar unidireccional. O tempo terá então o peso implacável do destino, esse agente exterior operando ao acaso com as suas imprevisíveis consequências (Meltzer, 1975).

Desta forma, Meltzer (1975) considera a existência de uma quarta dimensão, na qual há um domínio da identificação introjectiva e o tempo se torna unidireccional. As identificações introjectivas são aquelas que passarão a tomar parte na constituição do Eu e na personalidade, encontrando-se na base da identidade do indivíduo (Grinberg, 1976/2001). Estas acontecem apenas quando está estabelecida a luta contra o narcisismo e é reduzida a onipotência através da qual a intrusão e o controle é imposto aos bons objectos. Nas palavras de Meltzer (cit. por Dias, 1983, p.38), “A renúncia à onipotência é a sua pré- condição, o tempo o seu amigo e a esperança a sua imagem de marca.”.

Esta quarta dimensão proposta por Meltzer, faz assim lembrar a teoria de Einstein na qual o espaço e o tempo formam um contínuo e na qual o tempo aparece como a quarta dimensão. Grotstein, por outro lado, afirma que o espaço último será o sentido do self e que este pode necessitar de expansão em dimensões além da terceira, de modo a levar em conta a síntese dos seus espaços componentes.

2.2.4.O Espaço (e o Tempo) Como “Reflexos da Relação”

As dimensões do espaço psíquico são desta forma reflexos da relação do self com os seus objectos, no eixo da representação interna, no sentido objecto-objecto interno. As coordenadas do espaço psíquico são os objectos mesmos, que têm uma relação

complementar com o perímetro, todos sob a égide de uma dicotomia conteúdo-contidente, flexível, alternante e envolvente (Grotstein, 2000/2003, p.162).

Esta evolução, desde a dimensão zero, de total unidade e simetria até e, possivelmente, para além da terceira dimensão da experiência espacial é também a história de como o sujeito cria e recria o mundo que o envolve, ao mesmo tempo que se cria a si próprio como diferente e único na sua singularidade.

Neste processo de construção da identidade torna-se necessário utilizar novos meios para conhecer o mundo, já que a aquisição, a experimentação e o conhecimento que se vai obtendo vai-se constituindo como base para futuras experiências. Assim sendo, à medida que se caminha da dimensão nula para a terceira dimensão, há uma mudança evolutiva no tipo de identificações. Da identificação primária à identificação adesiva, característica da bidimensionalidade, que irá então dar lugar à identificação projectiva e esta, por sua vez, à identificação introjectiva.

E, como em qualquer outra evolução, as várias dimensões da experiência espacial, bem como da temporal, são dinâmicas, coexistindo simultaneamente desde a nula até à terceira dimensão (Grotstein, 2000/2003).

Central ao conceito de espaço psíquico é então o conceito de diferenciação, entre o self e os objectos, entre o sujeito e o mundo que o rodeia. Na dimensão nula da experiência, espacial e temporal, não há qualquer espaço, já que não há qualquer diferença. É aos poucos e poucos, com avanços e retrocessos, medos e desejos de conhecer, que os objectos se começam a distinguir e a ganhar forma, a ter um espaço próprio na vida mental.

Segundo Grotstein (2000/2003), o baptismo da percepção do espaço constitui-se entre as partidas e retornos da mãe, acrescentando ainda: “O bebé que pode “conter” (tolerar) esse espaço na ausência dos seus objectos, o espaço na distância e no tempo, pode iniciar e expandir o seu sentido de espaço, podendo portanto tolerar a separação (e mantê-la)” (p.155).

Bion, que postula o espaço mental como uma coisa-em-si (em última instância incognoscível), considera que o desenvolvimento dos conceitos de espaço e de tempo se dá a partir de uma conjunção constante de factos experimentais em relação à presença e a ausência do objecto. Essa conjunção está impregnada de emoções toleráveis e isso permite assinalá-la como hipótese definidora (_) e (.)¹ que retém de forma não saturada a sua possibilidade de

¹ Para os conceitos de espaço e tempo Bion utilizou respectivamente os sinais (_) e (.). Estes símbolos representam o espaço e o tempo e ao mesmo tempo os objectos e as relações objectais. Podem assim expressar a “posição que o objecto ocupa no espaço e no tempo”(Grinberg et al., 1991).

ser usada como uma pré-concepção. Novas experiências emocionais conduzirão a formulações e conceitos cada vez mais complexos, com tolerância para a presença-ausência, “agora” e “não agora” e “aqui” e “não-aqui” (Grinberg, Sor & Tabak de Bianchedi, 1991).

Desta forma, para Bion (_) e (.) funcionam como pré-concepções que, em sucessivas realizações negativas, irão configurar cada vez mais toda a construção de símbolos na área do pensamento e na área da acção, lançando as bases para que as palavras constituam o antecedente da acção e não um substituto da mesma.

Importa ainda acrescentar que, para que este desenvolvimento tenha lugar, é indispensável o sentimento de ter sido bem contido. Só assim, com confiança e através da experiência de ter sido bem acolhido, física e psiquicamente, o bebé se irá poder tornar num “continente”. Apto então a criar o seu próprio espaço e o seu próprio tempo. Com capacidade de suportar o desinvestimento do objecto (mantê-lo no interior), abrindo, desta forma, as portas à possibilidade da percepção tridimensional (Dias, 1983).

E, de facto, aceder à terceira dimensão da experiência da espacial (e temporal) será então, também, ter acesso à função de pensar, que é em última análise o conhecimento da realidade (Dias, 1983). Como nos diz Grotstein (2000/2003), “Para que o conteúdo mental possa ser experienciado, deve existir um espaço entre ele e o seu continente e o perímetro ao seu redor” (p.152).

O espaço e o tempo psíquicos, tal como o espaço e o tempo da Filosofia e da Física, aparecem então como aquisições básicas para o funcionamento e compreensão do sujeito e do mundo. É na relação que fazem sentido e é através dela que se desenvolvem e se modificam, permitindo ao sujeito conhecer-se e conhecer o Outro, com possibilidades de ir cada vez mais longe.

2.3.O Inconsciente, o Infinito e as Múltiplas Dimensões

“Enquanto me contento em afirmar continuo pequeno, isto é, cabendo dentro do espaço do que afirmo. Mas, se nego, reconheço diante de mim um espaço fora dos meus limites. Afirmar é ficar dentro dos limites da definição. Negar é fazer referência a coisas fora desses limites, admitindo, portanto, que ainda há espaço para maior crescimento.”

Rezende (1995, p.18)

Ignacio Matte-Blanco aproximou-se ao conceito de espaço através do seu trabalho com pacientes esquizofrênicos, mas também pela sua aplicação da Matemática e da Lógica às teorias psicanalíticas. As descobertas realizadas por este autor contribuíram assim para uma maior compreensão dos conceitos de infinitude e da dimensionalidade espacial. É nestas que os próximos parágrafos estão baseados.

2.3.1.O Inconsciente

Quando Freud descreve aquilo que ficou conhecido como o Inconsciente afirma a possibilidade de existir algo mais, algo que estava para lá do nosso saber e que parecia ter um papel determinante na vida psíquica. Não é difícil de imaginar como esta noção de uma estrutura desconhecida terá sido rejeitada na altura pelos seus pares.

Actualmente, como sabemos, o conceito de Inconsciente tem outra aceitação. De acordo com Matte-Blanco (1959), a descoberta das características do sistema Inconsciente é a mais criativa e mais fundamental de todas as descobertas de Freud, porque é nestas que as suas maiores contribuições para a Psicologia, especialmente as relacionadas com os sonhos, estão baseadas.

Na sua investigação sobre os processos inconscientes e sobre a forma como esta instância parecia funcionar, Freud (cit. por Matte-Blanco, 1959) afirma que o Inconsciente possui as seguintes características: ausência de tempo, ausência de contradição, ausência de negação, deslocamento, condensação e substituição da realidade externa pela psíquica.

No seu global, este conjunto de características podem ser chamadas as leis pelas quais o Inconsciente se rege. Qualquer forma de pensamento que esteja conforme estas regras difere

grandemente da lógica habitual do pensamento científico, também conhecida como a lógica aristotélica.

Ao estudar o pensamento esquizofrénico, Matte-Blanco (1959) detectou uma conformidade a certos princípios. Apercebeu-se que esses princípios se referiam essencialmente às características do sistema Inconsciente e que o pensamento esquizofrénico era apenas uma aplicação particular desses leis.

Concluiu então que o pensamento esquizofrénico se mostra em conformidade com dois princípios, que podem ser vistos, frequentemente, a operar simultaneamente no mesmo produto mental (Matte-Blanco, 1959).

O primeiro é representativo da normalidade da consciência, ou seja, um tipo de pensamento idêntico ao pensamento científico. O segundo princípio constitui o aspecto, ou parte, do pensamento esquizofrénico que corresponde ao pensamento do sistema Inconsciente. De acordo com este princípio, o Inconsciente trata o inverso de cada relação como idêntico à relação, ou seja, trata as relações como se estas fossem simétricas.

Podemos observar o segundo princípio através do seguinte exemplo, “O João é o pai do Pedro” o inverso na lógica do sistema Inconsciente (simétrica) seria “O Pedro é o pai do João” (Luzes, 2004). Na lógica aristotélica isto é um absurdo enquanto na lógica do sistema Inconsciente isto parece constituir uma regra (Matte-Blanco, 1959). Assim, no pensamento simétrico uma parte pode ser igual ao todo e vice-versa.

Deste modo, Matte-Blanco (1959) afirma que as características do Inconsciente descritas por Freud são uma aplicação do segundo princípio ou dos dois princípios combinados. No Inconsciente, parece então existir a predominância de relações simétricas sobre as assimétricas, já que, sob esta lógica, é possível explicar todas as características que Freud atribuiu a esta instância. Alguns anos mais tarde, este autor vai acrescentar a ausência de espaço como outra das características do sistema Inconsciente (Matte-Blanco, 1975).

É, pois, com recurso à lógica matemática que Matte-Blanco vai proporcionar ao Inconsciente Freudiano uma nova leitura. Mais do que isso, desenvolve uma forma de compreender os processos conscientes e inconscientes. A vida psíquica é aqui entendida como uma interacção dinâmica perpétua em termos de tensão, cooperação ou união entre duas formas fundamentais de ser que existem dentro da unidade de cada Homem: o pensamento consciente e inconsciente (Matte-Blanco, 1975).

Com o desenvolvimento da sua teoria, Matte-Blanco vai então conceptualizar a existência de uma *lógica bi-valente* (a lógica clássica ou aristotélica), em que existem relações simétricas e assimétricas, mas que é mediada pela negação. É uma *bi-lógica*, na qual está

também presente a assimetria e a simetria, mas com predomínio da última (Grotstein, 2000/2003).

Desta forma, existiriam dois modos diferentes e co-existentes de “existência no mundo”, um homogéneo ou indivisível e outro heterogéneo ou divisível. A escolha da criança está assim entre um estado de existência indiferenciado, que se caracteriza pela simetria absoluta (o modo indivisível) e outro no qual há um predomínio da diferença, revelando as desigualdades da realidade (o modo divisível) (Grotstein, 2000/2003).

Contudo, a lógica simétrica (bi-lógica) e a lógica assimétrica (bi-valente) podem existir de vários modos na relação uma com a outra. De acordo com Matte-Blanco, no nível mais profundo, do Inconsciente, todos experimentamos uma unidade entre nós próprios, toda a gente e todas as coisas. O que não é incompatível com o reconhecimento das diferenças no nível menos profundo e mais consciente (Pereira, 1998).

Assim sendo, a experiência humana pode ser concebida como estruturada pela existência de séries infinitas de estratos, nos quais a nossa capacidade para reconhecer as diferenças declina com o aumento da simetria. Destes, o autor reconhece cinco estratos nos quais há uma combinação particular de lógica simétrica e assimétrica (Pereira, 1998).

No primeiro estrato, a experiência é caracterizada pela consciência da separação dos objectos. No nível mais consciente deste estrato existe a concepção ou percepção do concreto e das coisas bem definidas: uma pessoa, um objecto material, um pensamento preciso referente a um facto concreto, ou uma noção abstracta, tal como o conceito de liberdade. No nível menos consciente explora-se as relações entre o objecto concreto e outro, percebe-se as diferenças e as similaridades. Este primeiro estrato é onde o pensamento é delimitado e absolutamente assimétrico.

O segundo estrato pode ser definido pela similaridade entre as características da consciência e as emoções.

O terceiro estrato é aquele em que as diferentes classes (conjunto com uma característica em comum) são identificadas e em que a simetria tem lugar. Neste estrato, que identifica o individual e a classe, a intensidade tende para valores infinitos.

O quarto estrato é definido pela formação de classes e, por isso, também é simétrico, ainda que algumas diferenciações de classe possam ser assimétricas. Matte-Blanco pensa que é neste estrato que alguns esquizofrénicos tendem a funcionar. Existe uma ausência de contradição.

O quinto e último estrato é aquele em que o processo simétrico tende para o limite matemático da indivisibilidade, é pois o estrato mais profundo – puro modo indivisível.

Deste modo, quanto maior é o grau de simetria numa camada estratificada mais perto está das obscuridades do Inconsciente, quanto maior o for o grau de assimetria mais perto essa camada estará dos altos níveis da consciência. Podendo existir um número infinito de estratificações entre a indivisibilidade absoluta do Inconsciente e a heterogeneidade da consciência (Grotstein, 2000/2003).

2.3.2.O Infinito

O conceito de infinito em Psicanálise ganha uma nova força quando pensado a partir da concepção de Inconsciente de Matte-Blanco. Como vimos na revisão histórica do conceito de espaço, o conceito de um espaço infinito só se desenvolveu a partir do momento em que “se foi para lá daquilo que os nossos olhos conseguiam ver”. Também aqui, é com a ajuda da ciência, em especial da Matemática, que a infinitude do Inconsciente se vai afirmar.

Como vimos anteriormente, quando uma simetria tem lugar dentro de uma classe ou conjunto, as diferenças entre os seus elementos tendem a desaparecer. Desta forma, o agir simetricamente em relação a uma categoria é tornar uma posição infinita (como não há diferenças um número infinito pode pertencer a uma determinada classe) (Grotstein, 2000/2003).

De modo que, Matte-Blanco concebe o Inconsciente como progressivamente estratificado em direcção ao infinito. Utilizando o modelo continente-conteúdo, poderíamos dizer que o infinito, é paradoxalmente, o continente sem fronteiras da série infinita de todas as categorias. Se o infinito não fosse o continente, o conteúdo do Inconsciente seria aleatório em vez de caótico². Assim teremos um continente infinito do sistema Inconsciente (Grotstein, 2000/2003).

Para este autor, simetria e assimetria caminham então lado a lado. Em cada experiência emocional está presente a ideia de infinito. “As emoções, na opinião de Matte-Blanco, criam conjuntos infinitos” (Luzes, 2004, p.103). Em que partes de conjuntos são tornados idênticos a conjuntos totais, do enamoramento à idealização, por exemplo. A emoção, considerada como a mãe do pensamento para Matte-Blanco, cria simetrias que, por um lado, têm de ser recalçadas (transformadas em material inconsciente), e por outro, têm de ser transformadas em assimetrias pelo pensamento racional (Luzes, 2004).

² Estados de caos incluem o atractor estranho que proporciona uma coerência oculta ao que de outra maneira seria aleatório ou o pandemónio.

O processo normal do pensamento deve assim conter uma mistura dessas duas lógicas. Como diz Luzes (2002, p.104):

Precisamos quando crianças, no jogo, imaginarmos que somos aquilo que não somos – reis, cow-boys, ladrões, polícias, adultos. Nos sonhos precisamos de imaginar que as pessoas amadas que morreram, continuam vivas. Nas teorias científicas procuramos misturar coisas tão improváveis como símbolos matemáticos e os factos da experiência. No campo da emoção precisamos acreditar que o nosso amor é infinito.

Com este novo conceito de Inconsciente, Matte-Blanco cria uma nova forma de olhar para o funcionamento do mundo interno. Tal como vimos anteriormente, também aqui a escolha da criança se situa entre um estado indiferenciado, homogéneo e totalmente simétrico e outro em que há lugar para a diferença, a assimetria e a heterogeneidade.

A emoção, que cria conjuntos infinitos é também a mãe do pensamento e o Inconsciente parece sair da obscuridade e mostrar o seu funcionamento, par a par, com o Consciente.

Nestas relações de opostos, Consciente – Inconsciente, Finitude – Infinitude, Assimetria – Simetria, estabelece-se então a possibilidade de crescimento da mente, numa lógica de ligação e continuidade.

2.3.3.As Múltiplas Dimensões

Como vimos no primeiro capítulo, os desenvolvimentos da geometria não euclidiana permitiram pensar o espaço para lá das três dimensões. Ainda que geometricamente não seja uma estrutura passível de representação, do ponto de vista analítico há a possibilidade de ir para além das três dimensões. Assim em dimensões superiores a três aquilo que iríamos ter, geometricamente, são volumes repetidos (Matte-Blanco, 1975).

Matte-Blanco (1975) considera que a sua reflexão gradual sobre a bi-lógica, sobre o funcionamento do Inconsciente, e sobre a infinitude o levou a novas direcções, passando a conceptualizar a mente em termos de espaço multidimensional.

O sonho aparece assim, para Matte-Blanco (1975), como um dos mundos onde poderão ocorrer dimensões superiores a três. A existência de deslocamentos, condensações, a possibilidade de duas pessoas, sítios e até tempos se conjugarem num só fazem parte da especificidade deste mundo tão particular.

Aquilo que parecem contradições poderão desaparecer se nos movermos num mundo de dimensões superiores a três, o que poderia explicar o funcionamento do trabalho do sonho.

Contudo, quando descrevemos o sonho temos de utilizar a nossa representação habitual, em termos do mundo tridimensional. Desta forma, o sonhador (e o inconsciente) comporta-se como um geómetra que manuseia um número de variáveis superior a três e que é forçado a usar na sua representação um espaço de dimensões não superiores a três (Pereira, 1998).

A dimensão múltipla poderá assim reivindicar a sua utilidade, visto poder constituir a metáfora mais adequada para explicar alguns fenómenos mentais, como o sonho ou o delírio (Pereira, 1998).

O espaço mental aparece assim, também na Psicanálise, como um fenómeno multi-dimensional, não podendo ser apenas compreendido em termos das três dimensões. Seja num mundo de dimensões menores ou maiores, a capacidade humana para experimentar o espaço, parece ir, de facto, muito mais além do que a nossa vista alcança.

2.4.O Espaço Psíquico na Psicose

Da minha ideia do mundo
Caí...
Vácuo além do profundo,
Sem ter Eu nem Ali...

Pessoa (1914/1998, p.39)

2.4.1.A *Psicose*

Como vimos até agora o desenvolvimento do conceito de espaço psíquico deveu-se, maioritariamente, ao trabalho clínico com pacientes que apresentavam perturbações na relação com a realidade, mais especificamente com perturbações psicóticas ou autistas.

Até ao momento, neste trabalho, estivemos à procura de conhecimentos que nos possibilitassem pensar o conceito de espaço psíquico. Agora vamos então colocar uma lupa em algumas das conceptualizações por que já passámos e acrescentar-lhe novos conhecimentos que nos ajudem a entender, mais aprofundadamente, como é vivido o espaço psíquico na psicose.

Mas antes torna-se imprescindível especificar o conceito de psicose. De facto, esta patologia tem uma vastíssima literatura a ela associada, podendo ser ainda dividida em vários sub-grupos, de acordo com a predominância de determinadas características. No entanto, não é a psicose o nosso objecto de estudo e, desde logo, não sentimos a necessidade de o aprofundar e estabelecer as várias diferenciações. Já que, o que pretendemos é estudar este conceito através das vivências do sujeito, mais propriamente da vivência do espaço psíquico. Poderemos, ainda assim, mencionar, por vezes, o grupo da esquizofrenia, primeiramente, porque é uma das patologias psicóticas mais estudadas e, em segundo lugar, porque é aquela em que o mundo da psicose se torna mais evidente (Grinberg et al., 1991).

De modo geral, em Psicanálise, mais especificamente na linha das teorias kleinianas, a psicose pode ser entendida como :

Um modo de organização da actividade mental caracterizado por uma recusa da realidade, um retraimento narcísico da libido, e/ou modos arcaicos de relação de objecto (simbiótica, ambivalente, oral), uma parcelização das representações de objectos fantasmáticos (posição paranóide-esquizóide) e mecanismos específicos de defesa contra

os conflitos intrapsíquicos que dele dependem (projectão, clivagem) (Doron & Parot, 1991/2001, p.626).

Deste modo, os autores kleinianos ligam a psicose a organizações não quais o sujeito não acede à posição depressiva, e logo, não consegue estabelecer uma relação de objecto total. Nesta patologia, há então uma predominância dos mecanismos característicos da posição esquizo-paranóide, a clivagem e a identificação projectiva. Esta posição apesar de se constituir como uma posição normativa e maturante no desenvolvimento normal, vai-se assumir como o eixo da disrupção psicótica (Sá, 2003).

Considera-se assim que existe uma regressão funda da vida pulsional agressiva e libinal a par com uma regressão estrutural. Regressão esta, causada pela ansiedade, que provoca uma enorme desorganização. Do excesso do uso de mecanismos defensivos pouco elaborados, vão emergir arranjos secundários com sintomas característicos, como é o caso do delírio e da actividade alucinatória (Milheiro, 1983).

Observa-se então, na psicose, uma separação das pulsões libidinais e agressivas e a agressividade assume um papel de predominância evidente. As relações objectais aparecem perturbadas por um desinvestimento da realidade externa (Milheiro, 1983).

Para Bion, cujos trabalhos com pacientes psicóticos levaram à criação de um modelo revolucionário do funcionamento mental e foram, por isso, responsáveis por um novo olhar para esta patologia, há na psicose um ódio violento à realidade.

No modelo bioniano, a decisão feita pelo sujeito de enfrentar, ao invés de evitar, a dor psíquica vai ser determinante para o crescimento mental (Symington & Symington, 1997/1999). É na relação com o outro, através do vínculo que se estabelece, que a experiência emocional tem origem e é a partir daqui que se poderá vir a desenvolver, ou não, o pensamento. Bion utiliza o modelo do continente (\ominus)³ e conteúdo (\otimes), cujo arquétipo é a relação entre o seio e o bebé, para descrever a forma como se dá este desenvolvimento (Symington & Symington, 1997/1999).

Assim, numa experiência de desenvolvimento a mãe (\ominus) recebe as emoções (\otimes) do bebé e dá-lhes significado, fazendo uma transformação de elementos β (impressões sensoriais, coisas em si mesmo) para elementos α (elementos primitivos do pensamento). Possibilitando ao

³ Tal como para os conceitos de espaço e de tempo, Bion utiliza símbolos matemáticos por considerar que estes permitem uma maior abstracção, já que, ao contrário das palavras, não agregam a si imagens, nem tantas suposições pré-formuladas (Symington, 1997/1999).

bebé reintrojectar o que foi projectado (por meio da identificação projectiva) de forma modificada, mais tolerável.

Aos poucos e poucos, na dinâmica desta relação e através desta aprendizagem, deste aprender pela experiência, o bebé vai-se tornando capaz de fazer esta transformação por si próprio, modificando, desta forma, a experiência de frustração. À medida que o conhecimento avança, o continente e o conteúdo expandem-se e, mesmo que a sua origem não possa ser lembrada, as qualidades receptivas do continente são mantidas (Bion, 1962).

Contudo, a relação continente-conteúdo pode não ser uma de crescimento mas de destruição. Neste tipo de relação não há lugar para o desenvolvimento nem para a emergência do pensamento. Se, ao invés de uma modificação da experiência, existir uma fuga à dor e à frustração, no lugar onde deveria surgir um pensamento, fica um mau objecto, indistinguível da coisa-em-si-mesma, e que apenas se presta à evacuação. Como diz Amaral Dias (1993, p.74), “O problema da ausência do objecto, na psicose, não é apenas o da ausência de um objecto, mas sobretudo o de um objecto gerado no lugar de um objecto ausente.”

Nas primeiras experiências do sujeito, o desenvolvimento do pensamento e da relação com a realidade externa e interna vão estar dependentes da capacidade de tomar, ou não, esta “decisão”. Desta forma, estes confrontos e as suas consequências vão configurar as diferentes mentalidades individuais, uma das quais é a personalidade psicótica ou a parte psicótica da personalidade, como é conceptualizada por Bion (Grinberg et al., 1991).

A parte psicótica da personalidade consiste, pois, num modo de funcionamento mental e é coexistente com outros modos de funcionamento, não equivalendo, por si só, a um diagnóstico psiquiátrico. Será no desequilíbrio, no predomínio de um modo de funcionamento sobre outro e através da observação de condutas que um diagnóstico poderá ser estabelecido (Grinberg et al., 1991).

Deste modo, para Bion, todo o indivíduo, mesmo o mais evoluído, contém potencialmente funcionamentos mentais e respostas derivadas da parte psicótica da personalidade que se manifestam com séria hostilidade contra o aparelho mental, a consciência de si mesmo e a consciência da realidade interna e externa (Grinberg et al., 1991). Tal como, mesmo nos indivíduos diagnosticados como psicóticos, dificilmente se confirma que o ego em algum momento está completamente retirado da realidade, logo terá de existir uma personalidade não psicótica paralela à personalidade psicótica, embora empobrecida por esta (Bion, 1955/1991).

A parte psicótica da personalidade, ou a personalidade psicótica, caracteriza-se então pela intolerância à frustração, predomínio dos impulsos destrutivos e ódio violento à realidade

(tanto interna como externa). Ódio este que se estende aos sentidos, a todas as partes da personalidade e elementos psíquicos que servem para manter o contacto com a dita realidade e o seu reconhecimento, a consciência e todas as funções associadas à mesma (notação, atenção, juízo, pensamento), ou seja, a tudo o que tem a função de ligar e vincular (Grinberg et al., 1991).

Devido a intensidade dos impulsos destrutivos, o amor torna-se sadismo e não parece existir solução para o conflito entre os instintos de vida e de morte. A angústia de aniquilação presente vai configurar o estabelecimento de relações objectais precipitadas e prematuras que se vão instalar com tenacidade, sendo, por isso, precárias e frágeis (Grinberg et al., 1991).

No lugar de uma identificação projectiva que tem como função a comunicação com o outro, a parte psicótica da personalidade utiliza este mecanismo de uma forma patológica, na qual está presente uma fantasia onnipotente cujo propósito é o de destruir, não só a realidade, mas também a percepção dela, atingindo um estado que não é de vida nem de morte (Bion, 1955/1991).

O ataque dirigido contra tudo aquilo que serve para manter o contacto vai levar a que as principais actividades mentais (atenção, percepção, etc) apareçam mutiladas e transformadas em pequenas partículas que são expulsas violentamente através da identificação projectiva.

Estas partículas vão constituir os objectos do mundo da esquizofrenia ou do lugar nenhum descritos por Meltzer. São formadas por um conglomerado de fragmentos do aparelho psíquico, objectos internos, partes do eu, partes do super-ego e aspectos de objectos reais. Na crença do paciente estes objectos bizarros vão possuir objectos reais nos quais está encapsulado um pedaço da personalidade (Grinberg et al., 1991).

O resultado é uma relação continente-conteúdo cheia de voracidade e inveja que despoja de significado e vitalidade o objecto e a relação. A partícula da personalidade é assim transformada numa coisa, dando origem às equações simbólicas (Segal, 1955/1991) e não a verdadeiros símbolos (Grinberg et al., 1991).

A parte psicótica da personalidade coloca no mundo real o que a personalidade não psicótica não recalcou. “As consequências para o paciente são de que ele agora se move, não num mundo de sonhos, mas num mundo de objectos que costumeiramente constituem a mobília dos sonhos” (Bion, 1955/1991, p.75). O seu inconsciente parece ter sido substituído por um mundo de objectos bizarros (Grinberg et al., 1991).

Sonho e psicose assemelham-se assim, pela capacidade de ignorar as leis da realidade, que Freud já tinha realçado (Luzes, 2004). Diferenciam-se, contudo, como Bion tão bem mostra na citação acima referida, pela própria vivência do sujeito, pela bizarria de um mundo

criado com o intuito de fugir à realidade, um mundo que apenas tem, quando tem, significado para o próprio sujeito e que não fica guardado para o sono, mas invade a realidade, transforma-a e confunde-se com ela.

Mas um intelecto sem simbolismo, sem sonho, não se pode desenvolver e, ao longo da história do sujeito, a intensidade dos mecanismos psicóticos, tende, mais do que para um mundo delirante e bizarro, para uma pobreza da linguagem e do pensamento (Luzes, 2004). O forte ataque contra o pensamento, contra os vínculos e a recusa agressiva da realidade, implica uma regressão do psiquismo, que recua do pensamento até à percepção. De acordo com Grotstein (cit. por Luzes, 2004), o uso excessivo dos mecanismos de clivagem e de identificação projectiva vai favorecer a desintegração das percepções e, por isso, a esquizofrenia poderá levar à privação sensorial.

Na psicose temos então uma fragmentação do eu, onde os limites entre a realidade interna e externa não estão estabelecidos e onde não se formam elementos simbólicos ou cognitivos que permitam uma actuação eficaz. O resultado final é uma espécie de morte psíquica, em que há uma resposta automática a estímulos de natureza persecutória ou um estado de apatia e amolecimento característico das formas catatónicas e hebefrénicas (Luzes, 2004).

A regressão psicótica pode assim ser comparada à desintegração do autismo infantil, com a diferença de que no autismo estamos perante uma integração que nunca foi feita, ao passo de que na esquizofrenia é uma integração que foi destruída (Luzes, 2004).

Para Benedetti (cit. por Faugeras, 2003) há na psicose uma retirada autista, que seria causada pela existência de um défice de integração. Segundo este autor, de cada vez que a capacidade de diferenciação é solicitada este défice vai-se revelar. O paciente psicótico, que vê certas partes suas como se fossem partes do terapeuta, ou vice-versa, que não consegue distinguir o eu e o não-eu, que não se vê no espelho do outro, que confunde sujeito e objecto, acontecimentos internos e externos, acredita escapar a essa confusão generalizada por esta retirada da realidade.

Deste modo, segundo Benedetti (cit. por Faugeras, 2003), a contradição entre a simbiose e o terror causado por ela é o aspecto mais impressionante da esquizofrenia. O défice de integração, que se exprime quer ao nível da lógica do pensamento, quer ao nível da identidade, é causador de pânico e terror que, por sua vez, levarão o sujeito a refugiar-se num vivido de não-existência, a única resposta possível face a uma lacuna que não permite ao sujeito ter uma continuidade existencial.

O défice de integração e a simbiose são para Benedetti (cit. por Faugeras, 2003) os dois sintomas primários desta patologia, simultaneamente presentes e simetricamente opostos, que

vão causar a dissociação descrita por Bleuler em 1911. Mecanismo este que dá conta do trabalho de desconexão, da ruptura de ligações entre os acontecimentos, os pensamentos, os afectos, traduzindo-se, entre outras coisas, na linguagem do esquizofrénico (Chabert, 1998/2000).

A integração entre os dois estados aconteceria através dos processos de simbolização, constitutivos da relação do eu com o outro e consigo mesmo. No entanto, quando estes processos não ocorrem, ou quando há uma regressão, acontece uma separação entre aquilo que Benedetti (2003) chama de Si simbiótico e o Si separado, que se traduz por uma incapacidade de criar uma identidade própria com uma busca desesperada dessa identidade dentro do mundo fechado do autismo.

No lugar de uma integração flexível e discriminante, aparece um muro autista, uma barreira catatónica, um delírio impermeável, sempre no risco de se fragmentar interiormente pelos maus objectos, por introjectos explosivos que ameaçam terrivelmente a coesão do eu, mesmo se são expulsos através de projecções delirantes (Benedetti, cit. por Faugeras, 2003).

Assim, para este autor o que faz mais falta ao paciente esquizofrénico é a possibilidade de se distinguir verdadeiramente dos objectos e, conseqüentemente, a relação que essa distinção torna possível.

2.4.2.O Espaço Psíquico na Psicose

No entender de Bion, os pacientes psicóticos, muito regressivos, carecem do equipamento que os ajudaria a mapear a realização do espaço mental e a ter uma noção discriminada do mundo exterior (Grinberg et al., 1991).

Numa situação na qual pacientes menos regressivos usariam a identificação projectiva normal, estes pacientes sentem-se impedidos de projectar as partes clivadas da sua personalidade, porque não têm a noção de um continente (mãe com rêverie) no qual possa ter lugar essa projecção. Ao invés deste mecanismo, surge então uma identificação projectiva explosiva, num espaço vasto, sem limites, que não pode ser representado de modo algum (Grinberg et al., 1991).

O que é devolvido ao sujeito, por meio deste tipo de identificação é um terror sem nome, um medo não contido, que constitui e configura um modo de funcionamento mental numa área cujas dimensões são infinitas e que não pode actuar como um continente (Grinberg et al., 1991).

As emoções ficam perdidas nesta imensidade e o que deveria aparecer para o observador como pensamentos, imagens visuais e verbalizações é considerado pelo paciente como escombros de linguagem e experiências emocionais cujos confins temporais e espaciais não têm definição.

Porque, para evitar este pânico psicótico ou terror sem nome, a personalidade psicótica tenta evacuar todas as funções capazes de registá-lo ou percebê-lo. No lugar do reconhecimento da dor, porque é demasiado grande para ser tolerada, a personalidade psicótica faz uma negação da realidade externa e rodeia-se de um mundo que só tem significado para ele mesmo. A evacuação de elementos β cria o “domínio do não existente”, um mundo mental onde o “inexistente existe” e, por tal, o que não existe é o sofrimento doloroso da frustração (Grinberg et al., 1991).

Deste modo, a personalidade psicótica, por não tolerar a ausência, “estabelece” que o espaço psíquico é uma presença que, em virtude de uma transformação em alucinação, muda o “agora não está”, sequência temporal e o “aqui não está”, sequência espacial, em um “agora aqui está” (Grinberg et al., 1991).

Cria-se então um espaço ocupado por objectos inexistentes, com a presença de alucinações ou outros fenómenos equivalentes. Este “espaço - tempo ocupado” é representado por Bion pelos sinais – (_) e - (.), já que o espaço e o tempo não ocupados não são tolerados pela parte psicótica da personalidade.

Assim sendo, na psicose, o espaço e o tempo parecem obedecer mais a realizações de fantasias do que à realidade física. Ambas as noções, por darem conta de uma ligação à realidade, são atacadas pela parte psicótica da personalidade com violentas emoções devastadoras (Grinberg et al., 1991).

O espaço psíquico na psicose transforma-se assim num não espaço que possui as características ameaçadoras com que foi investido (Grinberg et al., 1991). Ao contrário de um continente forma-se um claustro (tem origem na relação parcial patológica com partes do corpo da mãe interna) no qual há uma sensação de aprisionamento e onde o desenvolvimento da personalidade não pode ocorrer (Meltzer, 1992).

Este espaço criado pela parte psicótica da personalidade tem como características a impermeabilidade, a rigidez, a intolerância à mudança, o vivido alucinatório, a clivagem exagerada, a despersonalização, a incapacidade de ligação, a evacuação (mesmo os sonhos são evacuativos), o ataque ao vínculo, a inveja primária e secundária, a mentira (pensamento

falso), a reversão de perspectiva⁴, o ódio ao conhecimento, à realidade e à verdade, a relação dogmática, o uso fanático de conceitos e a ortodoxia “científica” que impede as novas ideias. Levando, cada vez mais e mais, ao isolamento progressivo face à sua própria realidade e à dos outros, ao terror sem nome e à morte psíquica (Cabral, 1998).

O mundo é percebido como hostil e perigoso, porque não existe um mapa interno que dê ao sujeito uma imagem de si próprio e uma imagem do mundo. Para Benedetti (2003), no meio do caos emocional que assombra o sujeito, o delírio psicótico representa uma tentativa de recuperar aquilo que não pode ser simbolizado, aquilo que está dissociado mas que, ainda que não representável não pode ser eliminado, porque é essencial. A angústia causada pela perda do símbolo e pela confusão com o mundo seria, até certa medida, compensada pela reconstrução de uma realidade delirante. Reconstrução esta que assegura uma certa invariância, uma certa conformidade, sempre ameaçada, é claro, do mundo e do próprio. Seria uma forma de existência dentro da não-existência. Uma barreira interna, ao mesmo tempo onipotente e grandiosa, porque exprime a confusão permanente entre o mundo interno e o mundo externo e é, ao mesmo tempo, a defesa desesperada contra essa mesma confusão (Benedetti, 2003).

Na perspectiva de Grotstein (1999), o delírio pode ser entendido como a criação de um cenário arcaico e apocalíptico significativo para prevenir a dissolução mental no Nada. Este Nada sem continente, matriz vazia do sem-sentido (conteúdo sem significado, os elementos β , que provocam o terror sem nome) transforma-se num “buraco negro” psíquico, epítome do estado traumático, e que representa o mais temido nadir da experiência humana. A bizarria psicótica pode ser compreendida como uma das defesas estratégicas mais extremas para o repelir, contrapondo assim “(...) a ilusão de uma significação narrativa que entupa a terrível garganta do sem-sentido (...)” (Grotstein, 1999, p.35).

Incapaz de tolerar a lacuna, de contemplar o vazio criado pela ausência do objecto, que permaneceria apto a acolher o seu regresso, baseado num acto de fé em relação ao mesmo, o sujeito psicótico é conduzido a uma queda no Nada desintegrador do buraco negro (Grotstein, 1999).

Ao invés da vivência de um espaço psíquico, o paciente sente-se assim puxado para um verdadeiro buraco negro sem espaço, insondável, atemporal e, no entanto, paradoxalmente condensado, compacto e imediato, produzindo ansiedade de sufocação (Grotstein, 1999). Buraco negro este que representa assim, não só a catástrofe psicótica e a regressão, implosão,

⁴ Consiste numa reversão às próprias premissas de tudo aquilo que o outro diz, fazendo com que só haja uma única forma de ver as coisas (Zimmerman, 1995).

introversão e desorganização cataclísmicas que anunciam o seu começo, mas também as leis alteradas, implosivas, deformadoras e perversamente reconstrutivas deste novo, perverso (e invertido) domínio da loucura (Grotstein, 1999).

Num paralelismo entre o buraco negro do espaço astrofísico, que despeja os seus conteúdos de volta para outra dimensão do universo e a psicose, Grotstein (1999, p.77) afirma que na psicose parece ocorrer algo parecido: “Os pedaços em desintegração do self e dos objectos que sobreviveram ao holocausto psicótico reaparecem sob uma bizarra aparência transformativa no mundo autisticamente reconstituído da restituição, com restos vindos de outra dimensão, agora apanhados numa arrepiante deformação espácio-temporal.”

O sujeito torna-se assim num vagabundo cósmico sem uma psique dotada de chão e de paredes firmes, que permita a emergência da capacidade de “mapeamento” (representação simbólica) dos objectos (Grotstein, 1999).

Deste modo, para Grotstein (1999) a psicose representa o colapso do duplo registo da consciência, e pode também ser compreendida como o colapso da diferenciação entre o continente / conteúdo ou da diferenciação figura / fundo. Este colapso estende-se às coordenadas espácio-temporais do espaço psíquico, que na psicose colapsa das três dimensões para a dimensão zero e depois para dimensões negativas.

Utilizando o modelo espacial de Matte-Blanco, quando os aspectos simétricos da biológica dominam é como se a indivisibilidade absoluta aplicasse uma força poderosa que faz recuar para a identificação primária, de volta à absoluta ausência de fronteiras do estado psicótico (Grotstein, 2000/2003).

Como vimos anteriormente, a progressiva diferenciação é central ao aparecimento e desenvolvimento do espaço psíquico. Na psicose, porém, a frustração e dor que advém do contacto com o real e, portanto, com o diferente, é tanta que este parece ter ser evitado a todo o custo. O défice de integração, a confusão com o mundo e o terror por estes causados, levam, cada vez mais, à retirada autista e à constituição de um mundo interno longe de toda a lógica e de todo o reconhecimento consensual (Benedetti, 2003).

No lugar onde deveria estar a assimetria está o simétrico, onde deveria estar a ausência está a presença, onde deveria estar o finito está o infinito e, por isso, onde deveria haver espaço está um não espaço, um buraco negro.

2.5.Considerações Teóricas Finais

Partimos, nesta pesquisa teórica, das teorias sobre o conceito de espaço e da forma como foram evoluindo ao longo dos tempos. Do espaço que se igualava ao mundo tridimensional e que terminava na esfera das estrelas fixas, ao espaço infinito, idêntico na sua estrutura ao espaço real do universo. Do espaço absoluto em si mesmo, ao espaço relativo. E, à medida que nos aproximávamos das concepções actuais, observámos que o espaço se constituía, mais e mais, como uma relação, entre a realidade externa e o sujeito que o pensa e que o vive.

Da sua história e das múltiplas influências entre as várias disciplinas que o têm pensado, o espaço herdou o conceito de infinito e tornou-se possível ir muito além das três dimensões, que inicialmente pareciam poder explicar toda a realidade humana. Baseados nestas concepções de espaço, também os psicanalistas perceberam que os fenómenos do psiquismo poderiam ser mais facilmente entendidos se se considerasse a existência de uma identidade espacial, que seria adquirida pelo sujeito à medida que este ia estabelecendo uma relação com o mundo.

Deste modo, traçou-se uma história do desenvolvimento da identidade espacial, desde a dimensão nula até à aquisição da tridimensionalidade, e considerou-se também a possibilidade de existir experiência em dimensões superiores a três, como etapas mais evoluídas da identidade ou em experiências específicas e singulares, como é o caso do sonho ou do delírio. Concebeu-se uma geografia do espaço vital da mente (Meltzer, 1975), espaço esse que é composto por todo o conteúdo psíquico, os objectos internos e a representação dos acontecimentos e dos relacionamentos (Grotstein, 2000/2003).

As conceptualizações de Matte-Blanco, por sua vez, permitiram pensar através de uma outra lógica o fenómeno do espaço psíquico. As relações entre simetria e assimetria, entre homogeneidade e indivisibilidade e heterogeneidade e divisibilidade, vêm contribuir para um maior compreensão da dimensionalidade psíquica, bem como da relação entre pensamento inconsciente e consciente. Na perspectiva deste autor, há uma constante interacção entre o pensamento consciente e inconsciente, a diferentes níveis. A experiência humana acontece assim em infinitos estratos, nos quais a capacidade para reconhecer as diferenças diminui com a aproximação às camadas do Inconsciente e com o concomitante aumento de simetria (Matte-Blanco, 1975).

Por último, no quarto capítulo do nosso trabalho, procurámos ligar os conceitos de espaço psíquico e psicose. Entrámos então em contacto com um novo conjunto de conceitos que procuram definir a experiência do espaço psíquico na psicose, o não espaço, o claustrum e o buraco negro.

Deste modo, o conceito de não espaço, postulado por Bion (cit. por Grinberg et al., 1991) remete-nos para uma negação, uma transformação psicótica em que no lugar do espaço surge um não espaço ocupado por objectos inexistentes. Também Benedetti (2003) considera que para lidar com a simbiose o sujeito recorre a construções delirantes, refugiando-se num vivido de não-existência. Meltzer (1992), por sua vez, afirma que ao invés de um continente espacial para pensar os conteúdos da mente encontramos um claustrum em que há uma sensação de aprisionamento e onde o desenvolvimento da personalidade não pode ocorrer. Já para Grotstein (1999), o espaço psíquico na psicose transforma-se num buraco negro que dá conta, simultaneamente, da catástrofe e regressão psicótica e da alteração das leis da realidade que estão patentes nesta patologia.

Assim sendo, do conjunto de dados teóricos de que dispomos neste momento, gostaríamos de destacar três conceitos que nos parecem ser centrais às alterações da vivência do espaço psíquico na patologia psicótica e que iremos explicar de seguida, são eles: a **incapacidade de diferenciação**, a **incapacidade de conter a ausência** e a **incapacidade de representação ou a falha na formação de símbolos**.

Como salientámos ao longo da revisão teórica, a progressiva **diferenciação** vai ser central à maturação da experiência dimensional. De um estado indiferenciado e totalmente simétrico, em que continente e conteúdo são idênticos, a exposição à experiência vai levar a que o fenómeno da assimetria e da diferenciação iniciem o seu desenvolvimento. À medida que o crescimento acontece dá-se, cada vez mais, uma diferenciação sofisticada do aparelho sensorial perceptivo. Porém, a experiência de crescer implica a vivência com sentimentos de dor e frustração e como forma de defesa contra estas emoções há uma luta contra a percepção da separação e uma desdiferenciação, por meio da identificação projectiva, que resulta na eliminação da percepção de fronteiras. A experiência de crescimento e a aquisição da noção de espaço psíquico é irregular, mas para que o sujeito caminhe até à terceira dimensão da experiência espacial torna-se necessário aceitar a separação, é necessário que a vontade de conhecer, o impulso epistemofílico, seja superior ao evitar da dor e da frustração.

Na psicose, contudo, isto não parece acontecer. A confusão com o mundo é uma das características mais alarmantes desta patologia. A dor que a separação implica não é tolerada pelo sujeito que se vê assim confundido com o outro e com o mundo e aterrorizado por essa

mesma confusão. Desta forma, esta indiferenciação entre o sujeito e o objecto não vão permitir a emergência de uma relação, relação esta que é central à maturação da experiência do espaço psíquico. De acordo com Grotstein (2000/2003), observa-se assim uma regressão da terceira dimensão para a dimensão nula da experiência espacial, num colapso total da relação continente-conteúdo.

Outro dos conceitos que destacamos é a (in)capacidade de conter a ausência, que nos remete para o início do sentido do espaço e da experiência da separação. A capacidade do bebé para conter a ausência do objecto irá assim ser determinante no desenvolvimento. Esta capacidade de conter ou função de continência, como é designada por Meltzer (1975), está pois directamente relacionada com a noção de espaços internos e externos e com a aquisição da noção espacial da tridimensionalidade. Ao mesmo tempo, podemos pensá-la como equivalente ao conceito postulado por Bion de tolerância, remetendo-nos para o lidar com as emoções, para o pensar a emoção, a capacidade de transformar a experiência de dor e frustração numa de conhecimento e pensamento. Neste sentido, a emoção, mãe do pensamento para Matte-Blanco, que cria conjuntos infinitos e simetrias, terá de ser pensada e transformada de forma a que, por um lado, as simetrias sejam recalçadas pelo pensamento inconsciente e, por outro, sejam transformadas em assimetrias pelo pensamento racional. Deste modo, o sujeito vai progressivamente, através de uma conjunção constante de factos experimentais em relação à presença e à ausência do objecto, ganhar uma noção de espaço psíquico, uma noção de um continente em expansão para pensar, criar e sonhar os conteúdos da mente.

Assim sendo, para que esta função de continência se desenvolva é necessário tolerar, conter a emoção. Na vivência psicótica, no entanto, não parece haver meios suficientemente eficazes para lidar com a ansiedade, esta parece assumir contornos excessivos, dominando a experiência do sujeito e levando à desorganização. A incapacidade de conter a ausência do objecto, de ultrapassar a experiência dolorosa vão levar a uma fuga à relação com a realidade. A intolerância à frustração, o predomínio dos impulsos destrutivos e o ódio violento à realidade apresentam-se como algumas das características principais da vivência do sujeito psicótico. A inexistência ou uma existência mal estabelecida da noção de um continente (mãe com revêrie) que proporcionaria ao sujeito o sentimento de ser bem contido, essencial à função de continência, torna os mecanismos de defesa ineficazes. No lugar de uma identificação projectiva saudável, surge uma identificação projectiva explosiva que devolve ao sujeito um terror sem nome devido à inexistência de limites espaciais e temporais que contenham estas emoções.

Deste modo, no lugar da ausência é gerado um mau objecto, indistinguível da coisa-em-si-mesma, que não tem outro destino para além da evacuação. A **capacidade de representação**, isto é, a capacidade para formar símbolos fica também comprometida. A função α , função de pensamento, é utilizada ao contrário e, ao invés de operar sobre as impressões sensoriais e as experiências emocionais transformando-as em elementos que possam ser usados pelo pensamento ou pelo sonho, converte os elementos α em elementos β , retirando significação no lugar de atribuir (Grinberg et al., 1991). O mundo do sujeito é assim constituído por objectos bizarros. A equação simbólica, em que o símbolo é equivalente à coisa simbolizada substituí o verdadeiro símbolo que seria criado no espaço psíquico tridimensional.

Assim, e de acordo com as nossas referências teóricas, na psicose, o espaço vital da mente concebido por Meltzer (1992) parece ser substituído pelo lugar nenhum, um compartimento sem sentido, sem significação, ilusório nos seus significados e bizarro nos seus objectos. Deste modo, quando não estão presentes as condições que permitiriam a vivência do espaço psíquico tridimensional, ou quando estão mal estabelecidas, o não espaço psicótico pode dominar a mente, aniquilando as possibilidades de crescimento e de aprender pela experiência.

Ao invés de uma verdadeira vivência dimensional, na psicose dá-se então um colapso dimensional da vivência do espaço psíquico (Grotstein, 1999). A incapacidade de diferenciação, incapacidade de conter a ausência do objecto e a falha na formação de símbolos não vão permitir ao sujeito estabelecer uma relação com a realidade nem com a tridimensionalidade, que permitiriam a emergência de um verdadeiro espaço psíquico.

3.FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

Chegamos agora à parte deste trabalho em que, com a ajuda das bases teóricas que o sustentam, procuramos definir o problema em estudo. Como já salientámos, propomo-nos estudar a forma como o espaço psíquico é vivido na psicose, através do Rorschach. No início do nosso trabalho partíamos do pressuposto de que existiriam alterações na vivência do espaço psíquico na patologia psicótica. Após uma reflexão sobre as concepções teóricas a que recorreremos, chegámos a três conceitos que parecem ser centrais a estas alterações: a incapacidade de diferenciação, a incapacidade de conter a ausência e a incapacidade de representação, isto é, a falha na formação de símbolos. Todos estes conceitos se destacam como características presentes na patologia psicótica e que, no nosso entender, vão impedir a experiência do espaço psíquico.

De forma geral e de acordo com as linhas da nossa revisão teórica esperamos então, de facto, encontrar os indícios de um espaço psíquico alterado e perturbado. Ainda assim, dada a complexidade do sujeito psicológico e a singularidade de cada um, a vivência do espaço psíquico não poderá corresponder, apenas e só, a uma descrição teórica. Por isso, esperamos, antes de mais, encontrar uma forma única e singular de estar no mundo, com mais ou menos possibilidades de aceder ao espaço psíquico. Já que, como diz Marques (1999): “Ao procurar-se só o que se conhece, ao procurar-se confirmar o que à partida de sabe, o que se coloca como “hipótese” ou como “probabilidade”, está-se numa lógica de impossibilidade de *captar ou revelar um qualquer algo mais*, e de se entenderem as capacidades transformadoras e criadoras de que o sujeito dispõe.” (p. 136).

Assim, no que remete para a primeira característica acima citada, a incapacidade de diferenciação, estabelecemos que, quando esta estiver presente, irá revelar a utilização de mecanismos de defesa primitivos, particularmente, da identificação projectiva. Nesse caso, existirá uma luta contra a percepção de fronteiras e contra a percepção do outro e da relação. Ou, no limite, poderemos mesmo observar a impossibilidade de delimitar essas fronteiras, num colapso total das possibilidades de diferenciar.

Desta forma, iremos tentar captar os movimentos que dão conta da maior ou menor possibilidade para fazer uma diferenciação entre o eu e o outro, entre dentro e fora, continente e conteúdo.

Como vimos anteriormente, encontramos na descrição das características da patologia psicótica uma incapacidade de conter a ausência e de tolerar e transformar as emoções. Logo, iremos ter em atenção o modo de lidar com a emoção e a forma como é organizada e como é “contida” a situação projectiva. De acordo com a revisão teórica, postulamos que vamos encontrar uma vivência emocional muito intensa, com fracas possibilidades de transformação. Podermos assim observar a presença e o predomínio de impulsos destrutivos, bem como de fortes angústias que não vão permitir a emergência de uma actividade de pensamento. Esperamos encontrar a identificação projectiva explosiva, descrita por Bion, que revela a presença de continentes sem limites, de buracos negros psíquicos que aterrorizam o sujeito.

A forma como são modulados os diferentes tipos de emoção que a situação projectiva pode reactivar, a forma como se lida com a(s) angústia(s) inerente(s) à prova, vai assim ser determinante para observarmos as capacidades de conter a ausência, vai por à prova a existência de uma função de continência que protege um espaço mental interno diferenciado.

A incapacidade de representação, ou a falha na formação de símbolos, é outro dos conceitos que destacámos, deste modo, vamos aqui observar as possibilidades para criar símbolos, para nomear, para criar um novo objecto a partir das manchas Rorschach. À luz da nossa revisão teórica, estabelecemos que vamos encontrar a presença de maus objectos que necessitam de ser evacuados e que vão impedir a formação de símbolos. Iremos encontrar a equação simbólica, em que o símbolo se confunde com aquilo que é simbolizado. Assim, ao contrário de actividades de ligação, poderemos observar fortes medidas de desligação e de ataque ao sentido. No lugar de um mundo formado por símbolos, existirá um mundo psíquico invadido por verdadeiros objectos bizarros e por construções delirantes.

Vamos assim centrar a nossa atenção nas possibilidades para aceder ao símbolo, nas capacidades para dar significado. Iremos observar quais as possibilidades para criar assimetrias a partir de simetrias e para estabelecer uma relação com o espaço psíquico tridimensional.

Assim sendo, devido à presença das três características que destacámos, a experiência de um espaço psíquico dinâmico, flexível e com capacidades de mudança e de desenvolvimento é impedida. Deste modo, estabelecemos que: quando a incapacidade de diferenciação, a incapacidade de conter a ausência e a incapacidade de representação estiverem presentes, no lugar do espaço psíquico vamos encontrar as características desta deformação espácio-temporal que caracteriza a vivência psicótica. Vamos observar o resultado das transformações em alucinação, que alteram a relação com a realidade e que criam um mundo com significado hermético. Ao invés de um continente e de um espaço psíquico irão estar

presentes um claustro e um buraco negro onde a experiência do espaço mental se transforma numa de aprisionamento, terror e morte psíquica.

A forma como o sujeito se irá posicionar perante a situação projectiva irá então permitir-nos pensar a manifestação da sua experiência espacial. No modo como é estabelecida a relação com o mundo e com o próprio, através da forma como esta se espelha no Rorschach, iremos tentar perceber qual ou quais os movimentos dimensionais que estão presentes e quais vão ser dominantes.

O Rorschach é o meio que escolhemos para observar o fenómeno do espaço psíquico. As características da situação projectiva conferem-lhe uma riqueza e uma potencialidade para abordar diferentes fenómenos da vivência do sujeito psicológico, como é o caso do espaço psíquico. Como refere Marques (1999): “O espaço mental interno que tem a capacidade de conter, ligar, transformar, unificar e integrar, revela-se exemplarmente no trabalho de relação, comunicação e ligação implicado no processo-resposta Rorschach, na medida em que o processo de construção de imagens e de construção de sentidos e símbolos, opera na similitude e na diferenciação entre o que caracteriza o interno e o externo.” (Marques, 1999, p.244).

Este método apresenta-se então, neste contexto, como um dos mais adequados para estudar o espaço psíquico, tal como para observar as capacidades de diferenciação, de conter a ausência e de representação que destacámos como conceitos centrais. Já que, o reconhecimento de um objecto implica a capacidade de estabelecer, no Rorschach, a diferenciação figura / fundo, eu / outro, e implica também a capacidade de tolerar a angústia da ausência para que então possa ser criado um novo objecto.

A situação projectiva, pelas suas características, apresenta-se assim como uma situação disruptiva, situação catastrófica onde podem ser observadas as possibilidades do sujeito aceder ao símbolo, de se situar num espaço de interacções (R. Traubenberg, 1983), num espaço virtual (Marques, 1999) entre o interno e o externo, o eu e o outro. Do caos à ordem, da mancha ao nome e à representação, do infinito ao finito, ao sujeito é feito um pedido para se situar numa relação, num espaço-tempo específicos e para mostrar como vê o mundo e como opera as transformações entre o interno e o externo.

Desta forma, partindo para lá da análise clássica do Rorschach, apoiados nas nossas concepções teóricas e nas questões de investigação que aqui formulámos vamos tentar compreender como se manifesta a experiência do espaço psíquico no sujeito que escolhemos para este estudo.

4.METODOLOGIA

4.1. *O Rorschach*

Para a realização deste trabalho optámos por escolher a técnica projectiva Rorschach, porque, como já mencionámos, nos parece ser adequada para estudar o fenómeno do espaço psíquico. Normalmente inscrita no contexto mais alargado de uma avaliação psicológica, utilizamo-la aqui ao serviço de uma investigação de tipo qualitativo, investigação essa que se aproxima de um estudo de caso, porquanto remete apenas ao individual e singular. Consideramo-la, no entanto, um estudo de caso particular a que poderíamos chamar um estudo de protocolo, ou talvez melhor, um estudo de uma situação Rorschach, um momento único e específico que constituí a totalidade do campo da nossa pesquisa.

No contexto da Psicologia Clínica, o estudo de caso está geralmente assente no racional psicopatológico e na procura do facto mental diferenciado, sendo suportado pelos testes e pela via da comparação, através do posicionamento do sujeito em relação a um grupo de referência (Marques, 1999). Contudo, como é referido por Marques e Aleixo (1994), esta comparação corre o risco de se tornar num exercício que conduz à anulação da individualidade, visto que, no destaque dos elementos comuns a outros indivíduos, há uma negligência do singular. Citando os autores, “a natureza primeira do saber e do conhecimento em Psicologia Clínica (...) é o expressar o que de mais íntimo rege a lógica de cada ser.” (p.460/461).

Assim, existindo áreas em que a quantificação possa ser mais útil e adequada, quando procuramos a via do singular e do particular e um conhecimento inter-subjectivo, descritivo e compreensivo (Santos, 1987) esse não se apresenta como o melhor caminho.

Deste modo, de acordo com Marques (1996), nesta procura do singular, deve existir uma focagem nos processos e devem ser procuradas as dimensões de adaptação e de integração do sujeito ao invés do sinal psicopatológico. Devemos ter como objectivo estabelecer novas modalidades de escuta, novos processos de interpretação para melhor nos aproximarmos ao sujeito que estudamos.

Nestas concepções, o estudo do protocolo Rorschach, o estudo da situação projectiva constitui-se como um momento de procura de aproximação à singularidade do sujeito. Constitui-se como uma tarefa de particularização, na qual o mais importante não é estabelecer as diferenças ou semelhanças em relação aos outros, mas pensar aquilo que ele é por si mesmo (Stake, 1995).

A análise de um protocolo será então uma tarefa de atribuição de sentido (Marques & Aleixo, 1994), uma procura de captação e revelação do sujeito psicológico (Marques, 1999), a acontecer “num momento conjunto (...) de lugares de Si partilhados, mas também ocultados, e sempre finitos e circunscritos.” (Marques, 2005, p.5).

O protocolo Rorschach é assim entendido como algo que é mais do que um conjunto de respostas individuais, é entendido como um texto, uma narrativa a partir da qual se poderá fazer uma análise interna onde se procuram estabelecer as realidades que nele são postas em questão. Como refere Silverman (2001), a propósito da análise de estruturas narrativas na investigação qualitativa, ao ser analisada a estrutura de um texto no seu global, mediante uma articulação entre os vários elementos, é possível vir a perceber outra mensagem que vai para lá daquilo que transparece num primeiro momento. Portanto, mais do que os elementos individuais, são as relações entre eles que irão permitir a compreensão dos dados disponíveis. Será assim, através de um tratamento de dados compreensivo a ser enquadrado com os elementos teóricos, que se poderá estabelecer pontes de ligação ou de corte.

Neste sentido, a nossa função enquanto investigadores qualitativos, à semelhança da função do psicólogo clínico quando procura compreender o que de mais singular há num sujeito, deverá ser a de construir um outro texto que vá além e aquém daquele que é produzido pelo sujeito no contexto da investigação (Marques & Aleixo, 1994). Nas palavras de Marques e Aleixo (1994): “O discurso que nós produzimos nunca coincidindo com o discurso do sujeito, encontra-o, reelabora-o, recria-o, em síntese, dá-lhe sentido, sentido esse que só uma teoria clara poderá consubstanciar” (p.460).

Neste trabalho procuramos, pois, um afastamento das lógicas da medição, um afastamento da procura do levantamento de sinais e de factos controláveis e imutáveis estabelecidos naquilo que se deseja um espaço e um tempo formais, constantes e “assépticos” (Marques, 2005). Procuramos estabelecer procedimentos que tenham como fim uma maior aproximação à individualidade, à singularidade e à complexidade do sujeito que visamos conhecer (Marques, 2005). E, pretendemos também fundamentar a nossa investigação nos paradigmas de compreensão, significação e interpretação nos quais se inscrevem e se submetem as concepções do sujeito pelo singular, o situacional, o relacional e o comunicacional (Marques, 2005).

A escolha do estudo de um protocolo Rorschach prende-se então com a possibilidade de se adequar aos princípios teóricos que nos guiam, bem como ao nosso objectivo de realizar um investigação qualitativa aprofundada. Desta forma, queremos ir para lá da utilização habitual deste instrumento, que visa o estabelecimento de um diagnóstico nosográfico ou

psicológico (Marques, 1999). Pretendemos seguir a via já trilhada por Marques e Aleixo (Marques & Aleixo, 1994; Marques, 1994, 1996, 1999), entre outros autores, e trabalhar o Rorschach de forma a que seja possível “aceder à singularidade, aceder ao processo, ao como o sujeito utiliza aquilo que é, no confronto com aquilo que, sendo novo, desconhecido, implica a mobilização desse ser-essência que realiza, (re)cria e estabelece novas realidades” (Marques, 1999, p.148).

Neste sentido, estando as bases teóricas deste trabalho assentes na teoria psicanalítica, mais especificamente, nos contributos do pensamento kleiniano e pós-kleiniano, vamos também, ao nível do nosso método, trabalhar nas vias fundadas pela compreensão, relação e interpretação que foram abertas pela influência da Psicanálise pós-freudiana na Psicologia Clínica (Marques, 1999) e, mais especificamente, no Rorschach.

No seu contexto mais alargado, o Rorschach constitui-se como uma metodologia de tipo projectivo. Este tipo de metodologias distingue-se das psicométricas pelo papel atribuído à influência do examinador e pelo deslocamento do centro das atenções do teste para o sujeito (Marques, 1999). Distingue-se também pela ambiguidade do material que é apresentado e pela liberdade que é dada para responder (Anzieu, 1976/1978). Como é referido por Anzieu (1976/1978), a psicologia projectiva interessa-se fundamentalmente pelas relações do Homem com os outros, ao mesmo tempo que pelas relações do Homem consigo mesmo.

Ao longo dos tempos, estas metodologias, em particular o Rorschach, foi sendo enriquecido por um vasto conjunto de dados teóricos. Na sua proximidade com a teoria psicanalítica, e mais especificamente, nos trabalhos desenvolvidos pela escola francesa, o Rorschach ganhou um enquadramento teórico claramente formulado baseado na teoria metapsicológica freudiana e nas noções extraídas da psicopatologia estrutural. Nestas, destaca-se a participação dos mecanismos inconscientes e pré-conscientes das respostas, apoiados nas noções de conflito, angústia e mecanismos de defesa e de representação de si e representação das relações (Marques, 1999). O Rorschach constitui-se assim como uma prova projectiva de tipo estrutural que tem a capacidade de alcançar um corte representativo do sistema da personalidade, do seu equilíbrio, da sua maneira de apreender e ver o mundo, do seu “mundo de formas”, tratando as inter-relações entre as instâncias do id, do ego e do super-ego (Anzieu, 1976/1978).

Contudo, ao ser aprofundado e alargado de modo a conter os referenciais teóricos kleinianos e pós-kleinianos foi necessário proceder a arranjos na concepção que existia sobre o Rorschach (Marques, 1999). Impôs-se uma transformação de forma a que se pudesse tornar num instrumento que revela e expressa as relações de objecto e as relações com o objecto

(Marques, 1996) e que permite aceder ao conhecimento das características da realidade psíquica, das propriedades e qualidades da mente (Marques, 1996).

Deste modo, para garantir uma clara convergência e coerência entre a teoria e os métodos, para garantir a potencialidade do Rorschach nesta nova forma de análise, foi necessário repensar e redesenhar o que é a situação projectiva e o processo-resposta Rorschach à luz das novas concepções teóricas.

Assim, Marques (1994), considera que existem duas dimensões a ter em conta na situação projectiva: a relação psicólogo-examinando considerada como interacção e o processo de elaboração de uma resposta. A situação projectiva é aqui entendida “como o encontro de duas subjectividades que irão criar uma *intersubjectividade* numa interacção singular e singularizante” (p.436).

Nesta situação estão presentes três parâmetros fundamentais: o sujeito, a prova e o examinador. Este último, longe de ser considerado como um observador neutro, toma, nestas concepções, um lugar de interveniente numa relação transferencial que ocorre num espaço e tempo únicos, num contexto específico. É, portanto, visto como um participante numa relação que, ao invés de ser posta de lado, deve ser incluída na forma como pensamos sobre o Rorschach (Marques, 1994).

O processo-resposta Rorschach estabelece-se então como o processo que irá levar à figuração, à nominação, à imagem Rorschach. Este processo psicológico obriga e revela uma ordenação que dá conta de um compromisso que opera no múltiplo da significação, no confronto entre o interno e o externo, entre a mancha, contexto e sujeito, e que conduz à sua redução a uma expressão simples, mas saturada de sentido, a resposta Rorschach (Marques & Aleixo, 1994).

As imagens-conceitos que resultam do processo-resposta Rorschach, os símbolos que o sujeito formula são considerados como os produtos de uma *transformação projectiva* (Marques, 1994), uma transformação de pensamentos e emoções que se referem à experiência do sujeito, às suas preocupações essenciais, à forma como este vive na relação com o outro e na relação consigo próprio. Esta transformação pode ser entendida como uma actividade de pensamento, um pensar a emoção (Cabral, 1998) que ocorre, como refere Marques, sempre na relação dinâmica continente-conteúdo, através da capacidade de rêverie e da função alfa.

Desta forma, o Rorschach, além de expressar o compromisso a que o sujeito chegou, possibilita a revelação das estratégias que conduzem a esse compromisso (Marques & Aleixo, 1994). Nas respostas Rorschach, através da leitura do protocolo como um todo, é possível ver o resultado de um processo, de um trabalho de ligação entre o interno e o externo, entre o que

é objectivo e subjectivo. Ligação essa que impõe e revela o nível de diferenciação entre sujeito / objecto, interior / exterior, a partir da qual é feito o trabalho de transformação que faz com que a resposta contenha elementos do interno e do externo, mas ligados e recriados (Marques, 1996).

As dez manchas de tinta criadas por Hermann Rorschach em 1921 constituem assim uma impressão sensorial a organizar como uma percepção (Marques, 1994), a partir da qual aparece a resposta sob a forma de uma imagem-conceito. São as características das manchas, do estímulo “estruturado mas ambíguo, construído mas concluído, total mas alterado, cheio e vazio” (R. Traubenberg, 1983, p.20), que vão levar a que o sujeito pense sobre ele, sobre esse objecto desconhecido que lhe é apresentado e sobre o qual lhe é perguntado – “*O que é que isto poderia ser?*”, num verdadeiro apelo ao real e ao imaginário, ao reconhecimento (através da identificação ao objecto) e à criação de um novo objecto.

O material Rorschach é, pois, constituído por dez cartões que apresentam características específicas do ponto de vista perceptivo. Nestas estão presentes dimensões estruturais e sensoriais que apelam a uma simbologia específica e plural que, no essencial, está organizada à volta do feminino / masculino, materno / paterno (Marques, 1998).

Relativamente à dimensão estrutural, os cartões diferenciam-se pelo seu carácter unitário, inteiro e maciço (I, IV, V, VI e IX) ou pela sua obediência a uma configuração bilateral (II, III, VII, VIII). De forma geral, os cartões unitários com a mediana manifesta reflectem a imagem do corpo humano organizado simetricamente em torno de um eixo, enquanto que os cartões com configuração bilateral podem reflectir as representações das relações (Chabert, 1997/1998).

Ainda em relação à dimensão estrutural, os cartões podem ser agrupados de acordo com o seu carácter fechado (I, IV, V e VI) ou aberto (II, III, VII, VIII, IX, X). A partir deste elemento objectivo podem também ser evidenciadas as determinações perceptivas de toda a série simbólica que se desenvolve a partir do aspecto aberto, oco e continente (I, II, VII e IX: referência feminina / materna), ou a partir do aspecto mais fechado, compacto e associado à presença de apêndices salientes (IV e VI: referência fálica) (Chabert, 1997/1998).

No que toca à dimensão sensorial, temos os cartões cinzento-escuros (I, IV, V e VI), os cinzentos (VII), os negros-branco-vermelhos (II e III) e os pastel (VIII, IX e X). Esta dimensão está, portanto, relacionado com os diferentes impactos da cor. Assim, nos cartões cinzento-escuros, o impacto da cor tende a remeter para os afectos ligados à tristeza e ao luto, os cartões com a presença da cor vermelha remetem para os afectos pulsionais, a sexualidade e a agressividade, e os cartões de cor pastel têm, de modo geral, um papel de indutores de

afectos. O branco está sempre presente e quando é incluído na interpretação feita pelo sujeito remete para os sentimentos de falta, ausência e de vazio psíquico (Chabert, 1997/1998).

Marques (1999) destaca assim duas dimensões fundamentais do material Rorschach, o valor simbólico e a simetria.

De facto, cada cartão remete para um valor simbólico particular, para um interior ambíguo em conflito com um exterior manifesto. As manchas são entendidas como possuidoras de qualidade psíquicas “(...) que são capazes de (co)mover os objectos internos, mobilizando um processo complexo feito de vários movimentos identificatórios de sujeito a objecto e de objecto a sujeito, movimentos feitos de fusão e diferenciação, mas também de movimentos que revelam ressonância e comunicação entre interior e exterior, bem como envolvimento e incorporação” (Marques, 1999, p. 211).

A simetria dos cartões, por sua vez, está relacionada com os factores de ordenação, coerência e estabilidade, mas também do seu contrário. É ela, presente em todos os cartões que ordena e organiza as dez situações Rorschach, apresentando como qualidade psíquica, a coesão e o duplo. “(...) a simetria, ao abrir o espaço para o múltiplo e o infinito, obriga e impõe, também, o retorno, o reencontro e a fixação no uno, no indivisível, no unido, integrado e coeso para se operar de, novo, o espaço do múltiplo, do infinito finito” (Marques, 1999, p. 208).

Ao examinador cabe então a tarefa de, na e pela interpretação, atribuir sentido ao sujeito e à sua história, num processo de desconstrução dos significados criados pelo sujeito de forma a criar novas significações (Marques & Aleixo, 1994). Compete-nos ir além daquilo que é dito pelo sujeito e compreender aquilo que operou entre e inter o dito. A captação e revelação do sujeito psicológico obriga-nos assim a três atitudes fundamentais: dar sentido; reflectir sobre a essência e as consequências intra e inter-sujeito(s) de qualquer acto; e, abster-nos de qualquer julgamento (Marques & Aleixo, 1994).

A nós, como investigadores, compete-nos estabelecer as pontes entre os elementos teóricos, o método e os dados da investigação da forma mais coerente e convergente possível. Compete-nos pensar o sujeito como um sujeito em situação, o que nos leva a, por um lado, conhecer e definir o mais fielmente possível o contexto em que ocorre a investigação e, por outro lado, não extrapolar para fora desse contexto e daquilo que o nosso saber e os nossos dados nos permitem explicar e interpretar.

Assim, é através da forma como o sujeito se expressa e se revela no Rorschach, através da relação estabelecida, que iremos seguir a via da particularização que viabiliza o estudo de caso. Através da procura de uma conjunção constante de factos que se integram e que nos

permitem construir novos significados, novos textos. A situação Rorschach, entendida pelas vias da relação, comunicação, interpretação e simbolização (Marques, 1999), apresenta-se como um método que nos permite situar nos paradigmas da compreensão e da significação que procuram o singular permitindo, por isso, pensar como é que no sujeito escolhido para este trabalho se manifesta e revela o espaço psíquico. Pretendemos, deste modo, ir além dos elementos explicativos e interpretativos que fazem parte da análise clássica do Rorschach (estipulada pela escola francesa) e construir e constituir outros elementos de análise. Elementos que possam considerar, simultaneamente, a diversidade e a complexidade do nosso objecto de estudo, os dados teóricos nos quais nos baseamos e os dados que surgem face ao material e à situação Rorschach (Marques, 1999).

4.2.Procedimentos

O nosso estudo irá assim incidir sobre a análise de um protocolo Rorschach, onde vamos procurar as especificidades do funcionamento mental do sujeito escolhido, onde vamos tentar compreender as características do seu espaço psíquico.

Para a análise do protocolo vamos procurar ter em conta alguns dos procedimentos da análise clássica do Rorschach, qualitativos e quantitativos, na medida em que nos possam ser úteis, mas vamos sobretudo analisar o protocolo como um todo, uma narrativa com princípio, meio e fim. Iremos assim proceder a uma análise cartão a cartão, momento a momento, onde iremos analisar os movimentos que ocorrem em cada cartão, bem como os movimentos que estão subjacentes às passagens entre os vários cartões. No final, a partir da(s) leitura(s) do protocolo no seu conjunto, iremos então procurar estabelecer esse outro texto, a partir do texto que o sujeito forneceu, que nos possibilite ler os diversos processos que levam à formação de uma resposta Rorschach, as reacções do sujeito à situação projectiva, que nos possibilite compreender as características do seu funcionamento mental e, mais especificamente, do seu espaço psíquico.

De modo geral, da análise clássica no seu plano qualitativo, referida por Chabert (1997/1998), iremos reter a necessidade de estar atento às características da verbalização, às suas particularidades, à sua fluidez, à sua abundância ou restrição, à participação emocional e fantasmática, à implicação do sujeito que a testemunha ou, pelo contrário, ao seu distanciamento, à secura do contexto associativo e à dureza das imagens. Iremos reter a necessidade de observar a variedade ou a semelhança das reacções face aos diferentes cartões, o alongar do tempo de latência inicial ou precipitação na expressão, as alternâncias na produção e as observações que sublinham uma reactividade particular a determinados traços.

No plano quantitativo, na análise do psicograma, iremos centrar-nos sobre o predomínio de uns factores sobre outros e as suas combinações. Iremos assim procurar sustentar e balizar os nossos dados qualitativos face aos dados quantitativos que, apesar de não nos permitirem pensar o singular, fornecem-nos uma espécie de “armadura sólida” (Chabert, 1997/1998) que irá contribuir para estruturar e enriquecer a nossa análise.

Estas particularidades, qualitativas e quantitativas, irão então ser enquadradas com outras, essas sim, que vão constituir a espinha dorsal da nossa análise. Nomeadamente, as particularidades que nos permitem aceder aos processos mentais envolvidos no processo-resposta Rorschach e que fundam a relação do sujeito a / com objecto. É, através destas, que

iremos procurar conhecer a natureza dos processos que actuam no sujeito de forma a estabelecer a relação entre a realidade psíquica interna e a realidade externa. Desta forma, iremos centrar a nossa análise na relação, comunicação, interpretação e simbolização, estabelecidas por Marques (1999) enquanto eixos organizadores da situação projectiva.

Ao contrário do que encontramos em relação ao espaço psíquico no Rorschach, a expressão da psicose nesta técnica projectiva tem uma vasta literatura. Assim, de acordo com Palem (cit. por Chabert, 1998/2000), é possível destacar a existência de uma “síndrome esquizofrénica no Rorschach” que compreende as seguintes características: F+% inferior a 70; recusa (ou equivalente) no cartão V; presença de C puras; presença de Cn; ausência de K; TRI extratensiva; confabulação e fenómenos aparentados; choque no cartão VII (cartão materno); choque no cartão IX (cartão pessoal); fragmentação, doença ou morte nos conteúdos; presença de abstracção; referências pessoais no cartão IX; perserveração.

Dos trabalhos sobre a patologia psicótica no Rorschach realizados por Béhar-Azoulay (1993) e por Chabert (1998/2000) com adolescentes e jovens adultos, respectivamente, destacam-se no essencial dois tipos de protocolos: paranóides e inibidos. Os primeiros são fornecidos por sujeitos onde o pensamento é nutrido por uma actividade delirante mais ou menos manifesta. Este tipo de protocolos conservam um funcionamento vívido, que nos dá a entender a existência de um espaço psíquico habitado, onde há “cenas que se desenrolam muitas vezes num espaço-tempo e numa lógica perturbados, mas que elas aí se jogam na êxtase ou no horror” (Chabert, 1998/2000, p.189). Há um domínio da faculdade de verbalizar, de explicitar, de projectar no seio das respostas os ingredientes de uma realidade interna investida. Os protocolos inibidos, por sua vez, são marcados por uma pobreza da verbalização, uma falta de criatividade, uma redução impressionante do número de respostas que se tornam repetitivas e desprovidas de ressonância fantasmática, dando conta de um funcionamento mental petrificado e um universo psiquicamente devastado. Estes protocolos evidenciam, assim, a secagem progressiva dos processos de pensamento na psicose no decurso da cronicização da patologia esquizofrénica.

Deste modo, ao estabelecermos os nossos parâmetros de análise e na análise do protocolo iremos ter em conta a presença das características da psicose no Rorschach e as linhas gerais que diferenciam os dois polos contrastantes da forma como a patologia psicótica se expressa no Rorschach. Estes, podem aqui ser entendidos, não numa lógica de contraste e oposição um ou outro, mas sim como um continuum que vai de uma grande riqueza fantasmática até a uma pobreza impressionante da vida mental (Béhar-Azoulay, 1993).

Por último, nesta pequena introdução ao funcionamento psicótico no Rorschach, gostaríamos de destacar que há sobre esta patologia um grande número de trabalhos que incidem sobre as perturbações do pensamento, pois é nestas que se torna mais visível as alterações que o mundo da psicose impõe sobre a relação do sujeito com o mundo. Nestes trabalhos é dado um lugar de destaque às perturbações relacionadas com a atenção, o raciocínio, a formação de conceitos, entre outros (Husain, 1996).

No nosso trabalho vamos assim ter em conta os factores acima referidos e vamos também incidir sobre a actividade de pensamento no Rorschach, contudo, não tanto numa perspectiva sintomatológica mas numa linha mais dinâmica onde os processos envolvidos na actividade de pensar ocupam um lugar central.

Neste tipo de visão, o lugar atribuído ao espaço psíquico torna-se mais relevante e significativo. Como já mencionámos e como é destacado por Marques (1999): “O espaço mental interno que tem a capacidade de conter, ligar, transformar, unificar e integrar, revela-se exemplarmente no trabalho de relação, comunicação e ligação implicado no processo-resposta Rorschach, na medida em que o processo de construção de imagens e de construção de sentidos e símbolos, opera na similitude e na diferenciação entre o que caracteriza o interno e o externo.” (p.244).

Abandonando uma visão mais psicopatológica da psicose, vamos tentar compreender como se expressa o espaço psíquico no sujeito escolhido para este estudo. Nesta linha de pensamento, vamos tentar integrar as perspectivas clássicas, que põem em jogo as questões da representação de si e da representação das relações, mas vamos submetê-las a esta outra visão que, apoiada nos referenciais teóricos kleinianos e pós-kleinianos e nos trabalhos realizados por Marques e Aleixo, entre outros, nos permite pensar o espaço psíquico e a forma como este se manifesta na psicose e expressa no Rorschach.

É, portanto, através da análise da actividade de pensamento no Rorschach, ou seja, através da análise das possibilidades que o sujeito tem de fazer um processo de ligação – transformação – recriação – criação que podemos também pensar as questões do espaço psíquico. As respostas Rorschach são aqui entendidas como o resultado de um processo, de um trabalho de ligação entre o interno e o externo que revela o nível de diferenciação, transformação e criação entre sujeito / objecto, interior e exterior (Marques, 1999).

Quando um sujeito interpreta uma mancha Rorschach há uma atribuição de significado, de sentido, a criação de um símbolo, um novo objecto, que é o resultado final de um processo que ocorre no seu espaço mental, iniciado a partir do impacto estético provocado pela apresentação da mancha. Essa resposta nasce assim das possibilidades de desenvolvimento

que se fundam na incerteza, na dúvida, no desconhecido, no disruptivo, através de um processo que vai da dispersão para a integração, do caos para a ordem, através de uma relação continente-conteúdo que implica relações de comunicação, empatia e transformação sustentadas e asseguradas pelo funcionamento da identificação projectiva (Marques, 1999).

Contudo, como vimos anteriormente, na psicose este processo de ligação entre o interno e o externo que ocorre num espaço mental diferenciado e que possibilita uma actividade de transformação e criação de um novo objecto apresenta-se perturbado. No seu lugar, o que parece estar presente é a confusão do interno com o externo, do sujeito com o objecto, ou seja, a incapacidade de diferenciação. A tolerância e a capacidade de conter a nova situação, de realizar movimentos que vão da dispersão para a integração parece ser difícil de atingir para o sujeito psicótico. Perante a impossibilidade de realizar uma função de continência, encontramos as marcas da intolerância à frustração e a falha do símbolo. A identificação projectiva perde aqui o seu valor de comunicação e empatia aproximando-se das suas manifestações patológicas.

Deste modo, para estudarmos as manifestações do espaço psíquico na psicose através do Rorschach, vamos utilizar como parâmetros de análise os três eixos organizadores que destacámos como centrais à *não expressão* do espaço psíquico na psicose: a incapacidade de diferenciação, a incapacidade de conter a ausência ou função de continência e a incapacidade de representação ou a falha na formação de símbolos. Neste sentido, os nossos parâmetros de análise serão constituídos por três vias fundamentais que procuram conter, da forma mais clara e articulada possível, as várias dimensões do nosso objecto de estudo. São eles:

- O primeiro grupo de parâmetros de análise está relacionado com movimentos referentes à **incapacidade de diferenciação**, centrando-se, por isso, nas questões das perturbações ao nível da identidade e na incapacidade para estabelecer uma relação com o outro, com o diferente, com a realidade.
- O segundo grupo de parâmetros de análise é referente à **incapacidade de conter** e está ligado às dificuldades do sujeito para lidar com a ausência do objecto, bem como para tolerar a frustração inerente à situação. Dá conta, portanto, da impossibilidade de exercer uma função de continência.

- O terceiro grupo de parâmetros de análise refere-se à **incapacidade de representação e à falha na formação de símbolos**. Está, pois, relacionado com as manifestações do funcionamento em reverso da função alfa e com a utilização da equação simbólica ao invés do símbolo.

4.2.1. *Incapacidade de Diferenciação*

A capacidade de estabelecer a diferenciação entre o eu e o outro, o sujeito e o objecto está relacionada com a identidade, com a possibilidade de um sujeito se afirmar como sujeito único e diferente, senhor de uma mente e um espaço interno que lhe pertence. E, é só a partir do momento em que há um, uno e inteiro, que podemos pensar em dois, que podemos pensar em relação, com o outro, com o objecto, com a realidade. De modo geral, toda a situação projectiva vai apelar a esta capacidade de se unificar, diferenciar e relacionar, revelando as relações de envolvimento, proximidade e distância entre eu-outro, interno-externo, sujeito-objecto (Marques, 1999).

De acordo com Husain (1996), esta diferenciação e relação assenta num “eu” capaz de “pensar sobre”. Assim, no Rorschach, teremos um “eu”, o sujeito, que fala para um “tu”, o examinador, a propósito de um “ele”, a prancha Rorschach. Porém, a distinção operável, a diferenciação, entre o eu, o tu e o ele mostra-se precária no sujeito psicótico e as fronteiras revelam-se constantemente móveis e abertas. As confusões dentro / fora percorrem todo o discurso do sujeito e a relação com o examinador testemunha uma incapacidade de receber o outro como separado e diferente do eu (Husain, 1996).

Segundo Husain (1996), a incapacidade de distinguir um eu no Rorschach dos sujeitos psicóticos vai estar patente na ausência de consciência interpretativa. Este conceito, originalmente de Bohm, dá conta da noção dos limites de um eu pensante que se reconhece como autor das suas interpretações. Husain destaca três categorias que assinalam a ausência de consciência interpretativa no Rorschach: A convicção de que existe uma boa resposta a detectar; a certeza quando à veracidade do conteúdo proposto, visível em expressões do tipo “é visível”, “vê-se bem”; e a adivinha, a ideia que há algo escondido que deve ser descoberto. Todas estas atitudes manifestam a crença de uma solução única e correcta, dando conta, por isso, de uma ausência de interpretação da parte do sujeito. Os conteúdos do pensamento parecem ser ditados pelo exterior e situados numa realidade externa, no lugar de serem atribuídos a um mundo interno e colocados dentro de um espaço interno subjectivo e

internalizado. A dúvida é aqui exprimida sobre o próprio pensamento do sujeito, não é colocada na relação entre a imagem Rorschach e um objecto real, mas entre o sujeito e a sua própria actividade de percepção, ou de interpretação, ou de pensamento.

Por sua vez, no sujeito paranóico, onde o pensamento tende a estar mais preservado, há uma tentativa de manutenção de um discurso lógico e rigoroso. Contudo, as contradições pontuam o discurso e, no mesmo raciocínio, podem ser vistas expressões de certeza e de prudência, ambas remetendo igualmente para a ausência de consciência interpretativa, a convicção de que existe uma solução única.

Como já mencionámos, a impossibilidade de estabelecer uma relação objectal decorre da confusão eu / não-eu. Deste modo, o pensamento psicótico no Rorschach revela-nos um tu estreitamente colado, fundido com o sujeito (Husain, 1996). Há uma ausência de distância face ao examinador que pode ser observada de várias formas. A sua tradução mais imediata no plano formal é a utilização de formulações que dão conta da ausência de distância (patente na utilização da terceira pessoa do plural), em que a existência respectiva do sujeito e do examinador é confundida. Podemos também observá-la no pensamento hermético do psicótico, o que se traduz num discurso sem meta-comunicação, implicitamente acessível para o outro. Deste modo, para o sujeito não há necessidade de se fazer entender, o tu, o outro, encontra-se incluído, incorporado no pensamento de um sujeito que não distingue mais quem pensa (Husain, 1996).

Assim, no Rorschach dos psicóticos, em especial no polo mais paranóico, vemos, simultaneamente, a simbiose e a luta contra a simbiose. Há o manter de uma separação, de uma demarcação face a um interlocutor sentido como perseguidor, contudo, este é também necessário e por isso o sujeito mantém-se, a todo o custo, em adesão ao objecto, não lhe é atribuída uma existência própria (Husain, 1996). Observa-se aqui uma hiper-delimitação arbitrária, em que o eu, o tu e o ele são rigidamente separados, já que este tipo de vivência leva o sujeito a erguer uma barreira de vigilância e prudência face ao perigo da intrusão e penetração associada à situação e ao olhar do outro. Há um aumento das perguntas, dos pedidos de esclarecimento da instrução e comentários sobre o carácter intencional dos cartões. O perseguidor é aqui conscientemente interpretado como sendo “aquele que construiu o teste” e confundido com o examinador (Chabert, 1997/1998).

Desta forma, para o psicótico, também o objecto a pensar, o Rorschach, é um objecto a negar. Ao longo da situação projectiva as marcas da incapacidade de diferenciação vão assim revelar-se a vários níveis. A forma como o sujeito reage aos diferentes cartões vai possibilitar

observar em que medida há sensibilidade a estimulações diversas o que irá, ou não, no sentido das capacidades de diferenciação do objecto (Chabert, 1997/1998).

Nos sujeitos psicóticos a capacidade de adaptação, de mediação entre o interno e o externo, não tende a ser mantida. De acordo com Husain (1996), o psicótico dá respostas estereotipadas, mantendo sempre o mesmo tipo de apreensão, o que testemunha uma negação fundamental que é incompatível com o processo de elaboração.

A forma de abordar as pranchas tende a manter-se ao longo da prova. É dado um privilégio ao modo de apreensão global (G), podendo mesmo ser exclusivo nos protocolos inibidos. Nos funcionamentos mais paranóicos, a apreensão global pode oscilar entre G adequadas e G patológicas, o que dá conta da dificuldade em manter a unidade no seio do mesmo funcionamento (Béhar-Azoulay, 1993). De acordo com Chabert (1998/2000), as respostas G que aparecem nos protocolos dos sujeitos psicóticos, à excepção de algumas G simples adaptativas, não dão conta de uma apreensão perceptiva dos objectos com a concomitante delimitação das fronteiras que os distinguem do fundo em que se encontram. São Gs vagas, imprecisas, sem limites, que traduzem a falta de separação entre os objectos. Por vezes, Gs confabuladas que testemunham a dificuldade em distinguir a parte do todo (Béhar-Azoulay, 1993). Ou, Gs contaminadas dando conta de uma colisão ilógica e simultânea entre dois perceptos, mostrando, uma vez mais, a confusão identitária.

A par com este modo de apreensão pode surgir também o recurso ao recorte em pequenos pormenores (Dd) que, ao invés de remeter para uma observação e análise mais detalhada da prancha, assume um tipo de abordagem global nos protocolos dos sujeitos psicóticos. Estas respostas aparecem compreendidas em localizações muito raras, por vezes muito vastas, não obedecendo, por isso, aos princípios lógicos da percepção comum. Constituem localizações não habituais de carácter arbitrário e má qualidade formal que parecem, uma vez mais, obedecer à necessidade de negar qualquer diferença, qualquer distinção suficientemente significativa que justifique a sua escolha (Chabert, 1998/2000).

Observa-se também uma ausência de diferenciação figura / fundo, um tipo de abatimento absoluto do espaço atingido através do apagar dos contornos, como se uma dimensão do espaço faltasse e os objectos não pudessem mais ser distinguidos do fundo em que se inscrevem. Esta ilustra-se pelo aparecimento de respostas que utilizam o branco como localização ao mesmo título das manchas negras ou coloridas. Assim, o que aparece perceptivamente destacado, nomeadamente o contraste branco / negro, é aqui suprimido por um apagamento dos contornos que diferenciam as várias partes da mancha (Chabert, 1998/2000). Este tipo de funcionamento mostra-se assim como o inverso das condutas

narcísicas que valorizam o extremo dos contrastes e dos limites com o objectivo de lutar contra a confusão e de assegurar a existência de fronteiras (Béhar-Azoulay, 1993).

Outra marca do insucesso das capacidades de diferenciação ao longo da prova projectiva é a perserveração, visível no aparecimento de respostas semelhantes a diferentes cartões. Este mecanismo, que obedece à compulsão à repetição, testemunha a não-observância da prova da realidade e a existência activa de mecanismos da ordem da recusa dessa mesma realidade (Chabert, 1998/2000). Estas respostas são geralmente de má qualidade formal remetendo, portanto, para as falhas na relação com a realidade. Para Chabert (1998/2000), estas respostas podem ser pensadas como um sistema de respostas-ecrã idênticas que constituem uma espécie de barreira contra as representações do mundo interno, já que parecem estar privadas de referências objectivas e significações fantasmáticas.

Deste modo, nos protocolos de psicóticos observamos falhas gravíssimas na utilização dos continentes formais e na qualidade de relação ao real. Estas falhas vão estar patentes, ao nível do psicograma, na baixa percentagem de F+, que tende a ser mais incidente nos protocolos de sujeitos paranóicos.

Nos protocolos inibidos podemos observar uma maior percentagem de F+, associado a um certo número de banalidades. Contudo, tendem a ser respostas conformistas e não são mais do que uma ilusão adaptativa, na medida em que toda a presença do fantasma, do subjectivo e do emocional está radicalmente banida. Observa-se aqui uma perda absoluta de sentido, os objectos aparentam estar privados de vida (Béhar-Azoulay, 1993).

Por sua vez, a ausência de respostas cinestésicas assume um valor de especial importância, já que remete para a incapacidade de evocar relações. É nos protocolos inibidos que esta ausência é mais acentuada, dando conta do extremo dano de uma imagem de si unificada, diferenciada do objecto (Chabert, 1998/2000).

Nos protocolos paranóides, pelo contrário, encontra-se um excesso de projecção, regularmente observado no início de uma descompensação psicótica, que dá conta de um transbordar de movimentos persecutórios impossíveis de ligar e geradores de uma angústia inimaginável (Chabert, 1998/2000).

A possibilidade de representar o vivo no espaço psíquico, a figura do eu, mostra-se assim impossibilitada, já que “são as cinestésias na sua *dimensão móvel*, naquilo que traduzem o que mexe, o que anima e molda as formas” que se constituem como a marca desta representação (Chabert, 1998/2000, p.217). O verbo, critério de cotação das cinestésias e o representante de um movimento encontra-se então excluído. Esta ausência de projecção do movimento revela assim, simultaneamente, a morte do desejo e a recusa da relação com o outro.

Desta forma, segundo Chabert (1998/2000), quanto mais as cinestésias abandonam a produção do sujeito maior será a *secura* da psique. A presença de uma cena animada, por muito tímida que seja, mostra que o vivo ainda permanece, que um pensamento pode ser recriado.

Assim, nos protocolos Rorschach os mecanismos de defesa utilizados vão espelhar as falhas na possibilidade de figurar um sujeito e um objecto e a sua relação. Há um predomínio de mecanismos de defesa menos evoluídos e de uma utilização patológica dos mesmos.

A clivagem, mais presente nos protocolos paranóides, assinala a presença de uma actividade defensiva que permite uma diferenciação efectiva e assegura um mínimo de vitalidade nos processos de pensamento. Nos protocolos dos esquizofrénicos cronicizados a clivagem parece deixar de funcionar e é substituída por mecanismos dissociativos.

No Rorschach, a dissociação transparece na inadequação entre as palavras e as coisas, numa ligação arbitrária, que define articulações singulares entre perceptos e sequências de linguagem. De acordo com Shentoub e Debray (cit. por Chabert, 1998/2000), este mecanismo revela-se no número restrito de banalidades, no F+% baixo e nas respostas G organizadas de uma forma não captável. Mas é sobretudo a dissociação da imagem do corpo que constitui um sinal essencial do funcionamento psicótico, do qual iremos falar mais aprofundadamente no próximo parâmetro (Chabert, 1998/2000).

A forma como o sujeito se vai organizar ao longo da situação projectiva em relação à dimensão de simetria do material, presente em todos os cartões, vai assim permitir e revelar a unidade do sujeito. No Rorschach de sujeitos psicóticos observa-se um movimento de desdobramento que evidencia a divisão do sujeito e a falta considerável da constituição de uma unidade da identidade. Ao contrário dos protocolos narcísicos, nos protocolos de psicóticos, o duplo vem negar a relação e, nomeadamente, a separação. Assim, o duplo psicótico não se inscreve num espaço / espelho susceptível de o figurar, mas revela o englobar mútuo e a telescopagem identitária.

Desta forma, a identificação projectiva, mecanismo essencial na situação projectiva, já que é responsável pelo processo de comunicação, empatia e de diferenciação sujeito / objecto (Marques, 1999) encontra-se aqui a funcionar de forma patológica, não servindo uma função de comunicação e de conhecimento do outro, mas sim de controle onnipotente e de evacuação. É utilizada de forma excessiva e patológica, não contribuindo para a transformação e diferenciação mas sim para a confusão com o mundo.

A ausência de distinção entre o interno e o externo, o dentro e o fora vai então ser causada por um funcionamento patológico da identificação projectiva. A inadequação perceptiva das

respostas está assim ligada ao não reconhecimento do objectivo como tal, aqui o estímulo serve apenas de suporte material às expressões da representação de si, ou ainda, à projecção das preocupações delirantes (Chabert, 1998/2000).

Assim sendo, nos protocolos de sujeitos psicóticos a indiferenciação, a confusão com o mundo vai então revelar uma recusa desse mesmo mundo, da realidade, do outro, das diferenças, entre os sexos, os corpos e as mentes.

4.2.2. *Incapacidade de Conter (a ausência)*

A capacidade de conter a ausência, ou talvez melhor, a capacidade de exercer uma função de continência vai-se desenvolvendo à medida que o sujeito é capaz de tolerar a frustração, de tolerar a ausência do objecto. Será assim, através de uma conjunção constante de factos experimentais em relação à presença e à ausência do objecto, através da identificação à função continente da mãe com rêverie, que o sujeito se tornará capaz de tolerar o não significado que procura a significação. Deste modo, a capacidade de conter dá conta da presença de um mundo com limites seguros (continente) onde o sentido pode ser encontrado (conteúdo) (Marques, 1999) e da capacidade que o sujeito tem para transformar, por via do pensar, a emoção.

A situação projectiva, entendida como uma situação disruptiva, desconhecida para o sujeito vai por então à prova as capacidades de preservar um interior, ser um continente e, através essencialmente da identificação projectiva, de estabelecer conteúdos e uma relação e comunicação com o mundo (Marques, 1999).

Como vimos anteriormente, na psicose há uma incapacidade de conter a ausência do objecto, de ultrapassar a experiência dolorosa, que vai levar a uma fuga em relação à realidade. Encontramos então as marcas da intolerância à frustração, o predomínio dos impulsos destrutivos e um ódio violento à realidade. O sujeito psicótico, perante a experiência de frustração, de não significação, não vai proceder a uma elaboração e transformação, mas sim a uma evacuação, num esforço para negar a existência da dor.

Deste modo, tal como foi referido em relação ao organizador anterior, na psicose a perda da identidade constitui-se como uma problemática central (Chabert, 1997/1998). A luta antinarcísica ataca as fronteiras entre o dentro e o fora, as barreiras de separação, e vai dar azo ao arrombamento e a confusão (Chabert, 1998/2000). Esta ameaça constante de perda do ser irá assim revelar o desaparecimento dos limites temporais e espaciais, o apagamento das fronteiras entre dentro e fora, continente e conteúdo. Desta forma, a extrema fragilidade das

barreiras, a falta de uma noção de um eu individualizado vão fazer emergir a uma angústia de fragmentação e de desintegração, bem como medo da destruição e aniquilamento pelo objecto persecutório.

No Rorschach dos psicóticos a presença da angústia de fragmentação, reveladora de um eu incontido, vai levar a uma desorganização geral onde as emergências em processo primário se vão tornar dominantes (Chabert, 1997/1998). A capacidade de mediar, pensar a emoção, encontra-se aqui travada e, por isso, a quantidade de afectos mobilizada é considerável. Segundo Chabert, há um domínio do tudo ou do nada, afectos maciços, transbordantes e invasores ou uma ausência total de afectos.

Observam-se assim condutas que dão conta destas dificuldades de organização, de contenção de afectos e de contenção de pensamentos. De acordo com Chabert (1997/1998), os protocolos de sujeitos psicóticos, em especial no polo mais inibido, revelam uma descontinuidade ao nível da atenção que remete para a desordem perante o Rorschach. Contudo, é uma desordem sem surpresa ou desespero, já que os afectos parecem faltar e quando surgem aparecem traduzidos na forma de um estado de alerta ou pânico revelado por mudanças corporais, uma deformação mímica do rosto, um gesto brusco, um movimento extravagante, inesperado, ou então, o recurso a estereotípias gestuais ou verbais.

Esta descontinuidade na atenção é de tal forma acentuada que, muitas vezes, chegados ao inquérito o sujeito já não se lembra das respostas dadas durante a aplicação ou localiza-as de forma totalmente arbitrária em relação à primeira apreensão. Deste modo, aquilo que poderia constituir uma banalidade pode revelar-se uma resposta privada de qualquer significado realista e adaptativo (Chabert, 1997/1998). As respostas dadas pelo sujeito aparecem-lhe assim secundariamente como estrangeiras, parecem não estar inscritas nem ter deixado nenhum traço na psique (Béhar-Azoulay, 1993).

Esta incapacidade de conter vai então revelar-se a diferentes níveis na forma como o sujeito apreende as manchas. Seguindo os itens propostos por Palem a propósito da síndrome esquizofrénica no Rorschach, Chabert (1998/2000) vai acrescentar que a presença de respostas C puras vão remeter para a ausência de contenção de movimentos pulsionais e vai dar lugar ao aparecimento de imagens mórbidas.

Desta forma, a presença de C puros, de Cn e um TRI extroversivo vão remeter para a falta de contenção, no caso de C puro, ou de integração dos afectos, no caso de Cn, que dão conta da impossibilidade de contenção, da inexistência de um continente.

Por sua vez, os choques aos cartões VII e IX e as referências pessoais ao cartão IX revelam a sensibilidade dolorosa às relações de objecto precoces e a intensidade das reacções

face a um material cujas solicitações latentes convocam representações de imagens maternas arcaicas, e que, por isso, vão petrificar as possibilidades de representação.

O Tipo de Ressonância Íntima, pode assim ser ou muito dilatado ou coartado. No primeiro caso, ou as respostas K com valência interpretativa e delirante são numerosas, dando conta das invasões fantasmáticas, ou então a soma das respostas C é muito elevada, assinalando a invasão emocional e a fragilidade das barreiras internas. No segundo caso, as incidências projectivas e emocionais parecem ter sido totalmente limitadas, numa apresentação uniforme dos determinantes, remetendo para a ausência do vivo no espaço psíquico.

No entanto, será talvez a nível dos conteúdos dados ao Rorschach que poderemos captar melhor a incapacidade de conter. Na psicose os conteúdos reenviam, essencialmente para as noções de integridade corporal, quer se refiram ou não a imagens humanas. A angústia de fragmentação vai então revelar-se nos conteúdos fragmentados, cortados, sem possibilidade real de síntese dos elementos percebidos. Observam-se múltiplas referências ao corpo em imagens mutiladas, fragmentadas ou em respostas anatómicas ósseas e viscerais. Aparecem também conteúdos específicos que assinalam a ausência de integridade corporal (Hd, Anat, Sang) e a confusão de reinos (respostas H/A ou H/Obj) (Chabert, 1997/1998). Os conteúdos A ou objectos são contaminados pela parcialização e a fragmentação, à imagem do corpo próprio, os objectos do mundo exterior não podem ser apreendidos na sua unidade.

O mecanismo de dissociação manifesta-se aqui nas respostas fragmentadas, desmembradas, que remetem para a falta de integração da representação do corpo. As respostas humanas inteiras são raras nos protocolos e as respostas anatómicas muito numerosas (Chabert, 1998/2000).

Deste modo, a falta da noção de um continente torna os mecanismos de defesa ineficazes. Há um uso predominante e patológico da identificação projectiva, mais propriamente daquilo que Bion denominou por identificação projectiva explosiva.

Assim, na psicose as emoções não têm contenção à semelhança dos pensamentos do sujeito. À um recurso exagerado a imagens corporais desconectadas e fragmentárias, à imagem de um aparelho de pensar fragmentado (Chabert, 1998/2000). Tal como é mencionado por Chabert (1998/2000, p. 228), “(...) a ausência de diferenciação entre dentro e fora, (...) leva a colocar a hipótese de uma falha de continente psíquico, que permitiria ao pensamento manifestar-se no seu espaço e de se constituir como tal, isto é, liberto das contingências corporais que alienam as potencialidades de raciocínio abstracto.”.

4.2.3. *Incapacidade de Representação*

Tal como já foi referido, a resposta Rorschach pode ser considerada como um novo objecto que nasce do confronto, da ligação e da separação, entre o objecto interno e o externo, a partir de um trabalho de transformação, construção e comunicação de sentido (Marques, 1999). De mancha passa a imagem, de “coisa” a conceito e a símbolo.

O símbolo, a representação de algo, nasce de um processo de criação que opera através da função alfa, função do pensamento. Nasce da capacidade de conter e tolerar a ausência, a frustração. Surge como necessidade de ultrapassar as experiências emocionais dolorosas que decorrem do confronto do sujeito com o reconhecimento da ausência, da frustração, do negativo do objecto e da significação (Marques, 1999).

O organizador simbolização é, por isso, considerado fundamental no processo-resposta Rorschach. A situação projectiva vai obrigar a identificar o objecto, a mancha Rorschach de maneira simbólica, em que se torna patente uma actividade feita de encontro, comunicação e intimidade entre o dentro e o fora, o passado e o presente, que permite revelar o nível de separação mas também de ligação e transformação entre o objecto interno e o objecto externo (Marques, 1999).

Como vimos ao longo da revisão teórica, a falha na formação de símbolos apresenta-se como uma das características da patologia psicótica. O lugar onde deveria surgir o símbolo não pode ser tolerado, nem pensado. A função alfa encontra-se a funcionar em reverso, retirando significação ao invés de atribuir. O mundo do sujeito apresenta-se então, não como um mundo significativo, simbólico e verdadeiramente criativo, mas como um mundo bizarro em que o interno e o externo são confundidos, o eu e o outro.

Deste modo, no Rorschach dos sujeitos psicóticos, a falha na formação de símbolos, a incapacidade de representar, vai decorrer das falhas dos dois parâmetros anteriores, a incapacidade de diferenciação e a incapacidade de conter. Assim, mais do que na resposta final, na imagem dada, é no próprio processo que a falha na formação de símbolos se vai revelar.

O funcionamento em reverso da função alfa vai impedir as actividades de ligação necessárias à formação de símbolos. Desta forma, nos protocolos de sujeitos psicóticos é possível observar movimentos que revelam este funcionamento.

De acordo com Chabert (1997/1998), observa-se uma necessidade de descontinuidade ao longo da prova projectiva que é imposta pela obrigação de ruptura com os objectos, pela necessidade do não sentido. Os sujeitos psicóticos não se demoram nos cartões, ou melhor,

não se ligam à prova, mantendo uma desatenção que lhes permite evitar o impacto dos objectos, devido ao receio de serem captados por um objecto que poderia absorvê-los. As medidas de desligação são, portanto, intensas e a destrutividade presente não permite a manutenção de uma continuidade susceptível de estabelecer bases sólidas para a identidade do sujeito. Assim, na psicose, o pensamento revela-se regularmente entravado pelo ataque ao sentido e a necessidade do não sentido (Chabert, 1998/2000), o ataque aos elos de ligação, como é postulado por Bion.

Desta forma, segundo Chabert (1998/2000), quanto maior for a inibição do protocolo, maiores serão as medidas de desligação e de ataque ao sentido. No polo mais paranóide do funcionamento psicótico, é possível, ainda, reter os sinais de ligação que permitem a passagem de uma imagem à outra, é possível dar conta da existência de um fio associativo na ressonância das imagens aos conteúdos latentes dos cartões. Na inibição, por sua vez, o ataque aos elos é tão forte que nenhuma associação é verdadeiramente pensável. Estes protocolos marcam-se pela ruptura, pelo aspecto comprimido do funcionamento mental numa utilização reduzida de elementos que são portadores de uma significação repetitiva e limitada. Aqui não parece existir possibilidade de desvendar as construções psíquicas no protocolo, porque a equação simbólica vem substituir o lugar do símbolo. Encontramo-nos perante uma petrificação da psique, uma impossibilidade de pensar, encontramos perante a morte do vivo no espaço psíquico.

Assim, para compreendermos a presença do símbolo no Rorschach, teremos de, por um lado, estar atentos ao processo de formação da resposta e, por outro, observar a existência de uma espessura simbólica nos conteúdos dados pelo sujeito. De acordo com Chabert (1997/1998), quando há espessura simbólica é possível dar conta da presença de duas folhas sobreponíveis, onde os conteúdos manifestos vão servir de continente às referências latentes que é possível de induzir, a partir do carácter transparente e simbólico da imagem.

Na psicose podemos assim encontrar uma ausência desta espessura simbólica. As respostas são “lisas”, revelando apenas um simples contacto perceptivo, onde não parece estar presente o menor sinal simbólico. O conteúdo manifesto não é aqui sustentado, não está ligado, a nenhum conteúdo latente. As respostas dadas são, assim, referências factuais concretas que não apelam a qualquer associação nem no sujeito, nem no clínico. Os conteúdos são expostos de forma monótona, desligados, sem que se possa evidenciar um fio condutor, até mesmo, quando são adequados no plano da leitura do conteúdo manifesto.

Assim, no lugar do símbolo encontramos então a equação simbólica, onde não há uma actividade de representação, o símbolo e a coisa simbolizada são indistinguíveis, evocando a

mesma resposta emocional. Ao invés de um universo simbólico, o sujeito vive um universo bizarro, onde o dentro e o fora não estão separados, onde o sujeito se confunde com o mundo.

4.3. Apresentação do Sujeito

O sujeito do nosso estudo será apenas um de modo a permitir uma análise aprofundada do protocolo. Tendo em conta que escolhemos trabalhar numa lógica qualitativa, não é, portanto, relevante a significância da amostra utilizada, mas sim a qualidade da análise feita em relação ao caso particular que pretendemos estudar.

O protocolo que iremos utilizar foi previamente recolhido num serviço de psiquiatria de um hospital, tendo sido seleccionado por corresponder às características procuradas.

Na linha do nosso trabalho, constituímos apenas como requisito único o de ser um sujeito adulto com patologia psicótica. Optamos também por não utilizar outros elementos de análise para além do protocolo em si, já que pretendemos exclusivamente estudar as manifestações do espaço psíquico na psicose através do Rorschach.

Iremos, deste modo, centrar a nossa atenção nesse momento único e singular que é a situação projectiva, reflectida no texto transcrito de um protocolo Rorschach.

Desta forma, irá assim ser analisado o protocolo de um sujeito adulto de vinte e oito anos de idade.

4.4. Análise e Interpretação do Protocolo

4.4.1. Análise Cartão a Cartão

Cartão I

Neste cartão, que remete para a entrada numa situação nova, o sujeito entra directamente na expressão, dando a resposta “Parece uma borboleta” e devolvendo o cartão logo a seguir. Verificamos assim, por um lado, a manutenção da consciência interpretativa através da utilização do verbo “Parece”, mas também a falta de curiosidade pelo objecto, sendo o cartão devolvido imediatamente após surgir a primeira associação. O receio, neste primeiro contacto com o objecto, vem assim manifestar-se mediante o afastamento do cartão.

É então que, após um provável estímulo do examinador, o sujeito acede a uma nova exploração do cartão, invertendo-o, e dando de imediato uma segunda resposta “Uma nave espacial”, associação que aparece seguida de riso. Aqui, a precaução verbal desaparece, e parece também diminuir a distância em relação à imagem, o riso vêm acentuar a sensibilidade ao estímulo.

Deste modo, no inquérito esta segunda imagem parece prevalecer e até mesmo aumentar, para o sujeito “*Tudo* lembra imagens espaciais, deste lado”, acrescentando ainda “fica agressiva, fica pontiaguda, aerodinâmica”. Nesta adjectivação é difícil discernir ao certo ao que o sujeito se refere, ainda à nave espacial? Ou talvez a própria mancha? Uma vez mais, nesta descrição, parece estar patente uma diminuição da distância.

Observa-se assim, na primeira resposta do cartão, a possibilidade de aceder ao símbolo, o sujeito dá uma imagem global, inteira, de boa qualidade formal e uma banalidade. A diferenciação está aqui bem estabelecida, bem como a contenção do impacto emocional causado pelo estímulo e pela situação projectiva. Contudo, a precaução verbal e a devolução do cartão marcam aqui o esforço defensivo e a falta de vontade na exploração.

Num segundo momento, aparece a resposta “Uma nave espacial”. Com a inversão do cartão, a imagem borboleta vêm dar lugar a uma nave espacial. Esta resposta perde desde logo a qualidade formal em relação à primeira. A menor barreira defensiva que aqui é colocada, visível na ausência de precaução verbal e nas reacções do sujeito, vem revelar a manifestação da pressão pulsional e projectiva através da cinestesia de objecto. Contudo, a derrapagem formal revela a perda de controlo e a intensidade dos movimentos projectivos,

assinalando a necessidade de descarga de ansiedade, também patente nos risos do sujeito. A explicitação no inquérito vem, posteriormente, clarificar a valência agressiva e paranóide desta associação.

A solicitação latente de um cartão que remete para o entrar em contacto, para o modo de estabelecer a relação de objecto, parece aqui reactivar, nesta segunda resposta, o nível menos evoluído, ou seja, o da relação com a mãe pré-genital no seu aspecto mais negativo, suscitando uma imagem de ameaça e de onnipotência.

De modo que, observamos, neste cartão, dois modos diferentes de estabelecer a relação com o objecto, um adaptado, no qual os mecanismos de defesa contribuem para manter a ligação do sujeito com a realidade. E, um outro, em que estes mecanismos parecem falhar e onde a identificação projectiva vai levar a uma diminuição da distância entre o sujeito e a prancha e revelar a dificuldade na contenção dos movimentos pulsionais. A possibilidade de simbolizar vai então falhar, e revelar uma resposta de má qualidade formal, em que se torna difícil fazer a distinção entre o impacto emocional causado pela mancha e a resposta do sujeito.

Cartão II

Neste primeiro cartão bilateral da prova, o sujeito dá como primeira resposta, após um aumento do tempo de latência, uma imagem global com a inclusão do branco central. A resposta “Um gato” vêm seguida de riso e de uma explicação, onde há, simultaneamente, uma manutenção da consciência interpretativa “*E faz lembrar um gato, porque isto aqui faz lembrar os bigodes e o nariz do gato,*” e a perda dessa mesma consciência “*não sei se aqui são os olhos, se orelhas.*”.

Os risos parecem aqui remeter, por um lado, para a excitação positiva causada pelo impacto do cartão e por outro, vir no seguimento da excitação causada pela segunda resposta ao primeiro cartão, acentuando, uma vez mais, a perda de distância entre o sujeito e o objecto.

A resposta “gato” revela-se então de má qualidade formal, é difícil perceber onde está o gato, o corpo parece estar ausente, e nem o próprio sujeito parece perceber ao certo a imagem associada. Observamos aqui uma tentativa de unificação arbitrária, em que o gato é constituído por partes que *fazem lembrar um gato*.

Neste cartão, que, ao ser bilateral, apela à relação, o sujeito nega esse movimento e apreende o cartão globalmente e com inclusão do branco. O espaço entre a mancha, que eventualmente poderia separar as duas figuras, é aqui preenchido, revelando a ausência de

diferenciação. Esta apreensão global poderá então dar conta da simbiose na relação com o objecto primário. E, a necessidade de preencher o branco, vem, por sua vez, por a tónica na incompletude e na falta reactivada por essa relação. A própria forma como o sujeito aponta para a imagem parece remeter para uma necessidade mais acentuada de a circunscrever, mesmo, de a preencher.

É possivelmente nesta busca de unificação, bem como numa submissão ao clínico arrastada pelo primeiro cartão, que o sujeito continua quando inverte o cartão e dá a quarta resposta do protocolo “Uma galinha”. Esta aparece seguida de um recurso ao clínico sob a forma de uma pergunta “É suposto lembrar muitas coisas?”. Está aqui patente uma certa angústia perante o fracasso das tentativas de unificação, bem como o desejo de agradar ao clínico. O sujeito recorre ao outro, através de uma pergunta algo infantilizada, talvez para o ajudar a constituir uma imagem que, tal como a primeira deste cartão, não parece ter força para se suster. A frustração transparece na afirmação seguinte e na necessidade de juntar as partes que constituem a galinha “...Mais nada...Uma galinha, aqui assim parece a crista e aquelas coisas que tem caídas (gestos no pescoço)”. Uma vez mais, é difícil perceber onde está a galinha, parece ser constituída por partes, a *crista* e *aquelas coisas caídas*. Ao contrário da resposta anterior, em que o sujeito se aproxima do cartão para circunscrever a imagem, aqui é no seu próprio corpo que explicita a imagem que vê. O vermelho é aqui incluído e encontra-se contido pela forma, contudo esta não é uma imagem de boa qualidade formal, revelando por isso, uma vez mais, a incapacidade de conter e circunscrever que parece dominar este cartão e a extrema necessidade de definir um envelope perceptivo.

No inquérito, o sujeito acrescenta então uma associação a esta segunda resposta do cartão, “Galinha ou galo, e tem umas coisas caídas, o resto não faz lembrar.....Ah! E aqui também o bico da galinha, não sei”. Observamos aqui, mais uma vez, a instabilidade desta imagem. Pode ser uma galinha *ou* um galo, há um novo reforço às “coisas caídas” e a confirmação de que esta imagem parece ser associada apenas a partir de dois pormenores. Por último, o entusiasmo perante aquilo que o sujeito afirma ser o bico da galinha, contudo sem ter muita certeza. Mais uma vez, a consciência da interpretação é intermitente, vêm e volta, e são partes que vão revelar a ausência de um objecto íntegro no final. O bico da galinha poderá aqui remeter, também, para a dimensão agressiva e paranóide da relação com o primeiro objecto, já patente no primeiro cartão.

Observamos então um esforço de globalização a qualquer preço, que não permite o menor recorte, já que esse poderia ser sinónimo de ruptura e de fragmentação. A confusão sujeito-

objecto, causada por um uso excessivo e patológico da identificação projectiva vai revelar a falha nas funções de continência e na simbolização.

Cartão III

Desde logo, o desconforto, no aumento do tempo de latência, numa ansiedade que vai procurar alguma descarga no corpo, numa clara dificuldade em abordar o cartão. E, uma vez mais, o surgir de uma imagem num cartão bilateral. Na impossibilidade de evocar o conteúdo latente do cartão (a representação da relação), surge uma imagem que tenta englobar pormenores dispersos num conjunto, uma rã.

No inquérito o sujeito vai acrescentar “O conjunto, a rã, os olhos, a cabeça. As rãs têm os olhos salientes.”. Forma-se aqui, tal como no cartão anterior, uma imagem composta por partes que não apresenta limites claramente definidos, numa tentativa de preencher o espaço central do cartão e evitar a confrontação bilateral. O acento posto no olhar, na fase de inquérito, parece vir a realçar a sensibilidade paranóide.

Num segundo momento, o recurso ao clínico, através de duas questões que remetem para a ausência de consciência interpretativa e para a confusão entre o papel do examinador e do criador da prancha. O sujeito parece vir aqui em busca de auxílio para lidar com as emergências pulsionais causadas pelo impacto do estímulo vermelho, onde está acentuada uma sensibilidade paranóide: “E as cores têm alguma importância?... Vocês põem por alguma razão...”.

Surge então a segunda resposta ao cartão “Sangue, só sangue” que vêm revelar, clara e cruamente, a impossibilidade de contenção e a angústia causada pelo estímulo. Observamos aqui o desaparecimento das fronteiras entre o dentro e o fora e o conteúdo sangue vai revelar a fragilidade de um continente que deixa escapar o seu fluxo vital (Chabert, 1997/1998).

No inquérito, por sua vez, o sujeito consegue, devido à menor intensidade da angústia, evitar o impacto do estímulo vermelho disperso, fazendo uma negação a qualquer possibilidade de atribuir significado. Mostrando, uma vez mais, a instabilidade de um percepto, que não parece ter surgido de uma actividade de pensamento, mas sim de uma falha nas funções de contenção.

Por último, perante a solicitação do inquérito de limites, o sujeito é capaz de aceder à representação da imagem humana e da relação. Revela-se aqui, uma conduta que já se tem vindo a demarcar ao longo da prova, em que o sujeito revela uma certa dependência face ao outro. Conduta essa, que, apesar de positivamente estimular a corrente associativa, parece

também desorganizar o sujeito devido a uma diminuição das defesas que arrasta condutas mais vivas e excitantes. Aparece a resposta “Sim, isto parece dois homenzinhos que estão debruçados sobre qualquer coisa que eu não percebo bem o que é, e tem uma conotação qualquer sexual, que eles estão os dois excitados, parece.....É isto, não percebo bem o que é, não sei se é um berço.”. Está aqui presente, por um lado, o valor positivo da cinestesia humana, o representante do vivo, a identificação sexual referente ao mesmo sexo do sujeito e a possibilidade de representar a relação. Contudo, a expressão da sexualidade e o movimento atribuído às imagens vem revelar, apesar das precauções verbais, uma imagem bizarra, com conotações delirantes, sem qualquer possibilidade de sublimação. Já não é um sujeito que interpreta, mas sim um sujeito que tenta adivinhar um “conteúdo escondido” no cartão.

Cartão IV

Após um ligeiro aumento do tempo de latência, o sujeito recorre ao clínico e coloca a pergunta “Não posso dizer borboletas a tudo, pois não?”. Observa-se aqui uma certa tendência para a perseveração que é barrada por um medo de não dar a resposta certa. A consciência da interpretação está ausente e a equação simbólica surge na primeira prancha compacta após a primeira, que, talvez por apresentar características semelhantes, parece reactivar a mesma resposta emocional.

Assim, o medo de errar parece levar à procura de uma nova imagem, que surge após algumas manipulações do cartão, “Isto faz-me lembrar um animal qualquer dissecado.” Antes de mais, o manter da consciência de interpretar é aqui acentuado. Porém, a resposta dada não é de boa qualidade formal. Num cartão que remete para uma imagem de autoridade, potência e de dominação, surge uma resposta em que o objecto não está definido, sobressaindo a fragilidade do envelope corporal na imagem de uma dissecação. Surge também um conteúdo passivo perante a solicitação simbólica de potência, reenviando assim, também, para a fragilidade narcísica.

No inquérito o sujeito acrescenta “Um animal dissecado, mais um rato, tirando esta parte aqui, um rato dissecado, com esta parte aqui não sei. Pela espalmação, parece espalmado”. Observamos aqui uma tentativa de definição do objecto, um rato dissecado, contudo a imagem não é estável, o sujeito tem dificuldades em nomear. E a imagem parece ser aqui ainda mais atacada, é-lhe retirada a tridimensionalidade.

Cartão V

Neste cartão que remete para a representação de si, o sujeito, após um curto tempo de latência faz uma inversão do cartão e dá a resposta “Uma borboleta” seguida de riso e de uma grande hesitação, “ou um morcego, uma borboleta ou um morcego”. Surge então uma segunda resposta “Um morcego”. A associação feita na prova de escolhas parece vir clarificar o movimento aqui presente. O sujeito refere este cartão como uma escolha positiva, acrescentado “A dupla faceta da borboleta (que não faz mal a ninguém) e do morcego (vampiro)”.

Estamos aqui perante duas respostas de boa qualidade formal, que se constituem como banalidades na prova, remetendo, portanto, para a possibilidade de estabelecer a diferenciação e de aceder ao símbolo, num primeiro momento. No entanto, se observarmos melhor os movimentos aqui presentes, a evocação da primeira resposta, seguida de risos, parece vir na sequência da perseveração já acentuada no cartão anterior e que nos remete à tendência para a equação simbólica. Talvez, perante esta consciência e possivelmente a ideia de que há uma resposta certa para cada cartão, o sujeito dá a resposta morcego, após uma grande hesitação e alternância entre as duas imagens.

A explicitação do inquérito vêm então desnudar a clivagem aqui presente, a borboleta “boa”, símbolo feminino e não ansiogénico, e o morcego “mau” (vampiro), símbolo que nos remete para um animal ansiogénico no qual está patente uma agressividade oral muito intensa. Desta forma, apesar da possibilidade de representação íntegra que aqui parece estar patente num primeiro momento, esta vêm a revelar a falta de unidade do sujeito através de uma identidade de representação instável e clivada.

Cartão VI

Após um curto tempo de latência, o sujeito dá a resposta “Uma folha de árvore meio carcomida, faltam-lhe partes.”, num cartão compacto que remete para a identificação à masculinidade. Esta resposta de má qualidade formal, vêm aqui testemunhar a ausência de integridade corporal numa imagem de degradação.

No inquérito o sujeito especifica melhor a imagem dada, “O caule da folha (eixo) e a folha seria assim (toca no cartão como que preenchendo as imagens) e faltam-lhe partes, vai sendo comida pelos animais...Não posso dizer que não tenha gostado: lembra-me o processo da natureza, as coisas nascem, morrem e transformam-se, até gostei...”.

Observa-se assim uma ausência de distância em relação à prancha e a necessidade de preencher a imagem, que, vai desaparecendo à medida que é “comida pelos animais...”, remetendo portanto para uma temática oral de destruição.

Ainda assim, talvez pelo carácter compacto do cartão, este não parece testemunhar a mesma angústia da falta e de fragmentação que observámos nos cartões bilaterais. Aqui, a forte figuração do eixo central leva a outro tipo de movimento. A incompletude aqui expressa parece remeter para um contexto de destruição no contacto com o outro. É mais uma angústia de aniquilamento e de perda do ser que aqui está patente. Ainda assim, no inquérito, o sujeito recorre a uma estratégia de intelectualização que possibilita alguma transformação do contexto de destruição e morte, bem como um restauro do dano narcísico.

Já na prova de escolhas, esta prancha, escolhida negativamente, é então descrita da seguinte maneira “Este, folha...faltam-lhe partes, um processo de decomposição” o que vem, por sua vez, negar a força das capacidades de restauração e acentuar a temática de morte e de desvitalização aqui expressa.

Cartão VII

Neste cartão, após um visível esforço da parte do sujeito, com várias manipulações do cartão, a resposta não surge. As associações dadas pelo sujeito, tanto na parte espontânea como no inquérito, põe a tónica na incompletude e na falta: “Não sei.....^ ...Faz lembrar qualquer coisa que eu não sei bem o que é, parece que falta qualquer coisa”; “É a ausência de qualquer coisa. Por mais que estes riscos à volta não estejam bem definidos, falta qualquer coisa, é a zona branca que está envolvida pela parte negra.”.

Observa-se aqui a incapacidade de distinguir uma figura do fundo que a envolve. E, uma vez mais, observamos a incapacidade de figurar a relação num cartão aberto e bilateral. A forte interpenetração entre o dentro e o fora, bem como a tonalidade cinzenta esbatida dão a este cartão um carácter inacabado e desarticulado. Perante esta ausência de definição, perante a falta de limites postos pelo exterior que permitam ao sujeito pensar, a resposta não surge. A possibilidade de diferenciação forma / fundo não acontece.

A solicitação simbólica, que aqui se prende com o posicionamento face ao sexo feminino e remete à relação com a imago materna, vai assim reactivar no sujeito uma forte angústia e uma sideração de pensamento perante a incapacidade de representação, perante a incapacidade de pensar o vazio gerado pelo estímulo.

Assim, na ausência de uma resposta, observamos, tanto na fase espontânea como no inquérito, uma tentativa da parte do sujeito de preencher com palavras o vazio associativo. Deste modo, tal como é referido por Chabert (1998/2000), este tipo de recusa, não se trata tanto de uma verdadeira recusa consciente do cartão, mas de uma incapacidade para atribuir sentido, uma necessidade demasiado imperiosa de falar da falta de sentido do material. Observa-se assim, o extremo de um paradoxo que mostra simultaneamente a força da vinculação e a sua negação.

Assim, neste sujeito, este cartão parece reactivar o fantasma de uma relação simbiótica e revelar uma separação impossível de operar.

Cartão VIII

Neste primeiro cartão da série pastel, que remete para a representação da relação e para a adaptação do sujeito ao mundo exterior social, há uma entrada directa na expressão. Surge então uma resposta global, com integração da cor na forma, contudo uma forma de má qualidade. Uma vez mais, a tendência para evitar a relação está aqui patente numa resposta global a um cartão bilateral. Há uma certa manutenção da consciência interpretativa ao longo da resposta, mas a grande derrapagem está aqui patente ao nível do conteúdo e das associações dadas pelo sujeito.

A resposta “pulmões” constitui uma anatomia que vem revelar uma reacção disfórica a este cartão, tendo como corolário o interior do corpo. Num cartão que testemunha o tipo de investimento do meio feito pelo sujeito, as preocupações com o corpo parecem aqui tornar-se dominantes. Por sua vez, os afectos induzidos pela presença da cor, vão originar a clivagem (“Pulmões assim de fumador e de não fumador, há umas partes que ainda estão boas, e há outras que não, por causa das cores”). No mesmo, cabe a contradição, *pulmões de fumador e de não fumador*. São dois pulmões? Não parece, *há umas partes boas e outras que não*. A clivagem afectiva gerada aqui pelo impacto das cores vai levar assim à confusão, fumador / não fumador, que ainda assim sofre uma tentativa de integração num segundo momento. No entanto, a imagem de má qualidade formal não permite um efectivo funcionamento deste mecanismo de defesa, mais do que uma separação ficam aqui patentes as dificuldades de diferenciação.

Já no inquérito, o sujeito consegue aceder à banalidade. A diminuição da ansiedade arrastada da ausência de resposta ao cartão VII e, provavelmente, a maior proximidade com o clínico, vão possibilitar o aparecimento da resposta adicional: “Mas por outro lado, faz-me

lembrar um animal aqui, não sei que tipo de animal, mas faz lembrar com quatro patas. E também me faz lembrar que está à beira da água e está a ver a sua imagem.”.

Forma-se então uma resposta apreendida em D, mais especificamente uma cinestesia de boa qualidade formal, com participação e inclusão da cor (D kanC A Ban). O recorte da mancha vai aqui favorecer o domínio das emoções e dos afectos, que se revelaram desorganizantes na abordagem global da fase espontânea da prova.

Confirmadas aqui, nesta resposta adicional, a possibilidade de aceder ao símbolo (ainda que um demasiado vasto, um *animal de quatro patas*) e de estabelecer a diferenciação, bem como uma contenção efectiva mediante uma cinestesia, resta então perguntar sobre a qualidade da relação aqui figurada. De facto, o sujeito só parece aceder à banalidade mediante a rotação lateral do cartão, na qual os rosas laterais ficam invertidos um relação ao outro. Deste modo, o evitar da relação vai aqui acontecer mediante um mecanismo de desdobramento, não há dois, há um que vê a sua imagem reflectida, mecanismo narcísico, que vêm assegurar a frágil identidade do sujeito.

Cartão IX

Desde logo, a angústia e a excitação provocada pelo aparecimento do cartão transparece nos risos, nos movimentos corporais, nas manipulações e nas hesitações. Surge então a resposta, após uma precaução verbal, “Isto faz-me lembrar órgãos sexuais, de homem e de mulher. Aqui esta parte do homem (rosa), esta (resto) de mulher, porque é assim envolvente...”.

Num cartão onde a solicitação à regressão é dominante e que remete para um simbolismo materno pré-genital, o sujeito dá uma resposta onde transparece o interior do corpo e a desordem dos limites entre o dentro e o fora. Este cartão, devido à forte interpenetração das cores, vai dar conta da incapacidade de estabelecer os limites que está presente neste sujeito, revelando a incapacidade de contenção. Está aqui evocada uma espécie de transparência do envelope que deixa a descoberto os órgãos, numa imagem de elevado cariz sexual.

Num cartão que se considera como o mais regressivo da prova, sendo mesmo denominado por cartão uterino, o sujeito não apresenta uma imagem que possa remeter para o interior materno. Ele *dá* uma imagem do interior do corpo feminino, aqui interpenetrada pelo órgão sexual masculino, assim equacionando o símbolo à coisa simbolizada.

Uma vez mais, o vazio, a parte central branca no cimo do cartão, não vêm aqui suscitar uma bilateralidade, mas sim um acento na necessidade de definir os limites que contornam o espaço vazio, “esta parte de mulher, porque é assim envolvente...”.

Cartão X

Neste cartão, em que se acentua a dimensão transferencial devido ao corte que se vai produzir na relação entre o examinador e o sujeito e que apela às possibilidades de síntese e de organização do mundo exterior e do mundo interno, o sujeito demonstra alguma dificuldade em responder, patente no aumento do tempo de latência. Após várias manipulações e risos, surge a resposta com um extremo acento da precaução: “*Isto pode ser imaginação minha*, um anjo que está a cair ao poço do inferno, é um anjinho a descer às profundezas. Isto aqui é, sei lá, as paredes do inferno, não sei, e esta aqui é a escuridão, a partir daqui já não se sabe nada, aterra-se no esquecimento, com certeza, não sei”.

A resposta de má qualidade formal é reveladora de uma tentativa de unificação arbitrária. O anjo não é figurado e o inferno parece ir sendo constituído pelo sujeito à medida que vai associando sobre uma primeira impressão *da sua imaginação*.

A cinestesia, da queda do anjo ao poço do inferno, parece aqui dar conta do vivo, mas um vivo delirante, que parece, de facto, obedecer mais à imaginação do sujeito, do que aos constrangimentos impostos pela realidade.

A simultaneidade de expressões contraditórias de prudência e certeza vêm acentuar a sensibilidade paranóide e mostrar a ausência da consciência interpretativa, apesar da conduta hipervigilante que o sujeito tenta assumir perante as reactivações do cartão.

Deste modo, perante este último cartão da prova, talvez devido ao desgaste dos mecanismos defensivos, talvez devido ao acentuar da dimensão transferencial, observamos uma imagem que dá conta do vivo do espaço psíquico, mas num espaço psíquico alterado, no qual os constrangimentos da realidade já não parecem ser tidos em conta.

Os mecanismos de clivagem estão aqui também patentes nos conteúdos anjinho / inferno. Contudo não se mantêm, no final, através de um movimento de identificação projectiva, o anjinho cairá e será aterrado algures num esquecimento nas profundezas desse continente / claustrum / inferno, onde já não se sabe nada...

4.4.2. Análise do Psicograma

Relativamente aos traços que se salientam no psicograma verificamos que o sujeito deu uma maioria de respostas bastante reduzida, apresentado por isso um nível baixo de produtividade ($R = 13$). Destacam-se quatro cartões com duas respostas por cartão, o I, o II, o III e o V, uma recusa ao cartão VII e uma resposta a cada um dos outros cinco cartões, o IV, o VI, o VIII, o IX e o X. Não se observa, por isso, uma diferença significativa na produção entre os cartões unitários e bilaterais ou entre os primeiros sete cartões e a série pastel. No inquérito, o sujeito acrescenta algumas características às imagens dadas na fase espontânea e nota-se uma certa acalmia da angústia, aparecendo, talvez por isso, a resposta adicional ao cartão VIII. Consegue também aceder à banalidade do cartão III sugerida no inquérito de limites.

Já em relação ao tempo de latência⁵ destaca-se um primeiro aumento nos cartões II e III que se caracterizam pela presença da cor vermelha, sendo também ambos cartões bilaterais de carácter aberto. Há um ligeiro aumento nos três cartões seguintes, o IV, o V e o VI, sendo que, dois dos maiores tempos de latência verificados são nos últimos dois cartões da prova, o IX e o X. Apenas nos cartões I e VIII há uma entrada directa na expressão. No cartão VII não é dada uma resposta mas há um aumento considerável do tempo de procura de uma imagem, que aqui não foi bem sucedido. Uma vez mais, a variabilidade nas reacções não nos permite tirar grandes conclusões que permitam diferenciar, à partida, uma atitude diferente em relação a algum agrupamento de estímulos, à parte da sensibilidade à cor vermelha nos cartões II e III.

No que se refere ao tipo de apreensão da mancha Rorschach, destaca-se desde logo uma elevada percentagem das respostas G (78%). Temos portanto oito respostas G num total de treze respostas, sendo que seis delas são G simples. De acordo com Chabert (1997/1998), a presença de G simples num protocolo, quando associados a formas de boa qualidade, ilustram a capacidade de inserção numa realidade objectal claramente definida e diferenciada. Deste modo, estas respostas dão conta, por um lado, da referência possível a um objecto total e por outro, a uma apreensão de si enquanto sujeito, entidade íntegra relativamente a esse objecto. Porém, a utilização excessiva de respostas G pode também remeter para uma moldagem a uma percepção que se impõe, sem existir um esforço pessoal de elaboração ou construção.

⁵ Na ausência de uma contagem do tempo no protocolo fazemos esta análise mediante as reticências colocadas pelo examinador.

Desta forma, uma maioria de G pode evidenciar uma atitude defensiva que consiste em não se aplicar numa procura mais aprofundada ou mais pessoal (Chabert, 1997/1998).

Para além dos G simples, encontramos também uma resposta Gbl (II) e uma resposta D/G (X). Na primeira encontramos a integração do branco central numa resposta global. Tendo em conta que está associada a uma forma de má qualidade, este modo de apreensão poderá assim ser testemunho de uma problemática de diferenciação sujeito-objecto, visto que não se destaca uma forma de um fundo diferenciado. Aqui, a tentativa de elaborar falha, talvez porque os elementos projectivos têm uma incidência demasiado forte, alterando a relação com a realidade do cartão e levando, por fim, a uma construção ilógica (Chabert, 1997/1998). Por sua vez, a apreensão em D/G constitui um G contaminado, ou seja, em que se observa uma sobreposição de imagens ou associações distintas na qual a resposta final resulta numa combinação absurda. Este modo de apreensão poderá assim revelar uma fragilidade ao nível do envelope corporal.

Assim, olhando novamente o psicograma podemos observar que apenas três respostas G estão acompanhadas de formas de boa qualidade, e apenas essas poderão dar conta da presença de capacidades de diferenciação no sujeito. A elevada percentagem de G que aqui encontramos constitui-se, então, maioritariamente por G de má qualidade formal, o que remeterá exactamente para o contrário, ou seja, a falta de distinção entre o sujeito e o objecto e para a ausência de integridade do sujeito.

Encontramos também neste protocolo apreensões em D, ainda que a sua percentagem se encontre bastante baixa (23%). Destes há uma resposta D (III) e dois Dbl (III, IX). Contudo, esta utilização de D não se demonstra eficaz, ou seja, não permite um melhor controlo perceptivo devido ao determinante que lhe está associado (C). O D serve aqui a expressão projectiva do sujeito e perde a sua conotação de adaptação e socialização. Por sua vez, as duas respostas Dbl, em que se observa uma inversão figura / fundo, são também de má qualidade formal. Segundo, Chabert (1997/1998), este tipo de apreensão, independentemente do registo conflitual específico em que se situe, remete para um contexto de falha, falta e incompletude. Traubenberg (cit. por Chabert, 1997/1998) refere também que os Dbl, sempre acompanhados por uma centração nos limites que contornam a mancha, revelam dificuldades em penetrar verdadeiramente no cartão e demonstram uma forma de abordar hiperpormenorizada em que a firmeza dos traços e dos limites é sempre posta em causa.

Desta forma, podemos constatar que a utilização das respostas D não vêm equilibrar as falhas já observadas na maioria das respostas G, estas apenas parecem servir de suporte às

expressões fantasmáticas e pulsionais e vêm revelar brechas nas tentativas de circunscrição da mancha (Chabert, 1997/1998).

No que se refere aos determinantes, a percentagem de F encontra-se na média (61%), contudo, tal como já referimos apenas três são de boa qualidade. Deste modo, a percentagem de F+ é muito baixa (23%) e não é de todo compensada pelo valor de F+% alargado que apresenta o mesmo valor. Verifica-se assim que quando o sujeito funciona noutra registo para além do da percepção pura, ou seja, quando a cor e as cinestésias influenciam as respostas do sujeito, estas não vêm de todo ajudar a manter o controlo, já que se constituem como formas de má qualidade. Assim, uma abordagem em F, quando de boa qualidade, irá ser testemunha das capacidades de diferenciação entre o interno e o externo, delimitando a configuração da mancha, sendo que, neste caso, não parecem ser suficientes para considerar que as capacidades de diferenciação estão bem estabelecidas neste sujeito. O elevado número de determinantes de má qualidade formal sublinha então o desinvestimento da realidade e da objectalidade.

Relativamente às cinestésias encontramos uma resposta K (X) e uma resposta kob (I) na parte espontânea da prova. De salientar que durante o inquérito, as duas respostas adicionais que surgem são ambas cinestésias, no cartão III, a resposta ao inquérito de limites, e no cartão VIII, a resposta adicional. Deparamo-nos assim com um número reduzido de cinestésias na parte espontânea da prova e ambas de má qualidade formal. No entanto, apesar da derrapagem formal, a sua presença neste protocolo, bem como o seu aparecimento no inquérito, poderá, ainda assim, ser considerada de forma positiva. Já que, segundo, Chabert (1997/1998), as cinestésias são sempre testemunhas do vivo, da persistência de um dinamismo interno, de um espaço psíquico habitado, ainda que transformado.

No que toca aos determinantes sensoriais há uma presença relativamente mais acentuada. Encontramos duas respostas FC (II, VIII), ambas de má qualidade formal, e uma resposta C pura (III). Aqui a circunscrição da cor pela forma, ou seja, o determinante FC não apresenta o seu valor positivo já que a forma é de má qualidade, contudo, poderá, ainda assim, assegurar minimamente as capacidades de contenção do sujeito. Já a resposta C pura ao cartão III indica as falhas destas capacidades, a incapacidade de conter a angústia gerada pela presença da cor vermelha muito dispersa.

Deste modo, o Tipo de Ressonância Intima apresenta-se extroversivo misto, dando conta da influência do exterior sobre o sujeito, ou seja, uma menor capacidade de colocar distância entre si próprio e o mundo. A Fórmula Complementar, ao ir no sentido inverso poderá, por sua vez, ser indicativa de que, apesar de uma maior utilização do determinante sensorial, esta

não se inscreve num verdadeiro investimento ou numa lógica de prazer, mas sim numa submissão do sujeito face ao material e a invasão e a impressionabilidade face às solicitações desencadeadas pelas cores.

Assim, o baixo valor da Reactividade Cor (23%) vêm acentuar uma certa tendência para a limitação da expressão emocional que também é possível observar ao nível da diferença, não muito acentuada, entre os dois polos do T.R.I.. Parece, assim, que tanto a expressão sensorial como a cinestésica neste protocolo não são feitas livremente e com prazer mas se constituem como derrapagens nas tentativas de formalização e englobalização dominantes.

Também o choque ao cartão VII, mais propriamente a recusa do cartão, e os três equivalentes choques nos cartões III, IX e X poderão remeter para o esforço nas tentativas de formalização e englobalização, dando conta das dificuldades do sujeito em lidar com a dispersão, já que são todos cartões abertos e bilaterais.

Por último, ao nível dos conteúdos encontramos pouca variabilidade (A, (H), Hd/Sx, Obj, Sg, Bot, Anat) com uma percentagem acima da média de conteúdos animais (A= 54%). Esta elevação do conteúdo A poderá assim constituir uma defesa, a utilização de uma carapaça social para evitar o contacto com a relação verdadeira (Chabert, 1997/1998). Consta-se também que estes conteúdos, associados a formas de má qualidade, não vão ser testemunhas de uma conduta adaptada, mas sim acentuar um registo mais projectivo e interpretativo. Deste modo, apenas três respostas animais são adaptadas e constituem as únicas banalidades da fase espontânea. Este valor encontra-se abaixo do desejável, mas, ainda assim, garante a manutenção de um mínimo contacto com uma realidade externa reconhecida como tal.

Já o valor de H% encontra-se na média (15%), contudo este é totalmente composto por um (H) e um Hd, o que vêm a alterar bastante o seu significado. Assim, a ausência de conteúdos humanos na fase espontânea poderá indicar a fraca capacidade de identificação com uma imagem humana, dando conta de uma problemática ao nível da identidade. O facto do H% ser em parte constituído por um (H) remete, de acordo com Chabert (1997/1998), para um refúgio num mundo cortado da realidade, onde reina o irreal e o delírio. Por sua vez, a presença de Hd e a sua incidência no protocolo testemunha a ausência de integridade da imagem do corpo e da existência de uma angústia de fragmentação. A par com estes conteúdos encontramos também a presença de conteúdos Anatomia e Sangue, que, neste contexto, vêm acentuar as fragilidades já referidas. É de salientar, ainda, que é nos cartões pastel que surgem as imagens do interior do corpo (Anat), as imagens parcelares da representação humana (Hd) e a figuração da imagem humana irreal ((H)), o que vem revelar as dificuldades do sujeito em se organizar perante a solicitação mais regressiva destes cartões.

4.4.3. *Análise Global do Protocolo*

Desde um primeiro momento destaca-se neste protocolo a precaução, o receio e o evitamento da relação. O sujeito parece assim recear o contacto com o objecto. Objecto esse que parece simultaneamente, ser necessário, constituir um recurso que vêm ajudar o sujeito a pensar.

Deparamo-nos então com um paradoxo, demasiada distância ao objecto que vai petrificar os processos de pensamento, demasiada proximidade que arrasta a confusão com um mundo e o delírio. Algures no meio, uma conduta adaptada, onde está presente alguma capacidade de mediar entre o interno e o externo.

Na aproximação, vemos a emergência dos mecanismos paranóides, os objectos tornam-se pontiagudos, agressivos, salientes. Há uma invasão do mundo interno pelo mundo externo, que arrasta a confusão entre o sujeito e o objecto. A sensibilidade cromática é acentuada e os objectos ganham a possibilidade de serem representados em movimento. A utilização dos mecanismos de clivagem vai permitir uma diferenciação, não muito estável é certo, mas que assegura minimamente os processos de pensamento.

No distanciamento, contudo, a incapacidade de atribuir significado parece dominar a experiência do sujeito. Os movimentos projectivos são inibidos e, mais do que na relação, é na própria identidade do sujeito que esta se vai revelar. Já que, na sua raiz, este distanciamento, não se faz entre dois objectos, mas na impossibilidade de separar os objectos. Observa-se aqui a contradição entre a simbiose e o terror causado por ela, tal como é postulado por Bendetti (2003), e que conduz a uma ruptura de ligações entre os acontecimentos, os pensamentos e os afectos.

Deste modo, o reduzido número de respostas vêm salientar, desde logo, a força da inibição projectiva e a secura dos processos de pensamento. O sujeito parece ter dificuldades em associar.

A impossibilidade de pensar, acentua-se nos cartões que remetem para a relação. Nestes, transparece um enorme esforço de globalização e de formalização. A possibilidade de figurar uma relação está aqui extremamente limitada.

As pranchas são assim maioritariamente apreendidas em G, o que vem revelar uma ausência de pensamento sobre o estímulo e a compulsão à repetição, bem como uma tendência à perserveração. A boa qualidade das formas encontra-se extremamente afectada.

Ao nível do psicograma é também no baixo valor da Reactividade Cor e na diferença não muito acentuada entre os dois polos do T.R.I que esta tendência se vai revelar. A expressão

sensorial e cinestésica tem pouca liberdade, parece constituir-se mais como uma derrapagem na formalização e na englobalização que tendem a ser dominantes.

A proximidade transparece, assim, quando o sujeito, consegue, devido ao recurso ao clínico ou a uma maior atenção ao objecto, dar uma imagem integra, por vezes, até adaptada, mas que não se sustem. A intensidade dos mecanismos projectivos vem, na maioria das vezes, assumir o controlo e arrastar o sujeito para uma vivência desrealizada e delirante.

Ainda assim, é nesta maior proximidade, nesta maior ligação, que se vão figurar as poucas possibilidades de representar a relação. Está aqui presente na resposta adicional do cartão III, na resposta adicional do cartão VIII, numa imagem claramente narcísica e na última resposta do protocolo. Relações, todas elas, carregadas de mecanismos patológicos e de evitamento da relação, mas que ainda assim vêm dar vida a um protocolo, que de outra forma não seria mais do que uma dispersão de partes num todo sem limites.

Deparamo-nos então com um protocolo que revela, num primeiro plano, a força da inibição e a progressiva secagem dos processos de pensamento, mas, onde, ainda assim, sobressaem com alguma intensidade mecanismos da ordem do vivo, delirantes sim, mas que vêm alimentar os processos de pensamento.

4.5. Discussão do Protocolo

Neste trabalho estabelecemos que, quando há indiferenciação, incapacidade de conter a ausência e incapacidade de representação não há possibilidade de viver o espaço psíquico. Desta forma, estas três características presentes na patologia psicótica vão alterar a vivência do espaço. Assim, o espaço psíquico na psicose transforma-se assim num não espaço, um verdadeiro buraco negro que domina a mente e aniquila as possibilidades de crescimento e de aprender pela experiência. De facto, observámos a impossibilidade de viver o espaço psíquico no sujeito escolhido para este estudo.

Ao estabelecermos a **incapacidade de diferenciação** como primeiro parâmetro de análise, procurámos ver de que forma e com que frequência o sujeito do nosso estudo apresentava esta característica que, no Rorschach, se identifica através de um vasto conjunto de sinais que tentámos de alguma forma dar conta. Estabelecemos então que, quando a incapacidade de diferenciação estivesse presente, iríamos encontrar uma vivência de simbiose e confusão com o mundo que contribuí para a impossibilidade do desenvolvimento da experiência espacial. Esta estaria então patente na eliminação das fronteiras entre o sujeito e o objecto, a acontecer através do mecanismo de identificação projectiva. Da mesma forma, estabelecemos que iríamos encontrar a recusa e a negação da existência de uma verdadeira relação, pois esta pressupõe a possibilidade de um sujeito se afirmar como sujeito e de estabelecer a diferenciação com o outro.

Como era esperado, observámos no protocolo as marcas desta confusão entre o sujeito e o objecto. Desde logo, a ausência de consciência interpretativa, reveladora da ausência de um eu diferenciado, que se manifesta de forma intermitente, por vezes bastante acentuada, ao longo de toda a prova.

Num sujeito em que as precauções verbais vêm acentuar a necessidade de vigiar os limites entre o eu e os objectos, a ausência destas precauções vêm, em muitos casos, dar conta da ausência de consciência interpretativa, como podemos ver nas respostas dois, três, quatro, cinco e dez. Por outro lado, este movimento vai também estar patente na ideia de que há uma resposta certa a detectar (IV- “Não posso dizer borboletas a tudo, pois não?”), na certeza quanto à veracidade do conteúdo proposto e na presença simultânea de dúvida e certeza (X- “aterra-se no esquecimento, com certeza, não sei”) e, ainda, na adivinha (III – “É isto, não percebo bem o que é, não sei se é um berço”). A própria expressão da dúvida manifesta-se

aqui, tal como postulado por Husain (1996), entre o sujeito e a sua própria actividade de percepção, realçando a ausência de um eu que interpreta.

Destacámos também, como uma das marcas da indiferenciação, a relação simbiótica que o sujeito estabelece com o examinador, que se vai aqui manifestar através da construção de um discurso sem meta-comunicação, implicitamente acessível para o outro. Este movimento está assim patente na falta de especificação a algumas das imagens dadas, como podemos ver nas respostas seis e treze. Noutra registo, a luta contra esta simbiose, num movimento mais paranóide, está também presente no protocolo, revelando-se exemplarmente nas perguntas colocadas no cartão III (“E as cores têm alguma importância?...Vocês põem por alguma razão...”).

Por sua vez, a elevada percentagem de respostas G (78%), acentuada pela má qualidade formal, vai dar conta da falta de sensibilidade às mudanças do estímulo e revelar as falhas nas capacidades de diferenciação. A utilização do Gbl (II (3)) e da resposta G confabulada (X) vêm confirmar a falta de separação dos objectos.

Não observámos o recurso ao recorte em pequenos pormenores, já que, neste sujeito, a necessidade de globalizar parece ser mais imperiosa.

A indiferenciação figura / fundo revelou-se também nas duas respostas Dbl (III (5); IX), de má qualidade formal e, de uma forma mais acentuada, na incapacidade de responder ao cartão VII.

Já a perserveração não acontece, mas é possível destacar uma certa tendência para a utilização deste sistema de respostas-ecrã idênticas na pergunta que antecede o cartão IV (“Não posso dizer borboletas a tudo, pois não?”).

O baixo valor de F+ (23%) patente no protocolo vai assim revelar a falha na relação com a realidade e com a diferença e, tal como é postulado por Béhar-Azoulay (1993), nem mesmo as poucas banalidades, à excepção da primeira resposta do cartão I, parecem sustentar de forma estável a eficácia dos mecanismos de apego ao real.

Em relação às cinestésias, surgem apenas duas na parte espontânea da prova, que são de alguma forma contrabalançadas pelas duas respostas adicionais. Salienta-se, desde logo, a par com o baixo número de cinestésias, a não figuração de respostas humanas em relação na parte espontânea da prova, o que remete para os danos da identidade. Deste modo, a incapacidade de evocar relações expressa vai remeter para a impossibilidade de diferenciação.

No entanto, a sua presença, acentuada pelas duas cinestésias de boa qualidade no inquérito (III, VIII) dá conta de alguma possibilidade de representar o vivo no espaço psíquico. Ainda que, os constrangimentos impostos pelo mundo externo tendam a não ser

tidos suficientemente em conta. Observa-se o aparecimento de movimentos persecutórios e / ou delirantes dificilmente ligáveis (I, III, X).

No que toca à presença e à eficácia do mecanismo de clivagem, que permitiria assegurar as capacidades de diferenciação, verificámos a sua presença no cartão V, VIII e X. Contudo, a sua eficácia é discutível, já que as barreiras de diferenciação não se mostram suficientemente asseguradas e arrastam, à força dos mecanismos de identificação projectiva, a confusão sujeito / objecto (cartão X), a dissociação da imagem do corpo (cartão VIII) e a instabilidade da identidade (cartão V).

Por sua vez, a dissociação revela-se na constituição de formas arbitrárias que remetem a modalidades de construção herméticas, pouco decifráveis. É possível observar este mecanismo nas respostas três, quatro, cinco e onze, onde, num esforço de globalização arbitrária, se torna difícil captar a imagem dada pelo sujeito. O F+% baixo, bem como o número insuficiente de banalidades vêm acentuar este mecanismo, que dá conta do corte no contacto com a realidade, não assegurando, por isso, as capacidades de diferenciação.

No que se refere ao fenómeno de duplicação, não verificámos a sua presença, já que, neste sujeito, quase toda a manifestação de uma encenação relacional parece estar barrada. Encontrámos, no entanto, um movimento de desdobramento narcísico, na resposta adicional ao cartão VIII. Esta, apesar de servir aqui a negação da relação, vai assegurar a identidade do sujeito evitando uma maior indiferenciação.

O mecanismo de identificação projectiva patológico, por sua vez, vai estar patente de cada vez que se observa a confusão do sujeito com a prancha, do sujeito com o examinador, do símbolo com a coisa simbolizada. Considerando, como é o caso, que o seu funcionamento vai assim estender-se ao longo de toda a situação projectiva, podemos destacar, por exemplo, a sua utilização na segunda resposta do cartão I. Aqui, a cinestesia de objecto vai arrastar uma libertação dos movimentos pulsionais, de tal forma acentuada que, quando chegamos ao inquérito, já não é possível distinguir se é a nave espacial que “fica agressiva, fica pontiaguda, aerodinâmica” ou a própria prancha. Uma demasiada proximidade com o estímulo, leva então à confusão entre o mundo interno e o mundo externo.

A incapacidade de conter a ausência, aparece como o segundo parâmetro de análise deste protocolo. Associado à intolerância à frustração, este conceito permitiu-nos estabelecer um conjunto de indicadores que, no Rorschach, dão conta das dificuldades em lidar com a emoção e com a angústia causada pelo estímulo. Estabelecemos que iríamos encontrar as marcas da angústia e da ansiedade excessivas que não vão permitir a emergência do

pensamento. Considerámos também a possibilidade de observar movimentos de da desorganização do sujeito com um predomínio dos impulsos destrutivos. A identificação projectiva iria assim manifestar-se de forma explosiva, revelando a presença de uma infinidade avassaladora e um terror sem nome.

Como era esperado, a incapacidade de contenção está presente neste protocolo e manifesta-se de cada vez que o sujeito não consegue elaborar, não consegue atribuir significado, petrificando a actividade associativa ou mediante verdadeiras evacuações projectivas.

Observámos assim a presença de movimentos de descontinuidade ao nível da atenção que remetem para a desorganização do sujeito perante a prova. Desordem essa que, de facto, tende a manifestar-se mais nas condutas não verbais, do que nas reacções verbais de surpresa ou desespero durante a prova. Esta desordem está patente nos risos despropositados (II, III, IX, X), nos movimentos corporais (III, IX), bem como nas várias manipulações dos cartões (VII, IX e X).

Já em relação à descontinuidade associativa entre a fase espontânea e a fase de inquérito ela não tem aqui grande manifestação. O sujeito consegue quase sempre aceder à imagem dada na fase espontânea. Poderíamos, eventualmente, destacar aqui a negação do impacto do estímulo vermelho no cartão III, mas os dados que temos não nos permitem saber ao certo se foi o vermelho central ou lateral que originou a resposta seis do protocolo.

Verificámos também, as marcas da ausência de contenção na presença da resposta C pura ao cartão III, onde o conteúdo sangue, não contido numa forma, vem revelar a fragilidade de um continente que perde o seu fluxo vital.

Os choques ao cartão VII, mais propriamente a recusa, e os equivalentes choque no cartão IX vêm acentuar as dificuldades em tolerar as angústias reactivadas por estes cartões, que remetem para a representação de imagos maternas arcaicas, acentuando uma sensibilidade dolorosa às relações de objecto precoces.

Em relação ao Tipo de Ressonância Íntima não verificámos o esperado. No sujeito deste estudo, o T.R.I. apresenta-se extroversivo misto, indicando alguma sensibilidade ao exterior e, assinalando, por vezes, a invasão emocional. Contudo, há também alguma representação das cinestésias que vem equilibrar a relação entre os dois polos. Observa-se assim um tipo de funcionamento misto, no qual não se destaca uma dilatação ou uma coartação. De facto, a incapacidade de conter, tanto o movimento como a cor, aparece neste protocolo, mas o funcionamento do sujeito não se inclina nem para o extremo da sensibilidade ao exterior, nem para o extremo das invasões fantasmáticas. E, apesar da tendência à limitação das incidências

projectivas e delirantes estar aqui expressa (nenhum dos polos se manifesta muito acentuadamente), não há uma completa barragem às incidências projectivas e emocionais.

Deparámo-nos também com a falha da função de continência ao nível dos conteúdos expressos no protocolo. Por um lado, a presença de conteúdos fragmentados e sem possibilidade de síntese dos elementos percebidos, apesar das tentativas de englobação do sujeito (II, III (5), IV, VI, VIII). Por outro, as referências ao corpo em imagens mutiladas e fragmentadas (IV, VI). E ainda, a presença de conteúdos específicos que vêm testemunhar a ausência de integridade corporal (III (6) – Sg; VIII – Anat; IX – Hd/Sx).

Por sua vez, a ausência de respostas humanas inteiras (só surge uma no inquirido de limites perante a solicitação do clínico) vai assim acentuar a presença de uma dissociação da imagem do corpo, que testemunha a inexistência de envelopes continentais.

Desta forma, observámos neste protocolo uma presença acentuada da angústia de fragmentação e de aniquilamento, que vai dar conta da incapacidade de contenção presente neste sujeito. A fragmentação, por um lado, revela-se, como já realçámos, nas apreensões arbitrárias, nas formas de má qualidade, nos conteúdos parcelares, numa ausência de integridade de um corpo que aqui revela os seus interiores. A angústia de aniquilamento, por sua vez, está presente no medo do contacto com o outro, outro esse que, muitas vezes inserido num contexto de agressividade oral muito intensa, pode destruir o sujeito. As marcas da sensibilidade paranóide, neste protocolo, vêm revelar o medo do dano e destruição mútuos: a nave espacial (agressiva, pontiaguda, aerodinâmica), o bico da galinha, os olhos salientes, a folha que vai sendo comida pelos animais. Num contexto mais arcaico, já não é a presença do medo dessa perda do ser, mas as marcas efectivas de uma integridade destruída, revelada em temáticas de incompletude e falta (IV, VI, VII).

Assim, a falta da noção de continentais vai revelar a presença de uma identificação projectiva explosiva, num espaço vasto sem limites e que não tem possibilidades de representação. Este mecanismo está aqui patente, de forma mais manifesta, em vários momentos. Desde logo, no cartão I, resposta dois, que, quando especificado no inquirido, vêm revelar a ausência de limites desta associação “*Tudo* lembra imagens espaciais”. A nave espacial parece assim perder-se na infinitude do espaço. Está também patente na resposta seis ao cartão III (“Sangue, só sangue”), na incapacidade de conter um líquido, que tanto pelas dificuldades na abordagem ao cartão como pela repetição da palavra, parece expandir-se infinitamente. O exemplo mais flagrante deste mecanismo é a recusa ao cartão VII, onde a ausência de diferenciação entre o continente e o conteúdo é total, aqui nem nos podemos agarrar a uma remota tentativa de pensar a relação continente-conteúdo. Por último, no cartão

X, no qual a imagem do inferno, de má qualidade formal, nos mostra uma vez mais, a impossibilidade de conter, um mundo interno sem limites e que, ao mesmo, aprisiona e sufoca.

Finalmente, o terceiro parâmetro de análise estabelecido, a **incapacidade de representação** permitiu-nos agrupar um conjunto de indicadores que dão conta da impossibilidade de atribuir significado no Rorschach. Postulámos que, quando a incapacidade de diferenciação estivesse presente, bem como a incapacidade para tolerar a ausência do objecto, iríamos encontrar a equação simbólica no lugar do símbolo. Iríamos encontrar movimentos onde está patente o reverso da função alfa e o retirar de significação, ao invés de movimentos que permitem a formação de símbolos. A presença de bizarrias, por sua vez, iria revelar a existência de um mundo psíquico invadido por objectos bizarros e por construções delirantes.

Como era esperado, observámos movimentos que dão conta do funcionamento em reverso da função alfa, do ataque aos elos de ligação. Há de facto, neste protocolo as marcas de uma necessidade de ruptura com os objectos. O sujeito não se demora nos cartões, as associações são pouco desenvolvidas, com podemos ver no número bastante reduzido de respostas e no tempo por cartão. Deste modo, é mediante a desligação que o sujeito vai tentar evitar o impacto dos objectos (como por exemplo, no cartão I), devido ao receio de ser captado por um e nele se perder.

Observámos também a existência de um funcionamento mental comprimido, com uma utilização reduzida de elementos (pouca variabilidade de conteúdos) e que são portadores de uma significação repetitiva e limitada (a percentagem elevada de A; a compulsão à repetição nos modos de apreensão, a elevada percentagem de G; as tendências à perserveração, no cartão IV e V).

No que se refere à ausência de espessura simbólica dos conteúdos dados pelo sujeito, destacámos, desde logo, a dificuldade de associar, de estabelecer os elos de ligação, perante uma grande maioria das respostas neste protocolo (três, quatro, cinco, seis, sete, oito, dez, onze, doze).

Resta assim um reduzido número de respostas que, pela manutenção da ligação entre o conteúdo latente e o conteúdo manifesto, pela presença de um movimento mais paranóide, dão conta da presença de uma certa espessura simbólica (um, dois, resposta adicional do cartão III, resposta adicional do cartão VIII, nove, treze). Estas respostas, algumas não adequadas no plano formal, permitiram-nos, ainda assim, de alguma forma estabelecer

associações aos conteúdos projectados pelo sujeito, permitiram-nos uma maior aproximação à sua vivência interna.

Destacam-se também, num extremo, respostas que são totalmente lisas, totalmente desconectadas aos significados latentes. São respostas que derivam de um simples contacto perceptivo, que não mostram qualquer ressonância fantasmática. É o caso das respostas três e quatro do cartão II e da resposta quatro do cartão III.

Na resposta sete, por sua vez, observa-se um movimento interessante do ponto de vista da espessura simbólica. Aqui, é o próprio sujeito que a vem retirar activamente. Talvez devido à imagem de potência à qual o cartão reenvia, o sujeito parece sentir necessidade de, para além de uma de uma projecção de um conteúdo passivo destruído, lhe retirar toda a tridimensionalidade, toda a espessura simbólica.

Desta forma, manifesta-se globalmente uma incapacidade de criar símbolos que se torna dominante neste protocolo. São várias as equivalências simbólicas, as impossibilidades de pensar e de associar quando os afectos reactivados são demasiado intensos para serem transformados. A distância entre o sujeito e os cartões é constantemente eliminada, não permitindo a manutenção de um espaço interno onde possa surgir um pensamento simbólico.

Gostaríamos de destacar a resposta ao cartão IX, em que a equação simbólica está claramente presente. Desde logo, a indiferenciação, patente na construção de uma imagem (Dbl) de má qualidade formal (F-), na interpenetração das imagens de órgãos sexuais, de homem e de mulher. A função de continência, por sua vez, falha, revelando partes de um corpo vistas à transparência. Por fim, a equivalência total entre um cartão que no seu significado latente remete para o corpo feminino e no conteúdo dado pelo sujeito é uma imagem do corpo da mulher. As reacções iniciais e finais ao cartão dão assim conta da impossibilidade de elaborar as emoções, da equivalência entre o símbolo e a coisa simbolizada, da falta de liberdade do sujeito.

Observámos então, de forma global, uma forma de estar no mundo desligada da realidade, um universo psíquico mais bizarro que simbólico. Construído de formas estranhas e difíceis de perceber, onde parecem existir mais partes de objectos do que objectos inteiros, onde o dentro se vê de fora, em que os objectos se tornam pontiagudos, agressivos e ameaçadores, onde não conseguimos ver exactamente onde acaba o sujeito e começa o objecto.

Assim, na presença destas três características mostra-se a impossibilidade do sujeito de vivenciar um verdadeiro espaço psíquico, dinâmico, flexível e com capacidades de mudança e de desenvolvimento.

A experiência da tridimensionalidade não tem aqui uma manifestação suficientemente estável para considerarmos que o sujeito realmente revela um mundo interno, contido e diferenciado, onde os objectos podem ser representados. Num primeiro olhar, apenas cinco imagens presentes neste protocolo poderiam remeter para a experiência da tridimensionalidade (a resposta um, a resposta adicional ao cartão três, as respostas oito e nove e a resposta adicional ao cartão VIII). Só nestas encontramos formas de boa qualidade.

Contudo, a sua falta de estabilidade, as associações que as antecedem ou precedem levam-nos a duvidar do seu valor. A resposta um, que rapidamente se transforma numa “nave espacial” que, no inquérito, parece perder os seus limites, num infinito onde *tudo* lembra imagens espaciais. A resposta adicional ao cartão III, onde a carga pulsional parece ser demasiado grande para estar contida e que termina numa instabilidade delirante. As respostas oito e nove, que no inquérito revelam uma clivagem dentro de uma unidade, eliminando assim a tridimensionalidade que poderia estar presente. E, por último, a resposta adicional ao cartão VIII, na qual a imagem especular final acaba por negar a diferenciação. Paradoxo de um narcisismo que ao reafirmar uma imagem, uma tridimensionalidade, nega a possibilidade de vida ao outro e reduz o espaço a um ponto.

Desta forma, parece existir alguma capacidade para o reconhecimento da tridimensionalidade, mas a confusão do sujeito com o mundo, a impossibilidade de conter as emoções e de pensar o espaço da ausência, e a indistinção entre o símbolo e a coisa simbolizada parecem estar demasiado presentes neste sujeito.

Assim, tal como é postulado por Grotstein (1999), observamos o colapso da diferenciação figura / fundo que arrasta o sujeito das três dimensões para a dimensão nula da vivência espacial. Esta foi possível de observar em vários momentos ao longo do protocolo, estando especialmente patente na recusa ao cartão VII, onde perante a incapacidade de pensar a ausência, o sujeito não consegue responder. Este espaço, onde poderia surgir um pensamento vê-se assim ocupado por palavras que vêm negar a ausência e a dor reactivada pelo conteúdo latente deste cartão.

A presença da unidimensionalidade, o universo da linha, também parece estar presente neste protocolo, nas condutas mais paranóides, em que dominam os sentimentos persecutórios e a clivagem, que enfatiza o bom ou o mau (cartão V, VIII e X). Observa-se alguma assimetria, alguma diferenciação, mas, como é referido por Meltzer (1975), a emoção não tem possibilidades de ser expressa por um pensamento, à excepção daquele que se pode reduzir a uma simples polarização. As coisas ou são boas ou são más, idealizadas ou persecutórias, em qualquer dos casos, ainda muito indiferenciadas, confundidas com o sujeito.

Observámos assim, de várias formas, a deformação espaço-temporal que caracteriza a vivência psicótica, o resultado das transformações em alucinoses feitas pelo sujeito, um mundo mental onde a realidade é alterada e que só parece ter significado para o próprio, tal como é defendido por Bion (cit. por Grinberg et al., 1991) e Benedetti (2003). E, acrescentaríamos, às vezes, quando a inibição domina, nem para o próprio parece ter.

Encontrámos também as marcas da sensação de aprisionamento causadas pela experiência da vida num claustro e uma vivência espacial que se assemelha à vida num buraco negro, sem espaço, insondável e atemporal e, simultaneamente, condensado, compacto e imediato, levando à ansiedade de sufocação. E a necessidade de criar um cenário arcaico e apocalíptico significativo para prevenir a dissolução mental no Nada (Grotstein, 1999), tal como vemos no último cartão da prova, na imagem de um anjinho que cai no poço do inferno, onde já não se sabe nada...

O contacto do sujeito com as pranchas não se faz com prazer, na maioria das vezes, é um contacto angustiante, do qual o sujeito parece querer fugir. É um contacto onde não se revela um espaço mental que permite o pensamento e a criação, mas um buraco negro angustiante onde a significação não existe. E, quando existe, aparece na forma de delírio que, para lidar com a angústia da não significação, cria esse cenário apocalíptico, onde se manifestam as novas leis espaço-temporais, as dimensões negativas, que vêm revelar, uma vez mais, a experiência de vida num buraco negro.

A simetria marca este protocolo, são poucas as vezes em que o sujeito consegue manter a distância entre ele e os objectos. Observamos aqui os dois princípios de funcionamento do pensamento esquizofrénico (Matte-Blanco, 1975) muitas vezes inseridos dentro do mesmo produto mental (no cartão V, por exemplo). Um adaptado à realidade e outro que se rege pelas leis do Inconsciente, onde tudo pode ser igual a tudo, onde uma parte pode ser igual ao todo (II, III (5)), onde há uma ausência de espaço mental. No lugar de objectos diferenciados observamos classes (7- “um animal qualquer”; resposta adicional do cartão VIII – “um animal, não sei que tipo de animal, mas faz lembrar com quatro patas”) que acentuam a simetria presente nas imagens dadas e que dão conta, mesmo quando as imagens são de boa qualidade formal, do predomínio de um pensamento inconsciente.

Tal como é referido por Matte-Blanco (1975), é como se a indivisibilidade absoluta fosse demasiado imperiosa, fazendo recuar de volta à identificação primária, à absoluta ausência de fronteiras (Grotstein, 2000/2003). Os continentes tornam-se infinitos, sem possibilidade de dar forma aos conteúdos. As emoções são infinitas (I (2), III (6), sem possibilidade de contenção, sem possibilidade de pensamento.

Há assim uma diminuição do espaço em vários momentos do protocolo, um espaço que se fecha de tal forma, que colapsa numa indistinção total entre o sujeito e o mundo que o rodeia. São partes de objectos que parecem constituir este mundo, partes que gravitam em torno de um sujeito ele mesmo desintegrado, pedaços que “reaparecem sob uma bizarra aparência transformativa (...), com restos vindos de outra dimensão, agora apanhados numa arrepiante deformação espaço-temporal.” (Grotstein, 1999, p.77).

Neste protocolo, é então difícil compreender o mundo mental do sujeito, uma ou outra possibilidade quando nos aproximamos do polo mais paranóico, onde a identidade está mais preservada. Mas, no geral, a representação de um mundo mental está aqui impossibilitada, porque o espaço psíquico desaparece na confusão do sujeito com o mundo, na ausência de uma função de continência e na falha do símbolo.

5.CONCLUSÕES

Ao longo deste trabalho procurámos compreender o espaço psíquico e a forma como este se manifesta na patologia psicótica. Através de uma compreensão aprofundada de um protocolo Rorschach visámos aceder às especificidades do funcionamento mental de um sujeito, no contexto do problema formulado. Na fase final deste trabalho, consideramos legítimo concluir que, através dos parâmetros estabelecidos, observámos a forma como o espaço psíquico se manifesta na patologia psicótica. Por outro lado, verificámos a possibilidade de estudar este fenómeno através do Rorschach, metodologia que efectivamente reflecte este aspecto do funcionamento psíquico.

Assim, perguntámo-nos, ao longo deste trabalho, como se iria manifestar o espaço psíquico no sujeito escolhido para este estudo. Encontrámos, então, um sujeito psicótico em que predominam as condutas inibidas que caracterizam o funcionamento esquizofrénico, mas em que as manifestações mais vívidas não estão completamente bloqueadas. Desta forma, procurámos assim compreender o fenómeno do espaço psíquico, à luz das nossas referências teóricas e metodológicas, bem como através de um olhar aprofundado sobre a dinâmica singular do funcionamento deste sujeito.

Verificámos, então, que as alterações causadas pela psicose ao espaço psíquico surgem e se expressam no Rorschach. Encontrámos, tal como esperávamos, a incapacidade de diferenciação, a incapacidade de contenção e a incapacidade de representação que vão impossibilitar, neste sujeito, a experiência do espaço psíquico. É certo, também, que encontrámos, em certos momentos, alguma possibilidade para figurar este continente mental, mas muito rara, muito instável. Como se as fronteiras, de um momento para o outro, se desfizessem e as coordenadas do espaço psíquico desaparecessem. No extremo, um x, y e z igual a um, a ausência total de diferenciação.

Estamos, portanto, perante um tipo de funcionamento mental com poucas possibilidades de expansão e crescimento – o forte ataque aos vínculos vai destruindo, neste sujeito, as possibilidades de pensar, elaborar e transformar arrastando-o, mais e mais, para as obscuridades de um buraco negro que se manifesta como a negação do espaço psíquico, *um poço infernal, onde já nada se sabe...*

Assim, ao trabalharmos com o Rorschach seguindo uma nova abordagem foi possível ver estes processos em funcionamento. Esta metodologia, aprofundada e alargada pelos

referenciais teóricos kleinianos e pós-kleinianos, por diversos autores, torna-se num instrumento que permite pensar as relações de objecto e as relações com o objecto (Marques, 1996), acedendo assim ao conhecimento das características da realidade psíquica e às propriedades e qualidades da mente.

Foi a partir destas concepções, nas quais a situação projectiva é considerada pelas vias da interpretação, comunicação, transformação e simbolização (Marques, 1999), que procurámos analisar o protocolo Rorschach, que procurámos compreender o funcionamento do espaço psíquico neste sujeito.

O espaço psíquico é aqui pensado como um continente para os conteúdos da mente, que liga, transforma, unifica e integra. Este vai então revelar-se no processo de construção da resposta, no processo de atribuição de sentido feito por um sujeito em relação.

Assim, foi através do estudo da relação entre o externo e o interno, da capacidade de conter e da possibilidade de formar símbolos que procurámos compreender a manifestação do espaço psíquico.

O Rorschach transforma-se assim num espaço virtual, onde o sujeito terá de fazer uma transformação que opera da desordem para a ordem, do infinito para o finito, da mancha para o símbolo, só possível mediante uma actividade de diferenciação, mas também de ligação, entre o que é externo e o que é interno, o que é da mancha e o que é do sujeito. Só assim se poderá manifestar uma verdadeira experiência de um espaço psíquico tridimensional, onde é possível captar, na espessura dos conteúdos, na forma como o sujeito se entrega, as especificidades de um funcionamento mental, naquilo que o Rorschach nos possibilita compreender.

Deste modo, a forma como cada sujeito vai viver a situação projectiva vai possibilitar a análise destes processos, que, aqui, nos permitiram compreender a vivência do fenómeno do espaço psíquico deste sujeito.

Neste protocolo, observámos uma conduta paradoxal entre um excesso de inibição que paralisa a corrente associativa e um excesso de ligação que a faz transbordar para fora dos limites impostos pela realidade.

O nosso sujeito, revelou, no Rorschach, uma incapacidade de se diferenciar do mundo que o rodeia. A confusão sujeito / objecto, examinador / criador da prova, sujeito / examinador, dentro / fora, entre outras, pontuou de modo muito significativo a forma como se entregou à prova. No extremo, uma indiferenciação tão manifesta que já não se distingue qualquer possibilidade de representar uma relação, por mais patológica que se apresente. O estímulo Rorschach, pouco definido e ambíguo revelou-se mais desorganizador quando maior

a abertura do cartão ou a indefinição dos limites. O sujeito tem dificuldades em pensar a relação, porque tem dificuldades em pensar-se como uma unidade diferenciada.

Desta forma, não há a possibilidade de exercer uma função de continência, pois não há a noção de um continente com limites fixos para guardar e proteger os conteúdos da mente. Esta incapacidade de conter vai-se revelar na quase impossibilidade de representação de um corpo inteiro, as partes não são integradas num todo figurado, o corpo perde o seu fluxo vital da mesma forma que a mente do sujeito perde os seus conteúdos.

Há uma extrema dificuldade de lidar com a emoção, de tolerar a frustração da falta de significado. Para o sujeito falta quase sempre, de facto, qualquer coisa. A situação projectiva é geradora de desorganização, de angústias de fragmentação e de aniquilamento intensas. A ausência não pode ser pensada, os tempos de latência mais longos são preenchidos de risos, movimentos corporais e manipulações dos cartões. Quanto mais os cartões se tornam abertos ou difusos maior é a necessidade de falar de uma falta que se constitui como o preencher do espaço onde poderia surgir o pensamento.

O símbolo aparece muito pouco neste protocolo e quando está presente tende a diluir-se rapidamente. Desta forma, esta criação do espaço mental que permite afirmar, desde logo, a presença de uma actividade de pensar efectiva, parece ser atacada por uma necessidade de não sentido que caracteriza o mundo psicótico. O ataque aos elos de ligação, que vinculam o sujeito a uma realidade com a qual ele não consegue lidar, é forte, a dor não pode ser pensada. Deste modo, o mundo de símbolos que o sujeito nos mostra mediante a prova, não é, na verdade, um de símbolos, mas um de bizarras, partes de objectos, verdadeiros objectos bizarros, ameaçadores e confusos que é preciso evitar.

Aos poucos e poucos, a psicose tende assim para um empobrecimento dos processos de pensamento, para a morte psíquica. No nosso sujeito, em que ainda observamos as marcas de vida mental, um pouco delirantes e desajustadas é verdade, mas que ainda assim nos fazem reagir às imagens dadas, há uma tendência muito marcada para este empobrecimento. Está patente numa relação que não pode ser pensada, sem o auxílio do outro, mesmo, sem o espelho. Narcisismo que aqui vem ajudar a limitar os contornos e a figurar uma imagem. Está patente num corpo dificilmente integrado, um corpo dissecado, carcomido, um corpo sem superfície.

O espaço psíquico é aqui então um não espaço, ocupado por uma impossibilidade de pensar. Buraco negro e claustro que aprisiona e sufoca o sujeito, que dá conta da distorção com a realidade. Num mapa onde as coordenadas tendem a desaparecer até ao ponto em que

não há mais mapa e / ou a transformar-se de tal forma, que ninguém, excepto o sujeito, compreende a sua linguagem.

O nosso estudo, surgiu, assim, por uma vontade de compreender melhor o que era o espaço psíquico e a forma como este se manifestava na patologia psicótica. Surgiu também por uma vontade de trabalhar o Rorschach, instrumento que nos fascina pela imensa potencialidade que revela em cada novo contacto que com ele temos.

Chegados agora às linhas finais deste trabalho pensamos que podemos afirmar que, talvez, saibamos um pouco mais. Cientes do muito que não percebemos, do que não conseguimos captar nas malhas de uma prova que se revela complexa. A análise do funcionamento da psicose no Rorschach revelou-se difícil, uma patologia na qual esbarramos perante uma extrema dificuldade de compreensão. É difícil captar as imagens que o sujeito dá, as ligações entre os conteúdos latentes e manifestos são, por vezes, tão atacadas que nos sentimos perdidos, perante um verdadeiro bloqueio dos pensamentos.

Contudo, as nossas bases teóricas e metodológicas guiaram-nos por este percurso e vieram, na maior parte das vezes, lançar a luz em movimentos de sombras dificilmente captáveis.

De facto, o conceito de espaço psíquico revelou-se fértil e integrador, possibilitando-nos uma visão mais abrangente sobre o funcionamento da mente, mas mais especificamente, sobre as relações do sujeito consigo próprio e com o mundo que o rodeia. Este conceito quando pensado a partir da experiência da dimensionalidade trouxe-nos por um lado, uma perspectiva do desenvolvimento e por outro, permitiu-nos pensar o que acontece nas experiências do sujeito com o mundo de uma outra forma. Possibilitou-nos não só pensar a dinâmica da relação, mas o quadro, o contexto na qual essa relação se insere e que lhe dá uma forma – sem dimensões, unidimensional, bidimensional, tridimensional, multidimensional...

Parece-nos, por isso, que este conceito poderá ser mais utilizado e mais estudado para compreender o funcionamento da mente e a dinâmica do sujeito psicológico. O seu alargamento ao estudo de outras patologias e de outras manifestações psíquicas, como é o caso do sonho, poderá vir a contribuir para maiores avanços na forma como a mente e as suas relações são concebidas.

Ideias estas que, de resto, derivam de um contacto que aqui tivemos com autores que têm vindo a estudar aprofundadamente este conceito. Destes gostaríamos de destacar que um aprofundamento aos trabalhos de Matte-Blanco, que neste trabalho recorreremos mais a nível de

integração com os trabalhos de Grotstein, Meltzer e Bion, poderia constituir, só por si, um tema de interesse.

Parece-nos também que o recurso a metodologias qualitativas deverá continuar a ser valorizado e explorado, visto que apenas nestas podemos pensar a individualidade, a diferença que constituí a singularidade de cada um. Já que no muito o pouco se perde e, muitas vezes, é através de pequenos passos que se fazem grandes avanços, principalmente quando se pretende aceder a algo tão complexo como é a mente humana.

Neste sentido, a utilização do Rorschach neste trabalho revelou-se de uma enorme riqueza, pelo que não podemos terminar sem reafirmar uma vez mais o seu valor e a sua pertinência em estudos desta natureza. A maneira como tem vindo a ser desenvolvido e alargado a novos referenciais teóricos tem possibilitado, cada vez mais, um conhecimento mais aprofundado dos processos estudados, bem como um enriquecimento de uma prova que parece não se esgotar a cada novo contributo e onde muito ainda poderá ser desenvolvido.

Pensamos assim que, apesar das dificuldades, conseguimos atingir os nossos objectivos. Conseguimos compreender, na medida do que nos foi possível, a forma como o espaço psíquico se manifesta no sujeito deste estudo. E esperamos que o nosso trabalho, por muito pequeno e singular, possa, ainda assim, fazer um contributo para o contexto no qual está inserido.

6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abbagnano, N. (1976). História da Filosofia (vols. I e II). Lisboa: Editorial Presença.
- Alves, V.S. (1990). Logos: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia 2. Lisboa / São Paulo: Verbo (pp. 207-211).
- Amaral Dias, C. (1983). Espaço e Relação Terapêutica. Coimbra: Coimbra Edi.
- Amaral Dias, C. (1993). Só Deus em mim se opõe a Deus. Lisboa: Fenda.
- Anzieu, D. (1976/1978). Os métodos projectivos. Rio de Janeiro: Editora Campus.
- Béhar-Azoulay, C. (1993). La schizophrénie de l'adolescent et du jeune adulte à travers les méthodes projectives, Bulletin de la Société du Rorschach et des Méthodes Projectives de Langue Française, 37, 143-160.
- Benedetti, G. & Faugeras, P. (2003). L'expérience de la psychose. França: Éditions Érès.
- Bion, W.R. (1955/1991). Diferenciação entre a personalidade psicótica e não-psicótica. In E.B. Spillius (Ed.), Melanie Klein Hoje vol.1 (pp.69-86). Rio de Janeiro: Imago Edi.
- Bion, W.R. (1962). Learning from experience. London: Karnac Books.
- Cabral, M.F.S. (1998). Pensar a emoção: O processo psicanalítico como reconstrução da “Barreira de Contacto” (Bion). Lisboa: Fim de Século Edi.
- Calvino, I. (1990). Cosmicómicas. Lisboa: Editorial Teorema.
- Chabert, C. (1997/1998). O Rorschach na clínica do adulto. Lisboa: Climepsi Edi.
- Chabert, C. (1998/2000). A Psicopatologia à prova no Rorschach. Lisboa: Climepsi Edi.

D'Espagnat, B. (1993). Física. In F. Gil (Ed.), Enciclopédia Einaudi (vol. 24): Física (pp.11-48). Imprensa Nacional: Casa da Moeda.

Dorot, R. & Parot, F. (1991/2001). Dicionário de Psicologia. Lisboa: Climepsi Edi.

Ghins, M. (1990). Encyclopédie Philosophique Universelle (vol. II) – Les notions philosophiques dictionnaire (tome 1). Paris: Presses Universitaires de France (pp.836-846).

Grinberg, L. (1976/2001). Teoria da Identificação. Lisboa: Climepsi Edi.

Grinberg, L., Sor, D., & Tabak de Bianchedi, E. (1991). Nueva introducción a las ideas de Bion. Madrid: Tecnipublicaciones.

Grotstein, J.S. (1985). Splitting and projective identification. United States of America: Jason Aronson.

Grotstein, J.S. (1999). O buraco negro. Lisboa: Climepsi Edi.

Grotstein, J.S. (2000/2003). Quem é o sonhador que sonha o sonho? Um estudo de presenças psíquicas. Rio de Janeiro: Imago Edi.

Guaydier, P. (1983). História da Física. Lisboa: Edições 70.

Hussain, O. (1996). Structure de fonctionnement d'un penser sans « je » : à propos du penser psychotique aux techniques projectives, Psychologie clinique et projective, 2, 219-244.

Jacquard, A. (1997). Pequeno manual de Filosofia para o uso de não filósofos. Lisboa: Terramar.

Klein, M. (1930/1996). A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego. In R. Money-Kyrle (Ed.), Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (pp. 249-264). Rio de Janeiro: Imago Edi.

Koyré, A. (1961). Do mundo fechado ao universo infinito. Lisboa: Gradiva.

Legrand, G. (1983). Dicionário de Filosofia. Lisboa: edições 70 (pp. 147-148).

- Luzes, P. (2004). *Do Pensamento à Emoção: Perspectivas Psicanalíticas*. Lisboa: Fenda.
- Marques, M.E. (1994). Do Desejo de Saber ao Saber do Desejo: contributos para a caracterização da situação projectiva, *Análise Psicológica*, 12 (4), 431-439.
- Marques, M.E., & Aleixo, P. (1994) O Rorschach e o trabalho de ligação e de transformação do interno e do externo. *Análise Psicológica*, 12 (4), 459-479.
- Marques, M.E. (1996). Comunicação, interpretação e simbolização no/para o Rorschach. *Análise Psicológica*, 14 (1), 39-44.
- Marques, M.E. (1998). Prefácio à edição portuguesa. In C. Chabert (Ed.), *O Rorschach na clínica do adulto*. (pp.XI- XVIII). Lisboa: Climepsi Edi.
- Marques, M.E. (1999). *A Psicologia Clínica e o Rorschach*. Lisboa: Climepsi Edi.
- Marques, M.E. (2005). Para uma ética na avaliação psicológica: o elogio da comunicação. In A. Carita, C. Inácio, I. Pedro, J. Coelho & N. Silva (Eds.), *II colóquio europeu de Psicologia e Ética: actas*: Lisboa, 5, 6 e 7 de Novembro de 2003 (pp.127-138). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Matte-Blanco, I. (1959). Expression in symbolic logic of the characteristics of the system Ucs or the logic of the system Ucs. *The International Journal of Psycho-Analysis*, XL, 1-5.
- Matte-Blanco, I. (1975). *The Unconscious as Infinite Sets: An essay in Bi-logic*. London: Duckworth.
- Meltzer, D. (1970). Positive and negative forms. In A. Hahn (Ed.), *Sincerity and other works: Collected papers of Donald Meltzer* (pp.177-184). London: Karnac Books.
- Meltzer, D. (1974/1994). A Identificação Adesiva. In A. Hahn (Ed.) *Sincerity and other works: Collected papers of Donald Meltzer* (pp.335-350). London: Karnac Books.
- Meltzer, D. (1975). *Explorations in Autism*. Perthshire: Clunie Press.

Meltzer, D. (1992). *The Clastrum: an investigation of claustrophobic phenomena*. Perthshire: Clunie Press.

Milheiro, J. (1983). Sobre a Psicanálise nas psicoses. *Análise Psicológica*, 4 (III), 445-452.

Mora, J.F. (1991). *Dicionário de Filosofia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote (pp.128-131).

Pereira, P.N. (1998). *O Espaço e o Tempo: Intraligações*. Lisboa: Fim de Século Edi.

Pessoa, F. (1914/1998). *Ficções do Interlúdio*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Rausch de Traubenberg, N. (1983). Actividade perceptiva e actividade fantasmática no Teste de Rorschach. *O Rorschach: espaço de interacções*. *Análise Psicológica*, 4 (1), 17-22.

Rezende, A.M. (1995). *Wilfred R. Bion: Uma psicanálise do pensamento*. São Paulo: Papyrus.

Sá, E. (2003). *Patologia borderline e psicose na clínica infantil*. Lisboa: ISPA Edi.

Santos, B.S. (1987). *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Edições Afrontamento.

Segal, H. (1955/1991). Notas sobre a formação de símbolos. In E.B. Spillius (Ed.), *Melanie Klein Hoje vol.1* (pp.167-184). Rio de Janeiro: Imago Edi.

Silverman, D. (2001). *Interpretating qualitative data*. London: Sage Publications.

Stake, R.E. (1995). *The art of case study research*. Thousand Oaks: Sage Publications.

Symington, J. & Symington, N. (1997/1999). *O pensamento clínico de Wilfred Bion*. Lisboa: Climepsi Edi.

Winnicott, D.W. (1971/1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Edi.

Zimmerman, D.E. (1995). *Bion: Da teoria à prática – uma leitura didáctica*. Porto Alegre: Artes Médicas.

7.ANEXOS

7.1.Protocolo de Rorschach

<p>I.</p> <p>1- Parece uma borboleta (devolve o cartão). 2- V Uma nave espacial (ri).</p>	<p>Tudo lembra imagens espaciais, deste lado (V) fica agressiva, fica pontiaguda, aerodinâmica.</p>	<p>G F+ A Ban G kob Obj</p>
<p>II.</p> <p>3-.....Um gato (ri). E faz lembrar um gato, porque isto aqui faz lembrar os bigodes (aponta) e o nariz do gato (bl), não sei se aqui são os olhos, se orelhas. 4-.....V.....Uma galinha.....É suposto lembrar muitas coisas?....Mais nada....Uma galinha, aqui assim parece a crista e aquelas coisas que tem caídas (gestos no pescoço).</p>	<p>Galinha ou galo, e tem umas coisas caídas, o resto não faz lembrar.....Ah! E aqui também o bico da galinha, não sei (D central)</p> <p>Crista (D inferior vermelho)</p>	<p>Gbl F- A G FC- A</p>
<p>III.</p> <p>5-.....Não sei (mexeu-se).....uma rã. Não me faz lembrar mais nada.....E as cores têm alguma importância?... Vocês põem por alguma razão.....(?) 6- Sangue, só sangue.</p>	<p>O conjunto, a rã, os olhos, cabeça. As rãs têm os olhos salientes.</p> <p>Esta parte aqui não me faz lembrar nada (Verm. Lat. Sup.)</p> <p>Ad: (?) Sim, isto parece-me dois homenzinhos que estão debruçados sobre qualquer coisa que eu não percebo o que é, e tem</p>	<p>Equivalente choque Dbl F- A D C Sg</p>

	<p>uma conotação qualquer sexual, que eles estão os dois excitados, parece.....É isto (D central), não percebo bem o que é, não sei se é um berço.</p> <p style="text-align: right;">G K H Ban</p>	
<p>IV.</p> <p>7-Não posso dizer borboletas a tudo, pois não? V...^ Isto faz-me lembrar um animal qualquer dissecado.</p>	<p>Um animal dissecado, mais um rato, tirando esta parte aqui (cauda), um rato dissecado, com esta parte aqui não sei. Pela “espalmção”, parece espalmado.</p>	<p>G F- A</p>
<p>V.</p> <p>8-...V....Uma borboleta (ri) ou, um morcego, uma borboleta ou um morcego. 9- Um morcego.</p>		<p>G F+ A Ban</p> <p>G F+ A Ban</p>
<p>VI.</p> <p>10-V....^ Uma folha de árvore meio carcomida, faltam-lhe partes.</p>	<p>O caule da folha (eixo) e a folha seria assim (toca no cartão como que preenchendo imagens), e faltam-lhe partes, vai sendo comida pelos animais.....Não posso dizer que não tenha gostado: lembra-me o processo da natureza, as coisas nascem, morrem e transformam-se, até gostei...</p>	<p>G F- Bot</p>
<p>VII.</p> <p>.....V.....^..... V.....Não sei.....^..... ..Faz lembrar qualquer coisa que eu não sei bem o que é, parece que falta qualquer coisa.</p>	<p>É a ausência de qualquer coisa. Por mais que estes riscos à volta não estejam bem definidos, falta qualquer coisa, é a zona branca que está envolvida pela parte negra.</p>	<p>Recusa</p>
<p>VIII.</p> <p>11- Faz lembrar uns pulmõesmais nada. Pulmões assim de fumador e de não fumador, há umas</p>	<p>Uma parte funciona, outra não. Esses sim, estão vivos (Lar. e rosa)</p>	<p>G FC- Anat</p>

<p>partes que ainda estão boas e há outras que não, por causa das cores. Estes ainda estão bons (laranja e rosa) e estes já não, estão a ficar... (azul), e faz lembrar os pulmões por causa desta terminação aqui.</p>	<p>Mas por outro lado, faz-me lembrar um animal aqui, não sei que tipo de animal, mas faz lembrar com quatro patas < (rosa lat.) E também me faz lembrar que o animal está à beira da água e está a ver a sua imagem. D kanC A Ban</p>	
<p>IX.(ri).....(abana a cabeça)...V....^ Não sei, não sei... 12- Isto faz-me lembrar órgãos sexuais, de homem e de mulher. Aqui esta parte do homem (rosa), esta (resto) de mulher, porque é assim envolvente...</p>	<p>Homem (rosa e eixo) Mulher, esta parte envolvente (verde, laranja) à volta (bl), as paredes do útero.</p>	<p>Equivalente choque Dbl F- Hd/Sx</p>
<p>X.V....^.....V.....(ri)...^... 13- V Isto pode ser imaginação minha, um anjo que está a cair no poço do inferno, é um anjinho que está a descer às profundezas. Isto aqui é, sei lá, as paredes do inferno, não sei (rosa), e esta aqui é a escuridão (cinza), a partir daqui já não se sabe nada, aterra-se no esquecimento, com certeza, não sei.</p>		<p>Equivalente choque D/G K- (H)</p>

- (+) X- Pelo quadro pictórico: o anjo a descer no inferno e tal...
V- A dupla faceta da borboleta (que não faz mal a ninguém) e do morcego (vampiro).
- (-) VI- Este, folha.....faltam-lhe partes, um processo de decomposição.
IV- Este, animal dissecado.

7.2. Psicograma

R = 13	G = 8	F+ = 3	A = 7	G = 78% ↑↑
Recusa = VII	Gbl = 1	ΣF: 8 F- = 5	(H) = 1	D = 23% ↓↓
	D/G = 1	K = 1	Hd/Sx = 1	F% = 61% =
	D = 1	kob = 1	Obj = 1	F+% = 23% ↓↓
	Dbl = 2	FC = 2	Sg = 1	F%a = 85% ↑
		C = 1	Bot = 1	F+%a = 23% ↓↓
			Anat = 1	A% = 54% ↑
				H% = 15% =
				Ban = 3

Tipo de apreensão: G = D = Dbl =

Elementos Qualitativos:

Equiv. Choque = 3

TRI: 1K / 2,5C (extroversivo misto)

F.C.: 1kob / 0ΣE (varia no sentido inverso do TRI)

R.C. = 23% ↓

